PÁG. 3: «A CAMINHO DE UMA NOVA REPÚBLICA EM FRANÇA?» POR MAURICE DUVERGER

Diário de Lisboa

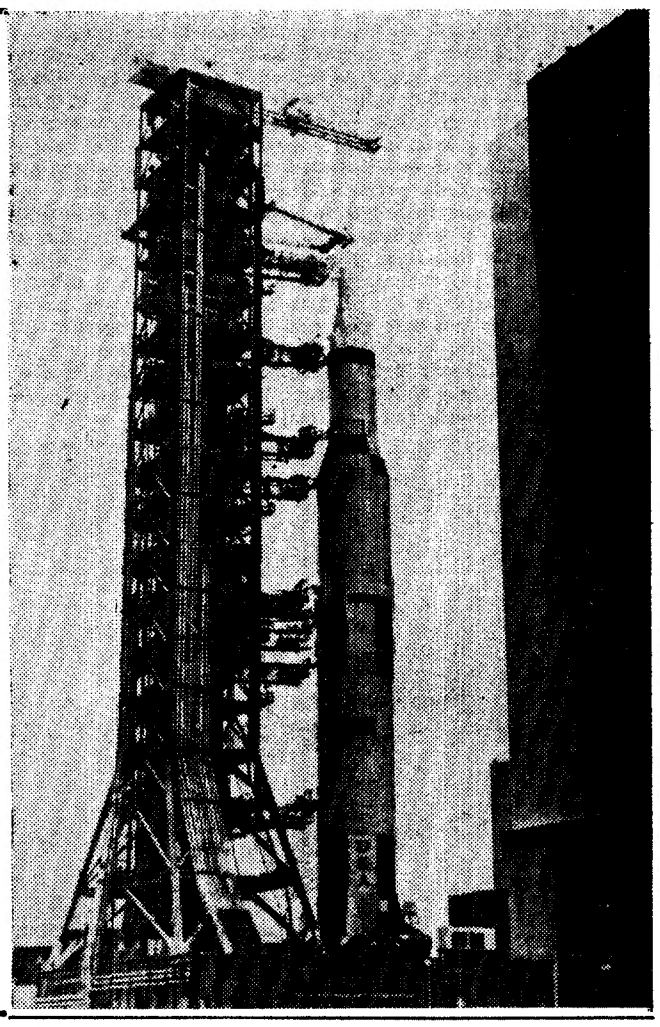
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1969 N.º 16 681 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã "anda a roda"

"TALUDA" 4 MIL CONTOS!

Em posição para o voo lunar de Julho



Já se encontra em posição, no topo de um Saturno-5, em Cape Kennedy, a nave Apolo-11, que partirá para a Lua, em 16 de Julho, a fim de se tentar a primeira alunagem, cinco dias depois. O primeiro homem a descer na superfície lunar deve ser Neil Armstrong, astronauta veterano e ex-piloto de provas do avião-foguete X-15. Cerca de 15 minutos mais tarde, caberá a vez a Edwin Aldrin de sair do «módulo lunar» e pôr os pés na Lua. Ontem, a N. A. S. A. divulgou filmes tirados durante o voo histórico da Apolo-10, que levou os astronautas Thomas Stafford e Eugene Cernan até 15 quilómetros de distância do satélite natural da Terra. (Ler notícia na pág. 12)

"Batalha" do divórcio em Itália

ROMA, 29 — (R.) — Uma proposta para legalizar o divórcio em Itália começa hoje a ser discutida, pela primeira vez, no Parlamento do país, o que representa outra dor de cabeça para o frágil Governo de coligação.

A Câmara dos Deputados votou a noite passada no sentido da proposta ser dicutida. Essa votação representou uma grande vitória para os advogados do divórcio neste país católico romano, mas os políticos avisaram que a luta está longe de ter terminado.

O Partido Democrata-Cristão, apoiado pela Igreja, e unido aos neofascistas e aos monárquicos, se opõe á proposta comunista para se iniciar o debate, prometeu combater a lei até ao fim.

Os democratas - cristãos foram abandonados pelos seus associados socialistas e republicanos, da coligação do centro-esquerda, na altura da votação.

Círculos políticos disseram que o debate exerceria quase certamente nova pressão sobre o Governo do primeiro-ministro Mariano Rumor, dilacerado por luta entre facções.

A votação da noite passada registou-se após chefes de Partido no Parlamento chegarem a um beco sem saída na semana passada acerca da questão de quando a proposta deveria ser discutida na Câmara.

Um sorridente Loris Fortuna, o deputado socialista que lutou durante três anos para introduzir uma lei sobre o divórcio e que formou equipa com um colega liberal para apresentar a actual proposta, declarou que estava contente por um grande obstáculo ter sido vencido. Preveniu,

(Continua na 12.ª pág.)

Mariano Rumor, presidente (democrata-cristão) do Conselho italiano. O seu Governo encontra-se dividido por causa da proposta de introdução do divórcio no Direito positivo italiano

O GRANDE PRÉMIO «DIÁRIO DE LISBOA» VAI SER O ÊXITO-69

A três dias do prazo de entrega dos trabalhos concorrentes ao Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa» pode já dizer-se que o concurso vai ser um êxito.

O valor artístico dos trabalhos já apresentados é disso garantia. E as obras que, até á meia-noite do dia 31, derem entrada no nosso jornal, por certo, representarão um novo e importante contributo para o sucesso geral de um empreendimento que se mantém, desde o ano passado, sobre o signo do reconhecimento de uma Arte que prende e cativa, que divulga e informa, que artisticamente, reconhece e concretiza méritos marcados. Assinalá-los é a grande razão do concurso do nosso jornal.

Por outro lado, o Grande Prémio, a atribuir este ano, vem acrescido do valor do ano passado (mais

(Continua na pág. seguinte)

MENDÈS-FRANCE LANÇA O ALARME

PARIS, 29 — (F. P.) — A 48 horas do termo da campanha para a primeira volta da eleição presidencial, tudo se passa como se a França tivesse já votado, com Alain Poher e Georges Pompidou sózinhos em liça. Com efeito, reportando-se ás sondagens, a maior parte dos comentadores ceintram as suas preocupações em dois temas fundamentais: o da maioria e o da situação económica, social e monetária.

Quanto á primeira questão, Poher disse: «Se ficar em segunda posição na primeira volta do escrutínio, declaro desde já que não farei concessões a ninguém».

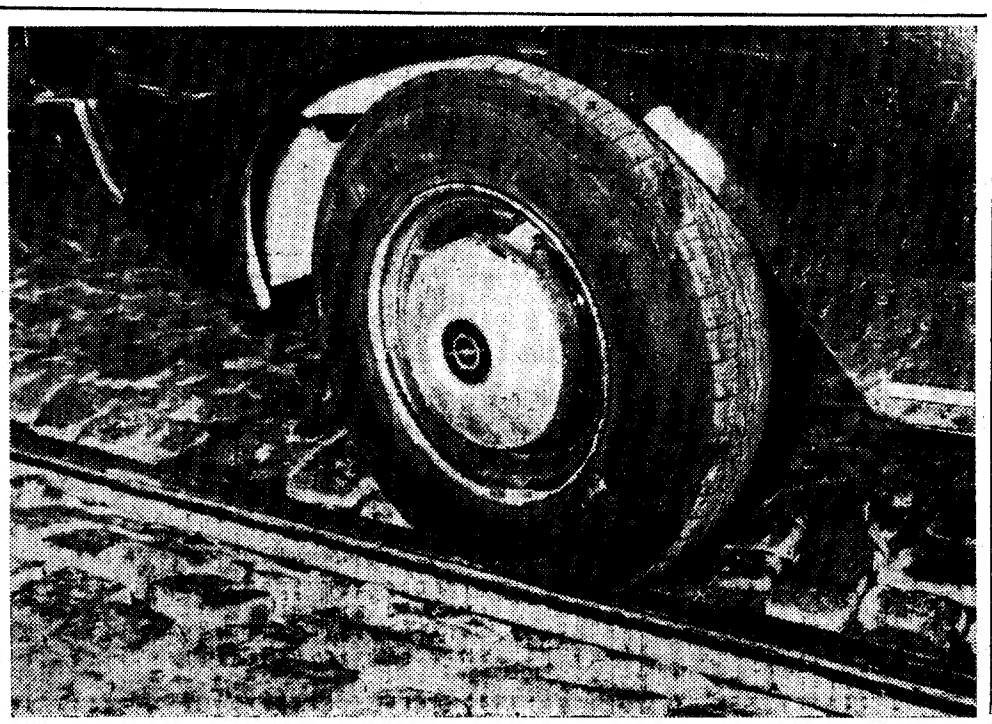
No campo da situação económica, monetária e social, foi Mendès-France quem lançou na estação Europa Nr. 1 um verdadeiro grito de alarme. «Antes do Verão» disse solenemente o antigo presidente do Conselho—«O Governo, qualquer que ele seja e qualquer que seja o Parlamento, terá de tomar medidas decisivas, graves e penosas. Não deverá deixar partir os deputados para férias sem ter solicitado poderes especiais».

EIS A CALÇADA DO (ES)COMBRO

A Calçada do Combro (onde ainda há barbeiros que levam poucos escudos por um corte de cabelo) está mesmo a caminhar para os escombros... A avaliar pelo que acontece nas artérias que a continuam, especialmente aquela pobre Rua dos Poiais de São Bento, é isso que se espera, se ninguém se lembrar de lhe acudir. Há oito meses e nove dias que, ali perto, na confluência das Ruas de São Bento e do Poço dos Negros, se encontram em curso obras para colocação de colectores.

Pergunta-se: não seria ocasião de aproveitar o ensejo e alisar o piso inimigo dos pneus e da comodidade das pessoas?

(LER NA ÚLTIMA PÁGINA)



HOJE 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

(Continuação da pág. anterior)

20 contos, logo, de 40) que transitou para o julgamento dos trabalhos apresentados a este importante concurso — estamos mesmo tentados a chamar-lhe **prova**. E assim é. Prova porque reune o que há de melhor, entre os melhores, e, exactamente para escolha do melhor.

Ora, ainda há três dias — hoje, amanhã e depois — para cada um mostrar o que vale. Será nessas obras, que ainda estão para chegar, que se encontra o prémio maior? Ou mesmo qualquer dos outros prémios. Quem sabe?

O que se sabe, com certeza, são os Prémios que são os seguintes:

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE DIÁRIO DE LISBOA (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade. O «Diário de Lisboa» atribuirá ainda escudos 20.000 para os criativos que intervierem no trabalho premiado, a distribuir pela entidade premiada.

1.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): troféu destinado á Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de escudos 10.000 atribuída da forma indicada acima.

2.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): placa destinada á Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de escudos 5000 atribuída da forma indicada acima.

PRÉMIO ESPECIAL (anúncios de cor): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade.

PRÉMIO ANUNCIANTE: miniatura do troféu destinado ao cliente da Agência de Publicidade que obtiver o Grande Prémio de Publicidade.

Junte-se a esta informação que, este ano, por regulamento, «o júri é obrigado á atribuição de todos os prémios».

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 29 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné referente ao período de 19 a 25 do corrente, que é do seguinte teor:

«Durante o período, o inimigo flagelou as povoações de Sinchã Dadi, Sinchã Lali, Sinchã Braima e Sinha Cupen e os aquartelamentos de Xitole, Nhala, Jumbembem, Cambajari, Mampatá, Guileje, Cabuca Bissum e Guidage; implantou engenhos explosivos nas regiões Galo Bolola (Buba), Sinchã Braina (Piche) e Nova Sintra e, ainda, na estrada Buba-Aldeia Formosa; emboscou as nossas tropas nas regiões de Poidon (Xime) e Madelife (Bula).

«Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças o inimigo sofreu: na região de Nhangue (Tiligi), um morto e dois capturados; na região do rio Lama (Bedanda), quatro mortos e apreensão de armamento; na região de Pech (Cacheu), dois mortos, um capturado e apreensão de armamento; na região de Ponta Vareia (Xime), dois mortos; na região de Galo Bolola (Bula), apreensão de armamento; na região de Banocle (Cacheu), apreensão de armamento; nas vias fluviais, foram destruídos meios de transposição.

«No conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados treze elementos da população. Durante o período, o inimigo sofreu nove mortos e três capturados. As nossas forças sofreram, em combate, um morto, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação».

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceram em combate, os seguintes militares:

O alferes miliciano n.º 00977565, José Rebelo Cruz, natural de Sernancelhe, filho de João da Cruz e de Silvina Augusta Rebelo, em Angola.

O soldado n.º 02844867, Artur Fernandes Matias, natural de Guimarães, filho de Porfírio Silva Matias e de Maria Fernandes, casado com Lucine Magalhães Antunes, também em Angola.

O furriel miliciano n.º 73038867, Rui Conceição Aparício Lopes, do recrutamento da província, em Moçambique.

DE ONTEM PARA HOJE

NA HORA DO ABSTRACTISMO

H. Galy Carles, conhecido crítico de arte francês, falou ontem na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Viera a Lisboa por motivo da exposição promovida pelo Banco Português do Atlantico para celebrar o meio século de existência. Como noticiámos a inauguração efectuou-se ontem á tarde, na presença de vários membros do Governo e de outras personalidades. Depois da inauguração, foi H. Galy Carles que, apresentado pelo nosso distinto colaborador dr. José Augusto França, falou de «A pintura d'avant garde em Paris, de 1945 a 1965». O conferencista começou por lembrar Bergson e a evolução criadora, traçando, então, a partir de 1910 e até 1940, as relações de Munique, com Randinsky; de Paris, com o orfismo e Delaunay (quase simultaneamente com o neoplasticismo de Mondriand; de Moscovo, com Larionov e Gontcharova (revisionismo, futurismo e geometrismo), Malevitch, o suprematismo e o cubismo; St. Petersburgo, com Tathin e Pevsner (construtivismo e cubismo). O «Der blauc Reiter», o «Bauhaus», «Cerele et Carré» foram motivos de larga análise que levaram o orador a outra análise mais especifica: a das causas da pintura da vanguarda entre 1945 e 1965, ou sejam, a guerra, a ruptura com o passado, a necessidade de o artista novo se identificar com um estilo novo, ou seja ainda a segunda incursão do abstractismo. Falou o orador da evolução formal e psicológica do indivíduo, para melhor poder abordar os vários temas em que decompôs a sua conferência: a abstracção lírica, o naturalismo imaginário abstracto e o subconscientismo. Terminou por falar da pintura natural, das novas gerações, e das causas da necessidade que nos obrigam a progredir «com o suor do nosso rosto», como escreveu Kandinsky. Mas, não terminou o orador sem evocar dois marcos importantes da pintura abstracta, surgidos em dois mundos diferentes, «na hora exacta» — Magnelli, em Itália, e Sousa Cardoso, em Portugal.

O secretário de Estado da Informação e o subsecretário da Administração Escolar com o sr. Arthur Cupertino de Miranda e o dr. José-Augusto França, durante o acto inaugural da exposição

CONSELHO NACIONAL DE TURISMO

Sob a presidência do secretário de Estado da Informação e Turismo, reuniu-se ontem, o Conselho Nacional de Turismo, que apreciou o primeiro orçamento suplementar do Fundo de Turismo para 1969 e três projectos de diplomas referentes á fixação de preços, criação da ementa turística e afixação em local publico e visível dos preços aprovados para os estabelecimentos similares, aos quais deu parecer favorável.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. brigadeiro Bettencourt Rodrigues, ministro do Exército, com o sr. general Camara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército; dr. Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; eng.º Vasconcelos Porto e dr. Furtado de Mendonça, presidente e vice-presidente da Camara Municipal do Porto; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar; tenente-coronel Gomes Bessa, comissário nacional da M. P., acompanhado da sr.ª dr.ª D. Maria Ana da Luz Silva, comissária nacional da M. P. F.; eng.º Luís de Azevedo Coutinho, dr. João Duque e Feliciano Duque e a sr.ª D. Ana Maria Duque.

FUNDAÇÃO SALAZAR

Os dirigentes da Fábrica de Papel do Almonda foram ontem ao Palácio Nacional de Belém entregar ao sr. Presidente da Republica a quantia de cem contos com que aquela empresa decidiu contribuir para a Fundação Salazar.

A CAMIONETA E A MOTORETA

Na freguesia de Joane, perto de Vila Nova de Famalicão, uma motoreta conduzida pelo sr. Manuel de Oliveira, de 50 anos, pedreiro, ali morador, foi embater violentamente contra uma camioneta de carga conduzida pelo sr. António Pinto Lopes, de 25 anos. O motoretista foi atirado a grande distancia, vindo a morrer no hospital local.

A CRIANÇA E A FURGONETA

No lugar da Cela, perto de Santo Tirso, uma furgoneta do comerciante sr. Henrique de Carvalho Marvão, conduzida pelo sr. Armando Costa, de 49 anos, casado, parou junto de uma casa comercial. Em manobra de marcha atrás, foi colher Maria Magalhães Almeida, de 19 meses. A criança foi imediatamente transportada ao Hospital de Santo Tirso, mas quando ali chegou tinha morrido.

O 28 DE MAIO

A data do 28 de Maio foi celebrada ontem em algumas localidades. Fazia 43 anos que principiara em Braga a revolução projectada no seu conjunto por uma comissão chefiada pelo comandante Cabeçadas, em Lisboa. De Braga partia sob a chefia do general Gomes da Costa. Por isso foi em Braga que a data ainda ontem foi mais lembrada, tendo discursado o governador civil, comendador António Santos Cunha e o comandante militar coronel João de Sousa Machado. Também em Almada a data foi lembrada pelo dr. Glória Pacheco, presidente do Município, com a inauguração do mercado abastecedor. Em Lisboa foi a Junta de Freguesia de São João, á Rua Morais Soares, que distribuiu um bodo a 500 pobres.

MERCADO DA PRIMAVERA

ZONA DE BELÉM

CENTRO DE VENDAS DE ARTESANATO DE TODAS AS REGIÕES DO PAÍS

Com a colaboração do **Fundo de Fomento de Exportação**

A partir das 22 horas
Hoje, actuação do **Rancho de Vila Franca de Xira**

RESTAURANTE DO MERCADO

Para divulgação da cozinha e dos vinhos portugueses. Com a colaboração da **Junta Nacional do Vinho e outros organismos vinícolas, bem como do comércio da especialidade**

HOJE

JANTAR
SOPA DE CARANGUEJOS
BACALHAU À PRIMAVERA
BIFES À LISBOA ANTIGA
LEITE CREME
— VINHOS —
COLARES (branco) — Real Vinicola
VINHO VERDE «ROBIAZ» (tinto) — Soc. Lisb. Prod. Alimentares

AMANHÃ

ALMOÇO
AÇORDA DE SÁVEL À SALVATERRA DE MAGOS (1.º prémio)
FRANGO À MODA DA BEIRA
PAPOS DE ANJO
— VINHOS —
VINHO VERDE «CASAL DA SEABRA» MESA DO PRESIDENTE (branco) — Artur Cupertino de Miranda
D. JOSÉ (tinto) — Real Companhia Velha

CAFÉ PURO

Com a colaboração do **Fundo de Fomento de Propaganda do Café**

Preço por refeição:
Almoço ..... **90$00** Tudo incluído
Jantar ..... **100$00** Tudo incluído
À NOITE, FADOS: por D. VICENTE DA CÂMARA
Reserva de mesas pelos telefones 61 39 61 e 61 34 06 a partir das 10 horas
(PARA MAIORES DE 12 ANOS)

No restaurante e no centro de artesanato, actuação do conjunto «OS 3 DE PORTUGAL», a partir das 21 e 45 horas

Hoje, quinta-feira, inauguração da Exposição «Fotografia do Mar»
Brevemente: Bonecos de Santo Aleixo
BARCO DO MERCADO DA PRIMAVERA PARA PASSEIOS NO TEJO

DIÀRIAMENTE, abertura às 12.30 horas e encerramento às 0.30 horas

Preço de entrada:
Sábados, Domingos e Feriados ..... 5$00
Restantes dias da semana ..... 2$50

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PORTUGESE ARTIST-PAINTER

Looking for connection with artists in order to have paintings done from supplied photographs also own creations. Will be arriving in Lisboa the middle of July and will get in tuch personnally with every applicant.

Apply in writing to;
STUDIO OF UNITED ARTISTS
P. O. Box 191, Outremont Station,
Montreal, 154. Que. Canada

A CAMINHO DE UMA NOVA REPÚBLICA EM FRANÇA? — 2

A VITÓRIA DE POHER PROVOCARIA O DESMEMBRAMENTO DO REGIME GAULLISTA

Por MAURICE DUVERGER

As instituições são o verdadeiro objectivo da batalha entre Pompidou e Poher. Um e outro fariam mais ou menos a mesma política. Mas exerceriam as funções presidenciais conforme modelos muito diferentes, conduzindo quase a dois regimes opostos. Isto não depende do carácter dos homens nem das suas intenções. Um e outro interpretam a Constituição quase da mesma maneira. Mas não poderiam aplicá-la do mesmo modo, devido á diferença dos sistemas de alianças políticas sobre os quais se apoiariam.

Uma vitória de Pompidou garantiria provàvelmente, por muito tempo, a coesão da U.D.R. e a polarização em volta desta, da parte dos liberais. Perante este bloco de direita, a esquerda deveria retomar a diligência unitária de 1965-1968, sob pena de se ver condenada á impotência, e o centro ver-se-ia votado ao esfacelamento. Pelo contrário, uma vitória de Poher provocaria sem dúvida o desmembramento do gaullismo. Bastantes membros da U.D.R. acabariam com os giscardianos e os duhamelianos, por se juntarem a Lecanuet, com os radicais e parte dos socialistas, numa coligação centrista que poderia ter esperanças de formar uma maioria, ou imediatamente, ou após dissolução. A bipolarização não teria muitas probabilidades de renascimento antes de muito tempo, ainda que a necessidade de acordos para a segunda volta das legislativas lhe conservasse alguma base: retomar-se-ia fàcilmente a tradição de dissociar as alianças eleitorais e as alianças parlamentares.

A escolha entre Pompidou e Poher na realidade é a escolha entre o desenvolvimento da bipolarização em volta de duas grandes coligações e o regresso ao centrismo. Um e outro sistema teriam consequências muito diferentes sobre o exercício do poder presidencial e sobre as relações com o Parlamento. Assim é em todos os regimes democráticos, em que as instituições reais são resultado de uma combinação entre as regulamentações estabelecidas pela Constituição e o sistema dos partidos. Deste modo verificam-se duas variedades do regime parlamentar no mesmo âmbito constitucional: a britânica baseada no bipartidismo, e a continental baseada no multipartidismo (a Alemanha Federal e a Áustria aproximam-se do primeiro). Nada de admirar que o nosso regime meio parlamentar, meio presidencial possa incluir-se em duas variedades correspondentes.

REFORMA ESSENCIAL

Numa, o presidente da República seria o chefe de uma maioria parlamentar coerente e disciplinada, como o primeiro-ministro inglês. A sua autoridade seria maior, as suas relações com a Assembleia mais fáceis. Mas encontrar-se-ia mais enquadrado por um partido organizado. Além disso, as escolhas dos eleitores seriam mais claras, como o foram em 1965 e em 1967. Seriam também mais respeitadas, por se encontrar excluída uma mudança da maioria durante a legislação. A grande dificuldade seria então assegurar a coincidência de orientação entre o presidente e a maioria dos deputados. A simultaneidade das eleições — encurtando o mandato presidencial — tornar-se-ia uma reforma essencial, a este respeito. Mas excluiria a dissolução que interromperia esta simultaneidade, a não ser que fosse seguida automáticamente pela demissão do chefe do Estado.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

No outro sistema, o presidente tornar-se-ia o ponto fixo de maiorias móveis, de que atenuaria as mudanças, o denominador comum de maiorias heterogéneas de que manteria a unidade. A ameaça de dissolução permitir-lhe-ia limitar a instabilidade ministerial. O Governo poderia deste modo praticar o jogo das maiorias alternativas: apoiando-se na esquerda para fazer votar certas leis, na direita para fazer votar outras. Este sonho de todas as coligações centristas é impossível em regime parlamentar, porque a maioria que se abandona uma vez faz pagar esta infidelidade derrubando o Governo. Torna-se realizável por uma caução presidencial.

Semelhante sistema parece viável. Foi nele que pensaram ainda há pouco os promotores de eleições do presidente por sufrágio universal, que não imaginavam então que a França pudesse evoluir para a bipolarização. Apresenta no entanto dois incovenientes graves. Por um lado, tende a desconsiderar as eleições legislativas, porque a escolha dos eleitores é nele pouco respeitada, e nomeadamente os votos á esquerda podem levar ao apoio das maiorias de direita, como em 1926, em 1934, em 1938 e em 1956. Então a eleição presidencial corre o risco de se tornar a principal maneira de expressão da soberania nacional, o que não deixa de ter o seu perigo.

Em segundo lugar esta eleição presidencial não é enquadrada por partidos políticos coerentes, que definam orientações relativamente precisas. A escolha faz-se aqui conforme as qualidades pessoais do candidato. Uma vez eleito, o presidente não está preso por qualquer compromisso nem limitado por qualquer organização. Desenvolvem-se livremente entre os grupos e os subgrupos. A diversidade e a rivalidade dos elementos que compõem a maioria, a imprecisão e a mobilidade desta, conferem-lhe uma grande liberdade de manobra. A arma da dissolução garante-lhe no entanto uma for-

(Continua na 8.ª página)

Nota do dia

A MÚSICA E A PAUTA

ESTAMOS NISTO, o tema é-nos atraente, julgamo-lo essencial e oportuno, logo, parece que havemos de continuar nele, por iniciativa ou estímulo, para pedir que se faça ou para aplaudir que se tenha feito mais algum passo que possa interpretar-se como significativo do propósito de coordenação de serviços públicos. O género das capelinhas dispersas e concorrentes, onde cada um tem o seu critério e dispõe do seu orçamento, além de caro, é confuso, paralisante e, pois naturalmente, muitas vezes contraditório.

A decisão adoptada na última reunião do Conselho de Ministros, no sentido de criar a Junta Nacional do Fomento da Pesca, parece poder entender-se como situada nesse sentido, a avaliar pelo sumário de finalidades que se lhe atribui no comunicado distribuído aos jornais: institucionalizar administrativamente as actividades que ao Estado compete exercer na indústria da pesca. Num sector de tão destacada importância na economia nacional, a medida é de registar.

Qual é o programa? Não sabemos nem é disso que estamos a tratar. Mas, como ponto de partida, bem nos parece preferível haver «um» programa, qualquer que ele seja, do que haver vários que dêem para tudo e mais alguma coisa e que estejam em colisão uns com os outros. Quer dizer: à cabeça situa-se a possibilidade, aliás, diremos antes a necessidade inevitável de um critério de padrão, de um serviço que faz o serviço, em vez de vários servicinhos mais ou menos paralelos, mais ou menos mal dotados, mais ou menos a fazer ou a não fazer a mesma coisa.

Assinalámos com aplauso o que em tal sentido começou a esboçar-se quanto aos problemas da habitação, repartidos por muitos lados de vários ministérios mas dispondo agora, se bem entendemos, do instrumento de acção administrativa capaz de lhes dar coesão e conexão. Encontramos agora este sinal do mesmo propósito no sector das pescas. Não será ousadia interpretar tais factos, em vez de parcelares ou ocasionais, como significativos de um plano concertado de ligar o que anda desligado, o que é concorrente quando deve ser coincidente ou complementar.

E no sector «Saúde»? Temos a impressão de que por aí há muito que fazer, para além do primeiro passo, há tempos dado, do que então se chamou o «contrato» entre a previdência e os hospitais. É que há duas redes paralelas, como se sabe. Duas redes em dois ministérios, duas redes, dois sistemas, dois serviços pelo menos em cada terra, dois, dois, dois tudo. Dois, naturalmente, para fazer o que faria só um, para mais quando os homens são os mesmos que saltam de um lado para outro a receber de cada lado metade do ordenado.

Seria absurdo, enormemente absurdo, se na mesma terra houvesse, por exemplo, um hospital construído, com camas, com raios X, com aparelhos disto e daquilo mas sem médicos. E que, ao lado disso, houvesse o «posto», em local precário, sem instalações apropriadas, mas com bicha à porta por ser lá que vão os médicos. Seria absurdo, absurdo de admitir, mas possível na coexistência de sistemas concorrentes. Se há um Ministério da Saúde, onde hão-de estar estes problemas? Se eles hão-de andar dispersos, então, desculpem, então o Ministério da Saúde não teria razão de ser. O que seria o grande absurdo do nosso tempo.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A BELEZA SEGUNDO ALBERTINA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Nada é tão variável como o conceito de beleza. Claro que não me refiro aos nossos dias nem à nossa civilização, porque se fôssemos falar na beleza segundo os cânones clássicos ou como a julga qualquer tribo africana, numa cais acabávamos e tínhamos mesmo de fazer profundos estudos históricos, estéticos, geográficos, étnicos, sociológicos e por aí fora.

Estamos na época das gentes magras e até magríssimas (Twiggy, por exemplo). Há quem faça dieta, há quem faça ginástica, há quem tome saunas, há quem passe mesmo fome. Claro que tudo isto se processa a um certo nível. Quero dizer, quem passa fome de propósito, está mesmo a ver-se que nunca a passou por necessidade, e vice-versa. Há algum tempo perguntaram a Audrey Hepburn o que fazia para manter aquela sua linha invejável. E logo ela: «Absolutamente nada. Como bastante e não tenho preferências. Quem passou a fome que eu passei durante a guerra, aprendeu a apreciar a comida e não desdenha seja o que for que lhe ponham na frente.» Enfim, o sentido era este, embora as palavras fossem outras.

E é aqui que entra a minha camponesa alentejana que não se chamava Maria Campaniça mas Albertina, embora tivesse, como a do Manuel da Fonseca, «o rosto macerado / de andar na ceifa e na monda / desde manhã ao sol posto.»

Albertina, criatura de fomes antiquíssimas, chegara à herdade havia algumas semanas e estava com outras mulheres a ceifar quando aquele amigo do proprietário por ali passou. Tratava-se de um homem alto e gordo (no ano em que isto se passou era mesmo muito gordo), simpático e conversador. Falou um pouco com Albertina e com as companheiras e depois foi-se embora. Ele a voltar costas e Albertina a declarar, convicta: «Que homem tão bonito! Parece mesmo uma bola!»

Para as gentes de fomes antigas e modernas, a gordura é bela — dá-me gordura que eu te dou formosura, diz de Norte a Sul o nosso povo que ignora tudo do colesterol. Para a chamada civilização de consumo, porém, a gordura é de recear porque é antiestética (ah, a terrível celulite!) e está associada à ideia de doença e de idade. Vamos portanto dar atenção às calorias e pesar-nos dia sim dia não.

Porque neste fim de século a beleza é magra, diga a Albertina o que disser.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

A SURDEZ
A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E
PORTO: Praça da Batalha, 3

OS INVENTORES PORTUGUESES (5)

De um gravímetro absoluto a uma barragem anemomotriz

inventos de um cientista português premiado em Bruxelas com a medalha de ouro

É UM LUGAR-COMUM, que as mais das vezes não corresponde a nada, dizer que os últimos são os primeiros. Mas desta vez é mesmo assim: no nosso último artigo sobre os inventores portugueses aparece precisamente aquele que conquistou o maior galardão atribuído no Salão de Bruxelas — a medalha de ouro. Trata-se do sr. eng.º Humberto Duarte Fonseca, que apresentou no certame um gravímetro absoluto fotoeléctrico que, além do mais, pode ser de grande interesse na exploração espacial. Aliás, aquele cientista já tinha sido premiado no mesmo salão — o maior do mundo — com uma outra descoberta que pode ser da maior importância, nomeadamente para o futuro de Cabo Verde: um novo modelo de barragem anemomotriz.

O eng.º Duarte Fonseca fala ao «Diário de Lisboa»

— Há muito — dizia-nos o inventor — se fazia sentir a necessidade de um gravímetro absoluto de registo contínuo. Depois de muito estudo e muita meditação, descobri este que mede o tempo de queda de uma gota de mercúrio no interior de um tubo vertical onde se fez o vácuo. Assim, trata-se de um novo tipo de gravímetro, diferente dos clássicos ou dinâmicos, que se fundam na teoria do pêndulo e fornecem o valor de g por processos indirectos ou estáticos, que se fundam na variação da torção de uma mola em hélice ou na flexão de uma mola provocada pela variação de aceleração de gravidade.

O eng.º Duarte da Fonseca, tem 52 anos e é licenciado com 17 valores em Ciências Matemáticas e Ciências Geofísicas pela Faculdade de Ciências de Lisboa, sendo ainda engenheiro geógrafo pela mesma escola superior. Bolseiro da Junta de Investigação do Ultramar em Paris em 1953, tendo sido premiado um seu trabalho de investigação e bolseiro da Fundação Gulbenkian em 1961-2 para estudar as secas de Cabo Verde. Fez parte da missão que o Governo enviou para estudar a erupção do vulcão do Fogo, em 1951 (chefiada pelo prof. Orlando Ribeiro) e, já em Angola, chefiou, em 1959, a expedição científica ao Iona. Esteve primeiro em Cabo Verde, de onde é natural, e depois foi transferido para Angola, onde foi chefe da Repartição de Geofísica e Astronomia e onde actualmente chefia a de Estudos do Serviço Meteorológico.

● O primeiro aparelho para medição à distância de aceleração da gravidade

— *Interesse prático do meu gravímetro? Ele permite, o que até agora não acontecia, transmitir e serem còmodamente registadas na Terra as variações da aceleração de gravidade na Lua ou em outro planeta, o que possibilita, para já, acompanhar as suas vicissitudes gravimétricas e estudar e conhecer as marés da crusta, que são consequências daquelas variações, conforme a posição relativa Terra - Lua - Sol, o que interessa grandemente para a exploração espacial. Aliás, a própria crusta sólida da Terra sobre influência (dilacções e contracções, pulsações, em suma) decorrente do mesmo facto.*

E a outra pergunta:

— *De facto, ainda não existia nenhum aparelho de medição à distância da aceleração da gravidade — pelo menos, através das revistas da especialidade, não tenho nenhuma notícia da sua existência. Quem se poderá interessar pelo meu invento? Só a Nasa, a Mascania, e mais duas ou três entidades, dado que se trata de uma coisa muito especializada. Aliás, o meu objectivo ao levá-lo a Bruxelas não envolvia outra preocupação que não fosse exclusivamente científica e tecnológica.*

● Aproveitar a energia do vento

Como referimos, aquele cientista já tinha sido premiado no mesmo Salão de Bruxelas com um novo modelo de barragem anemomotriz, «Uma incursão no passado, visando como que rejuvenescer certas técnicas assentes na exploração multicentenária do vento» — assim define o nosso interlocutor a sua experiência, que partiu da molinologia (ciência dos moinhos), que tem no vento a sua principal fonte de energia. «E foi aproveitando-a — *realça* — que a Holanda conquistou ao mar a sua terra».

— *Desde a infância* — revela-nos — *que o vento faz parte integrante de mim. Lá na casa da família, em Cabo Verde, tínhamos um aeromotor para tirar água de um poço profundo e encher o tanque. Eu era o encarregado dessa operação, e desde então comecei a reparar nas grandes potencialidades do vento. Em França, muito mais tarde, havia de tomar contacto com os seus aspectos científicos, e apercebi-me de como o seu bom aproveitamento podia vir a resolver muitos dos mais graves problemas da minha terra. A partir daí, após ter concluído o projecto da minha barragem anemomotriz, comecei uma campanha para a sua realização em Cabo Verde. Tenho apresentado comunicações a diversos congressos internacionais, e agora mesmo acabo de regressar da Dinamarca, da Holanda e da Espanha, onde fui oficialmente tomar contacto com o que nesses países se tem feito neste campo. Aliás, o Governo está interessado em tentar concretizar os meus projectos, por lhe reconhecer, de facto, interesse — e é natural que em breve eu volte, com esse objectivo, para Cabo Verde.*

● Como funciona a barragem anemomotriz

Sobre a sua barragem, o eng.º Duarte da Fonseca diz-nos, depois:

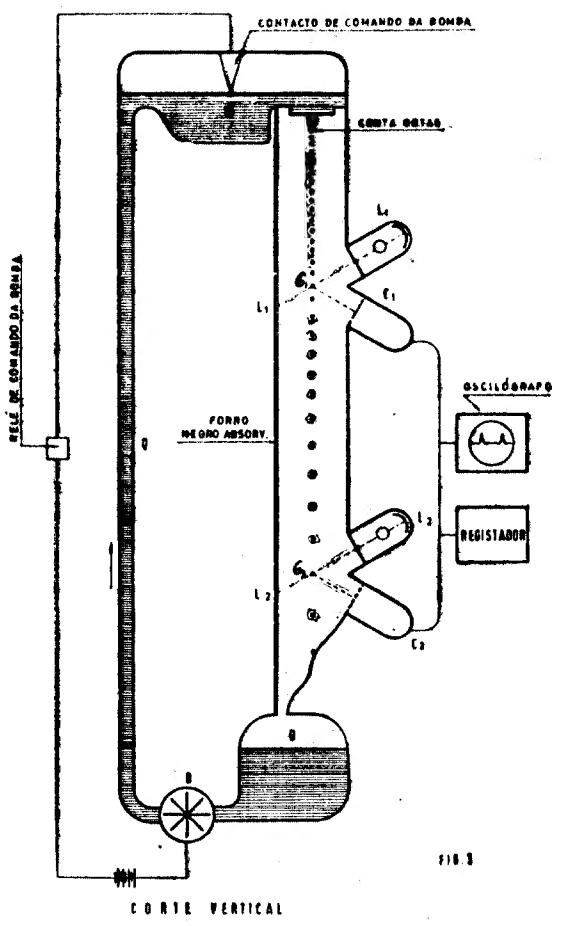
— *Apesar da existência, desde há muito tempo, de uma grande variedade de aeromotores, todos os modelos apresentam os inconvenientes resultantes da instalação de pesadas rodas ou hélices de grande diâmetro sobre altas torres metálicas, quando se trata de uma central eólica*

(Continua na 10.ª página)

O QUE É O GRAVÍMETRO

O gravímetro consta de um tubo de vácuo revestido interiormente de negro e com dois pares de janelas cada par provido de uma lâmpada L e de uma célula fotoeléctrica.

As lâmpadas L_1 e L_2 emitem cada uma um feixe fino de luz. Estes feixes são rigorosamente paralelos entre si e são absorvidos na face negra oposta em L'_1 e L'_2 respectivamente.



As células C_1 e C_2 «espreitam» constantemente para o interior do tubo.

Um conta-gotas de comando electromagnético deixa cair um certo número de gotas de mercúrio por segundo no plano dos feixes luminosos.

Cada gota ao passar pelo primeiro feixe envia por reflexão um impulso luminoso á célula C_1, impulso que esta converte em impulso eléctrico e envia ao oscilógrafo de raios catódicos.

Ao passar pelo feixe inferior a gota envia novo impulso á célula C_2 que envia por sua vez o impulso ao oscilógrafo.

O intervalo infinitésimo de tempo da queda da gota entre os pontos de sua intercepção dos feixes (C_1 C_2) é assim medido com rigor de fracção de milionésimo de segundo.

As gotas acumulam-se no depósito inferior D mas a bomba B vai reenviando o mercúrio para o depósito superior M de alimentação do conta-gotas. Este depósito tem assegurada a constância do nível de mercúrio por meio de um contacto que comanda o «relais» que põe a bomba em funcionamento.

Trabalhando contínuamente os valores podem ser registados, obtendo-se assim a curva da variação contínua da aceleração da gravidade.

APLICAÇÃO ESPACIAL

Como o aparelho trabalha por impulsos podem-se enviar os sinais da célula para um dispositivo emissor que transmite os sinais para o espaço, em vez de os enviar directamente ao registador.

Este está numa estação longínqua acoplado a um receptor que capta os sinais passando-os ao registador.

Daí as possibilidades de utilização espacial do aparelho que pode, num futuro próximo, ser instalado na Lua e transmitir constantemente para uma estação registadora da Terra a curva da variação gravimétrica da Lua.

Amanhã Lua, depois Marte..., etc.

PREVISÃO DAS ERUPÇÕES VULCÂNICAS

Mas mesmo na Terra a sua instalação em áreas vulcânicas activas pode permitir detectar movimentos dos magmas no subsolo. Com efeito os magmas, ao subirem em direcção á cratera provocam variações da aceleração da gravidade que, detectadas a tempo sob a forma de «tempestades gravíticas» permitirão anunciar ás populações em perigo a iminência da erupção.

As estreias de hoje

No Estúdio «444»

Título em Português — «O Tecto».
Produção — Italiana.
Realização—Vittorio de Sica.
Intérpretes — Gabriella Pallotti e Giorgio Listuzzi.
Género — Romance.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Normal a preto e branco.
Classificação — 12 anos.

FESTIVAL DE CONJUNTOS DE MÚSICA MODERNA DA COSTA DO SOL

Por iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol, vai realizar-se em 9 e 16 de Julho, o I Festival de Conjuntos de Musica Moderna da Costa do Sol, destinado a conjuntos amadores, nacionais e estrangeiros.

As inscrições para este Festival são feitas na secretaria daquele organismo (Arcadas do Parque — Estoril) até ás 20 horas do dia 20 de Junho, em impresso próprio, que será facultado aos interessados e que poderá também ser fornecido pelo correio juntamente com o regulamento.

Segundo o regulamento, cada conjunto deverá ser formado por um máximo de 6 componentes e um mínimo de 3, além dos seus próprios técnicos. A actuação no Festival é por ordem determinada em sorteios.

O Festival terá, no primeiro dia (9 de Julho) as eliminatórias de selecção e no segundo dia (16 de Julho) a Final, onde será feita a classificação.

Se o numero de inscrições o justificar, o Juri de selecção poderá antecipar de 24 horas o início das eliminatórias.

A todos os conjuntos participantes na Final, a Junta de Turismo da Costa do Sol oferecerá troféus comemorativos do Festival e aos que se classificarem em 1.º, 2.º e 3.º lugares, prémios de 15, 10 e 5 mil escudos, respectivamente.

Além dos prémios pecuniários e dos troféus, a Junta de Turismo da Costa do Sol oferecerá medalhas aos componentes de todos os conjuntos concorrentes ao Festival e criará um outro troféu, perpétuo, onde se gravará, anualmente, o nome do Conjunto classificado em 1.º lugar.

Aquele organismo mandará gravar um disco com as musicas apresentadas pelos conjuntos classificados, em 1.º e 2.º lugares, na final do Festival.

Cristina é hoje uma das vozes mais aplaudidas de Espanha. Depois de ter pertencido ao conjunto «Los Tops» (que popularizou melodias como «Mi caravana», «Casi nada» e «El turista 1 999 999»), Cristina enveredou pelo campo do individualismo, apresentando-se sózinha nos palcos radiofónicos

INSTITUTO ITALIANO

Na sede do Instituto Italiano de Cultura, á Rua do Salitre, 146, reune-se esta noite, ás 21 e 30, a assembleia da «Associazione Portobhese degli Amici dell'Universitá Italiana per Stranieri di Perugia».

Durante a reunião serão discutidos os estatutos e a extensão da inscrição a todos os que estão interessados na cultura italiana.

GINA LOLLOBRIGIDA

É A MAIS ASTUCIOSA E SEDUTORA MULHER -DEPOIS DE "EVA"- NA FABULOSA COMÉDIA...

BOA NOITE SENHORA Campbell
(BUONA SERA, Mrs. CAMPBELL)

com

SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD
e
TELLY SAVALAS

3.ª SEMANA

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

RANK FILMES

Adultos

TEATRO
VARIEDADES
Telef. 326037 (ADULTOS)
HOJE, ÀS 21.45 H.
SÓ ATÉ DOMINGO
VASCO MORGADO
apresenta
LAURA ALVES
NA FORMIDÁVEL CRIAÇÃO
A Rainha do Ferro-Velho
com RUI DE CARVALHO
Domingo, à tarde, às 16 h.

3.ª-Feira — Às 21.45 h.
NO MONUMENTAL
ULTIMA REPRESENTAÇÃO DESTA PEÇA ANTES DA PARTIDA DA C.ª
LAURA ALVES
PARA O ULTRAMAR
RECEITA A FAVOR DA FUNDAÇÃO SALAZAR
Bilhetes à venda para este espectáculo no MONUMENTAL

Teatro Capitólio
Telef. 320379
HOJE AS 21,45 HORAS
A peça de E. Albee
«EQUILIBRIO INSTÁVEL»
Trad. de F. FRAGOSO
SÓ ATÉ DIA 31
Sabado — única Tarde (preços reduzidos)
M/ 17 anos

LATINA

O custo final do Super Expressway é mais baixo

Super Expressway dá mais rendimento. Tem o piso mais largo, espesso e profundo. Mais borracha para mais quilómetros.
E outras superioridades. Ombros de perfil especial. Arrefecimento eficaz. Piso de ranhuras e nervuras contínuas. Aderência constante. Carcaça robusta. Muito mais recauchutagens. Todas estas vantagens contam para o seu baixo custo por quilómetro. Porque Super Expressway dura mais.
Não admira, pois, que seja o pneu preferido para transporte de carga e passageiros. Em cidade e estrada.

Super Expressway

MABOR GENERAL

Peça folheto descritivo ao seu Agente MABOR

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

LOS PAYADORES com GIOVANNA

vedetas da Rádio e da TV espanhola

SAGITTO

original malabarista e equilibrista

VERONICA

BENTYBER DANCERS

com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

LADY CHINCHILLA

só no wonder bar

NO CINEMA, ÀS 17 E 21.30

«OS LONGOS DIAS DA VINGANÇA»

M/ DE 17 ANOS

«A RAINHA DO FERRO-VELHO» — em cena até ao dia 1

Continua a esgotar-se todas as noites a lotação do Teatro Variedades. O motivo de tal êxito é a comédia que Vasco Morgado repôs em cena, «A Rainha do Ferro-Velho», para despedida da Companhia Laura Alves, com Rui de Carvalho, que embarca com destino a Luanda no próximo dia 5 de Junho, dando início a uma digressão artística por terras do Ultramar.

«A Rainha do Ferro-Velho» é um original americano que esteve um ano consecutivo no cartaz do Monumental em 1958/59 e cuja interpretação de Laura Alves mereceu o Prémio da Melhor Actriz de 1959.

Fazem parte do elenco (por ordem de entrada em cena), Rui de Carvalho, Ângela Ribeiro, Carlos José Teixeira, João Mota, Laura Alves, Canto e Castro, Alberto Soares, Vasco Morgado Jr., Alda Pinto, Joaquim Miranda, Manuela Maria e, no protagonista, Tomaz de Macedo. Espectáculos todas as noites ás 21 e 45.

FRIGORÍFICOS

ALUGO

Telef. 32 10 53

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **O realizador e argumentista dinamarquês Henning Carlsen rodou um filme cujo título é invulgarmente extenso. Chama-se «As Pessoas Encontram-se e uma Música Doce Enche o Coração».**

■ **Intitula-se «Run, Angel, Run» o último filme rodado pelo realizador norte-americano Jack Starrett. Angel é o nome de um rapaz que atraiçoa o bando a que pertence, ao vender por dez dólares a sua sórdida história a uma revista.**

■ **«Pertenço à geração de realizadores húngaros para quem foi talvez mais difícil encontrar o caminho para uma auto-expressão artística» — admite, em declarações feitas em Hollywood, o cineasta Miklos Jancsó, que terminou recentemente a rodagem de mais um filme intitulado «The Round Up».**

António Calvário parte amanhã para Moçambique

António Calvário, interrompe, momentâneamente, a produção do seu filme. Amanhã, pelas 22 horas, parte para Moçambique: especialmente convidado pelo «Diário de Lourenço Marques» vai participar numa «gala» que se realiza na capital da província, no próximo dia 1 de Junho.

XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

TIVOLI ● Hoje às 18,30 horas

Recital de piano pelo

DUO BILLARD-AZAÏS

No programa: a **Sonata para dois pianos e percussão**, de B. Bartok

TIVOLI ● Amanhã às 18,30 horas

CONCERTO MESSIAEN

COLETTE HERZOG, soprano

GRUPO INSTRUMENTAL DE PARIS

SÉ CATEDRAL ● Amanhã às 21,30 horas

Sábado às 18,30 horas

Concertos para órgão e orquestra de HAENDEL

Solista: MARIE-CLAIRE ALAIN

Maestros: G. RIVOLI e M. BENZECRY

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

COLISEU ● Sábado e domingo às 21,30 h.

Espectáculos de ópera

A DANAÇÃO DE FAUSTO

de BERLIOZ

GUIMARÃES — PAÇO DUCAL ● Sábado ● Recital pelo Duo Billard-Azaïs

COIMBRA — GIL VICENTE ● Domingo ● Concerto de música contemporânea

*

Espectáculos das 21.30 h.: maiores 12 anos

Espectáculos das 18.30 h.: maiores 6 anos

Eram uma vez cinco Generais "dentro"... e um magala fora... O problema era tirar os generais de "dentro" para fora... e evitar as armadilhas lançadas por uma bela condessa!

PAUL NEWMAN

SYLVA KOSCINA

A "GUERRA" SECRETA DE HARRY FRIGG

3.ª SEMANA DE EXITO ESPECTACULAR

UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO

TECHNICOLOR SCOPE

MAIORES 12 ANOS

MUNDIAL

EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 1 de Junho

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 1 de Junho, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Curia, com circuito por estrada ás serras do Caramulo e Buçaco, passando por Águeda, São João do Monte, Caramulo, Caramulinho, Campo de Besteiros, Tondela, Santa Comba Dão, Buçaco e Luso, incluindo a viagem e o pequeno almoço no comboio automotor FIAT (1.ª classe com ar condicionado) e almoço regional na Estalagem de São Jerónimo.

Preço da excursão completa	265$00
Só transporte em caminho-de-ferro (com serviço de pequeno almoço no comboio):	
De Lisboa a Coimbra-B, e volta	123$50
De Lisboa a Curia, e volta	136$50

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

VAI SURGIR UMA NOVA DIMENSÃO DE ESPECTÁCULO

no AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa brevemente BLACK-OUT

UMA EXCITANTE EXPERIÊNCIA EM «SUSPENSE»

REPOSIÇÃO

• NO AVIS

TÍTULO — «Filhos de ninguém».
REALIZAÇÃO — Rafaello Matarazzo.
INTÉRPRETES — Amedeo Nazzari, Yvonne Sanson, Françoise Rosay, Folco Lulli.

Inicia-se a época das reposições, talvez demasiado cedo para quem tantas esperanças depositava nas possibilidades desta temporada. No capítulo das reposições, há muito a fazer com interesse. Mas nada justifica (a não ser a mira do êxito comercial com base no melodrama) a volta destes «Filhos de ninguém», onde «o amor e o ódio se desencadeiam na sua furia mais primitiva. Obra primária e folhetinesca, este filme de Matarazzo provoca a falsa emoção e o sentimentalismo da mais baixa qualidade. Para isso contribuem as presenças significativas de Amedeo Nazzari, Yvonne Sanson e Françoise Rosay, nomes que o publico já associou a certo tipo de cinema. — *C.*

Salomé anda por diferentes coordenadas a recolher as divisas que o êxito do Eurofestival de canções colocou ao seu alcance. Esta semana, a intérprete de «Vivo Cantando» actuou na Hungria, onde se deixou fotografar escutando suaves melodias zingaras

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

NO MARIA VITÓRIA HOJE AS 20,45 E AS 23 HORAS
• A SENSACIONAL REVISTA
• MÃOS À OBRA!
UM ENORME EXITO, COM:
• SALVADOR • VIANA • MARIEMA
• MAX • ANITA • DORA • VÍTOR MENDES • HELENA CARDINALI
• MARIANO
• VICTOR ESPADINHA
e a atracção
• MAY AVRIL
com ALBERTO GRAZIANO
• DOMINGO, «Matinée» às 16 •
ADULTOS
MARIEMA na «Decoradora»

UMA CORRIDA DE TOUROS
PARA LANÇAMENTO PUBLICITÁRIO DO NOVO MODELO DO «AUDI 100 LS»

Numa realização publicitária fora dos moldes habituais, realiza-se na próxima terça-feira, ás 22 horas, na Praça de Toiros do Campo Pequeno, uma corrida à portuguesa para lançamento do novo modelo de automóvel «Audi 100 LS».

A sociedade C. Santos, S. A. R. L., representante desta marca no nosso País, pretende proporcionar, assim, aos seus clientes e amigos, algumas horas de distracção e prazer, ao mesmo tempo que aproveita a oportunidade para fazer a apresentação do novo modelo que será visto por todos os espectadores no intervalo da corrida.

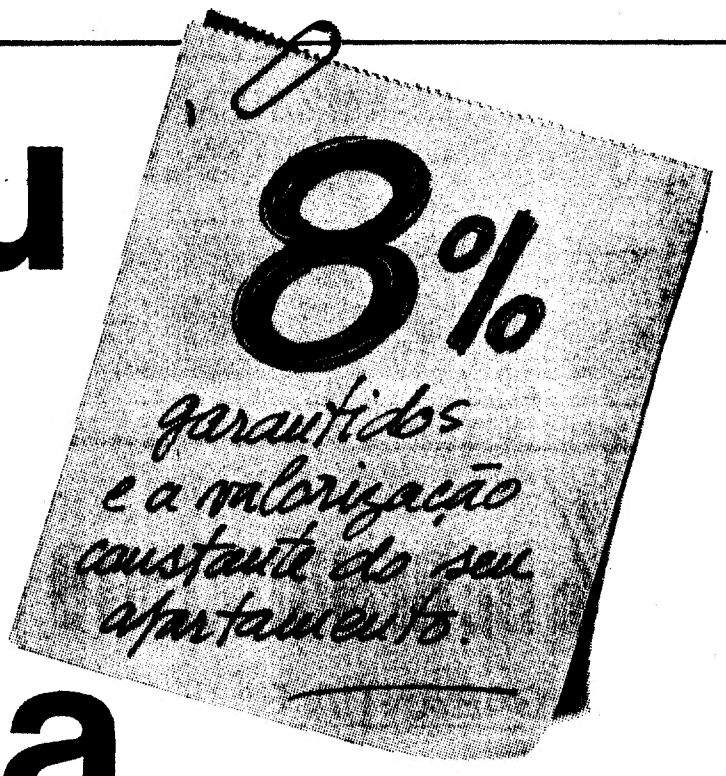
Não se poupando a esforços para apresentar um bom espectáculo, a sociedade C. Santos, S. A. R. L. contratou para esta corrida os cavaleiros David Ribeiro Telles, Manuel Conde e José Maldonado Cortes, os quais lidarão 6 toiros da ganadaria dos Herdeiros do dr. Norberto Pedroso. As pegas serão efectuadas pelo Grupo de Forcados Amadores de Santarém, comadados por José Manuel Soutto Barreiros que, nesta corrida, faz a sua estreia como cabo deste grupo de forcados.

O FILME QUE MARCOU UMA ÉPOCA NO CINEMA MUNDIAL!
HOJE
estudio 444
ÀS 21,45

O TECTO
UM FILME DE VITTORIO DE SICA
PRÉMIO O. C. I. C. NO FESTIVAL INTER. DE CANNES
com GABRIELLA PALLOTTI e GIORGIO LISTNZZI
UM EXPRESSIVO DOCUMENTO HUMANO!
DOPERFILME (M/12 ANOS)

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30. e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



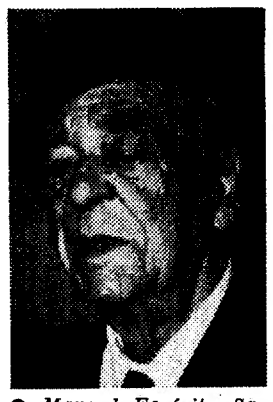
Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA
Informações:
Lisboa-Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve-Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

ora diga-nos...

• Frequentou o velho Teatro Ginásio?

Requiem para um teatro: o Ginásio, que já correra as portas, vai ser vendido em hasta pública. Frequentadores dos bons velhos tempos recordaram ao nosso jornal a sua passagem pela casa de espectáculos da Rua Nova da Trindade.

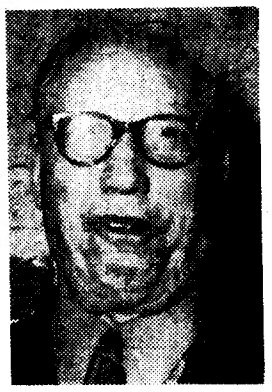


• *Manuel Espírito Santo, antigo chefe da tipografia do «Diário de Lisboa», vem regularmente matar saudades á casa. Apanhámo-lo a meio das escadas, chapéu na cabeça, sorriso bem disposto.*

— Ah, o Ginásio — fez ele. — Eu ia lá com frequência, mas foi há tantos anos... Lembro-me do actor Telmo. E do Alegrim, o Silvestre Alegrim, que trabalhou comigo no Libânio. Quero dizer: o Alegrim era tipógrafo durante o dia e actor á noite — um rico actor. Pois eu entrava com bilhetes mais baratos que se vendiam á porta. Cláque não. Nesse tempo a empresa passava um certo número de bilhetes aos contratadores para estes venderem mais em conta. Não era a claque! Tenho boas recordações do Ginásio, sim senhor. Levava excelentes comédias, sobretudo isso: comédias.

• *António da Conceição Ferreira, porteiro duma Caixa de Previdência, também se recorda perfeitamente do Ginásio:*

— Ora bem, eu tenho setenta e um e frequentei o Ginásio há mais de trinta: faça o senhor as contas. Fui ao Ginásio ver teatro e ver cinema. Que rico teatro! Dos de luxo, sabe? E muito confortável. Claro que eu sentava-me na geral, o dinheiro não era muito. Pagava-se 2$50. Mais tarde, se bem me lembro, subiu para 4$00. E aparecia muita gente no teatro, isso é que é verdade. Outros tempos...



• *Augusto Rodrigues, profissional de barbearia, lembra-se do Ginásio e lembra-se do Chaby.*

— O Chaby — afirmou — era bom actor, mesmo muito bom. A gente esquecia-se que ele era gordo e baixo! Claro que fui várias vezes ao Ginásio, ver o Chaby e outros. Preferia comprar uma plateia: vê-se melhor e ouve-se melhor, não importa o preço. Nós, barbeiros, somos por acaso muito amadores de teatro, sabia dis-

A CAMINHO DE UMA NOVA REPÚBLICA EM FRANÇA?

(Continuação da 3.ª página)

te docilidade. No meio destes partidos numerosos, vaporosos, mal organizados, destes dirigentes em conflito perpétuo, aparece aos olhos dos cidadãos como o único elemento sólido e estável, o único também que pode vàlidamente pretender exprimir o conjunto da nação. De certo modo, o poder pessoal encontra-se institucionalizado.

SITUAÇÃO MODIFICADA

A qual sistema de alianças corresponderia à eleição de Defferre? O problema não se apresentava enquanto o «maire» de Marselha era o único a defrontar a competição, porque não tinha probabilidade alguma de atingir a segunda posição: podia ùnicamente tirar as castanhas do lume para Poher. A entrada em liça de Pierre Mendès-France modifica a situação. Não é impossível em absoluto que o prestígio deste retire ao presidente do Senado parte dos sufrágios heterogéneos que para ele tendem actualmente, o suficiente para o enviar para terceiro lugar, caso em que a batalha essencial se travaria entre Pompidou e o tandem Defferre-Mendès.

Os comunistas, que detestam do mesmo modo ambos e os acusam igualmente de centrismo, estariam então entre a espada e a parede. Não poderiam mais falar de escolha entre a peste e a cólera, porque os leitores não compreenderiam. Quer quisessem quer não refazer-se-ia então uma coligação de esquerda perante a coligação de direita formada em volta do neo-gaulismo. Em caso de vitória da primeira, não seria fácil derrubar as alianças e regressar ao centrismo, tanto mais que as eleições para uma nova Assembleia Nacional decorreriam num âmbito dualista, como em 1968 e em 1967 (e mesmo em 1962). A bipolarização desmembrar-se-ia talvez mais tarde, se o Partido Comunista mantivesse uma atitude rígida: mas teria probabilidades de subsistir.

Um êxito de Defferre e Mendès-France permitiria aos democratas fugir ao dilema cruel em que os colocaria a escolha entre Pompidou e Poher, que provém da contradição entre os homens e o sistema que engendrariam uma vez no poder. Pelo seu passado, bonomia, mesmo apagamento, Poher tem mais de democrata que Pompidou. Em especial, os amigos do primeiro são menos inquietantes do que os do segundo. No entanto Pompidou impeliria provàvelmente para um regime em que a escolha dos cidadãos seria mais clara e a liberdade do presidente menor que no regime para que Poher deslizaria sem dúvida. Que os partidários deste esperem que possa governar sem dissolver uma Assembleia em que reunem mais de trezentos e cinquenta gaulistas em 487 deputados, quer dizer que as eleições parlamentares já não significariam grande coisa, e que o presidente da República teria provàvelmente carta branca para fazer tudo quanto lhe apetecesse. Esta concepção da democracia não é mais tranquilizadora para o futuro do que a rejeitada em 27 de Abril.

Salão de Arte de motivos ribatejanos

Por iniciativa da Casa do Ribatejo, é inaugurada no dia 2, ás 18 e 30, o VI Salão de Arte de Motivos Ribatejanos. Presidirá á cerimónia o sr. João Mário Ayres de Oliveira, presidente da Camara Municipal de Alenquer.

CIDADANIA NORTE-AMERICANA

Da Embaixada dos E. U. A. **recebemos** uma nota do seguinte teor:

«Uma recente Declaração de Interpretação, do Procurador-Geral dos Estados Unidos, pode dar origem á revogação de muitas decisões anteriores de perda de cidadania norte-americana. Todo aquele que tenha sido afectado,, ou que por intermédio deste possa ter reclamado a cidadania norte-americana, deve comunicar com a secção consular da Embaixada dos Estados Unidos.»

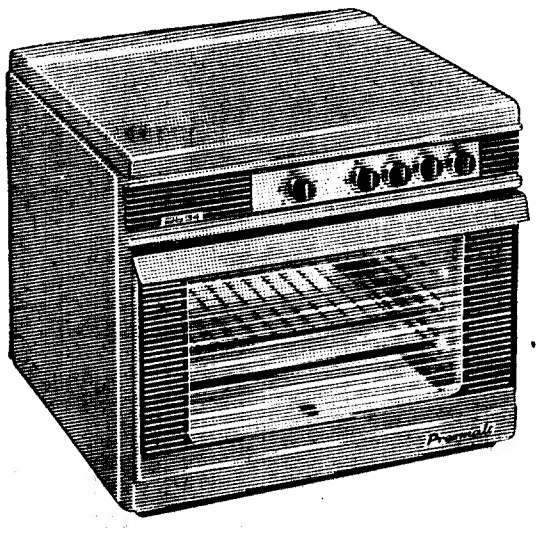
Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

troque o seu fogão "modesto" pelo NOVO

inox Presmalt

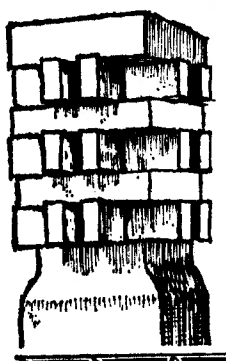
Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas:
Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal.
Mais ainda, a Presmalt valoriza, no acto da compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos nossos representantes.
Dê à sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

2 TEMPO



8% DE RENDIMENTO
COM GARANTIA BANCÁRIA
em
PEDRAS d'el REI

UM ALDEAMENTO DIFERENTE A 4 Kms DE TAVIRA
Uma **bonita casa** sobre o mar, no meio do arvoredo, poderá ser **mesmo sua** e terá:

FÉRIAS AUTÊNTICAS com uma ilha só para si!

Telefone para Lisboa – 36 79 17; 36 79 29; 36 77 01
Faro 23 933 Albufeira 227

SPATIUM Centro de Estudos e Projectos Imobiliários, S.A.R.L.
Rua do Almirante Pessanha, 16, 3.º-Dto.—LISBOA

EMPREENDIMENTO DA FALÉSIA

SESIMBRA

TIPO
CONVERTÍVEL
100
apartamentos

TIPO
HOTEL
RESIDENCIAL
140
apartamentos

TIPO
PANORÂMICO
43
apartamentos

TIPO
CAMACHA
74
apartamentos

PRAIA DA CALIFÓRNIA

ESTRUTURA INTERNA DISPONDO DE:
*elevadores directos à praia*piscinas (2)*restaurantes*boite*supermercado*cabeleireiro*baby-siting*lojas e garage, com parking e estação de serviço

4 TIPOS DIFERENTES DE APARTAMENTOS
climatizados com ar condicionado individual e equipados com kitchnette completa (frigorífico, fogão, esquentador e exaustor de fumos e cheiros)

VENDA com grandes facilidades, a iniciar no próximo dia 31 do corrente

FERIATUR
EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS INTERNACIONAIS
Av. da Liberdade, 258 - 9º — LISBOA

OS INVENTORES PORTUGUESES

(Continuação da 4.ª página)

de grande escala. A invenção apresentada pretende responder a esta necessidade, oferecendo um novo modelo de moinho de vento destinado a substituir os industriais actuais e a fazer avançar a técnica de captação anemoenérgica.

E continua explicando:

— O novo dispositivo consiste em várias cadeias escalonadas em andares de corpos constituídos por um cilindro de que uma das bases termina por uma semi-esfera e a outra por um semiovoide ou semi-elipsoide. Cada quatro destes ovo-cilindros contíguos originam entre eles um túnel em que se coloca uma turbina ou uma hélice de três pás e constituem uma unidade anemo-condensadora. O novo dispositivo pode, assim, ser construído com a forma de uma barragem, fechando um vale nas zonas montanhosas em que o vento sopra com uma direcção predominante. A orientação das turbinas de vento faz-se automàticamente, por meio de uma «jironette» que comanda o avanço, o remo ou a blocagem do carro montado sobre carris circulares numa extremidade, e sobre um eixo vertical de rotação no outro — carro sobre o qual fica colocado o dispositivo desta «versão orientável.

● A utilização dos espaços interiores da barragem

E o eng.º Duarte Fonseca prossegue:

— O vento, no interior do túnel, é muito mais forte do que no exterior, e uma turbina da mesma natureza e eficácia, trabalhando na atmosfera livre, precisaria de ter um diâmetro muito superior para captar a mesma energia.

«Os elementos ovocilíndricos podem ser construídos nos mais diversos materiais (plástico, metal, betão, madeira, etc.) consoante as disponibilidades da região e as finalidades a atribuir aos espaços interiores daqueles elementos. Com efeito, estes espaços podem ser utilizados para instalar quaisquer maquinismos (alternadores, transformadores, etc.), reservatórios de água ou de ar comprimido, etc., e o conjunto pode, também, ser utilizado, nas regiões semidesérticas ou subdesenvolvidas, como unidade industrial autónoma, pois o poder condensador do fluxo aéreo depende exclusivamente da forma exterior dos ovocilindros.

● Resolvidos muitos problemas de Cabo Verde?

— Qual a importância que o seu invento pode ter para o nosso País?

— O novo dispositivo aerodinâmico vem abrir ao nosso País a possibilidade de erguer verdadeiras barragens capazes de constituir os maiores empreendimentos realizados no mundo em matéria de captação de energia eólica — as barragens anemonotrizes — com manifesto benefício para as populações de arquipélagos ricos em vento, como Cabo Verde e Açores, e onde faltam as fontes clássicas de energia. E é claro que a dispersão por ilhas e a compartimentação geopolítica daqueles agregados populacionais não permite pensar (pelo menos nas próximas dácadas) em energia nuclear...

● Para uma Associação Portuguesa de Inventores

A conversa estava no fim. Antes, porém, sabendo nós que o eng. Duarte Fonseca — que tem outros inventos, também do campo da ciência, em laboração — era dos principais animadores e entusiastas da criação da Associação Portuguesa de Inventores, quisemos, ainda, ouvi-lo sobre este aspecto:

— Bato-me porque no nosso País se dê mais atenção aos inventores. O homem comum, entre nós, quase passou a segregar o inventor. Isso inibe quem tenha possibilidades inventivas, mas não a força de vontade suficiente para vencer esse clima adverso. Ora, além do mais, trata-se de uma grande riqueza nacional que se pode perder: na Suécia, por exemplo, as patentes são uma das maiores fontes de receita. E que os inventores portugueses têm qualidade provou-o agora, mais uma vez, o facto de poderem ter sido premiados no Salão de Bruxelas, que é o maior do Mundo — maior que os de Nova York, Paris e Londres somados, julgo, portanto, que a criação da Associação Portuguesa de Inventores se poderá revestir do maior interesse e da maior importância.

Técnicos portugueses no 1.º Simpósio Europeu de Pavimentos em Betão

O 1.º Simpósio Europeu sobre Pavimentos em Betão realiza-se, de 2 a 4 de Julho, em Paris.

Representantes de organismos oficiais e elementos do sector privado português inscreveram-se já na importante reunião, patrocinada pela Associação Permanente dos Congressos de Estradas.

A apresentação de comunicações decorrerá no Centro Parisiense de Congressos Internacionais. Um dos aspectos mais salientes do Simpósio é o da visita aos estaleiros de construção na região de Dijon, onde vão ser expostos os factores de ordem económica e técnica que levaram á escolha de pavimentos em betão para a auto-estrada do sul da França.

As inscrições podem ser feitas através da Associação Técnica da Industria do Cimento, avenida 5 de Outubro, 54-2.º, dt.º, Lisboa, ou directamente para o secretariado-geral do Simpósio, 2, Rue Saint-Charles, Paris, 15.

Foi hoje visitada a Central de Betão modernamente equipada

PORTO, 29.

A Empresa de Cimentos de Leiria promoveu hoje uma visita da Imprensa á sua primeira Central de Betão Pronto Liz, do Porto. Foi, ainda, observada uma obra onde o betão está a ser utilizado.

Na visita tomaram parte os srs. eng.º Abílio David e dr. Luís Avillez, da sede da empresa em Lisboa; o gerente da mesma no Porto, António Jorge, e outros funcionários, que prestaram esclarecimentos sobre o importante empreendimento.

Esta central é constituída por um nucleo de produção e um edifício onde estão instalados escritórios, laboratório, refeitório, vestiário para o pessoal e oficinas.

O equipamento de produção é ultramoderno, com uma capacidade de fornecimento de 400 m3 por dia, processando-se todas as operações automática e electrónicamente, por meio de cartões perfurados, em que prelacionam os componentes do betão, e são todos eles controlados por pesagem. Assim se consegue um extraordinário rigor na confecção do produto, o que permite a venda do betão de qualidade e resistência garantidas. Além do mais, há o apoio constante de laboratório central, que está a ser orientado por um engenheiro especialista e tem por fim estudar e aperfeiçoar os betões produzidos, vigiar a regularidade do fabrico, fazer estudos estatísticos dos resultados, efectuar pesquisas no sentido de melhorar as qualidades dos betões, solucionar problemas particulares postos pelos clientes e, também, controlar permanentemente as matérias-primas a utilizar e os betões entregues nos estaleiros.

Para os constantes fornecimentos, está a central equipada com uma frota de sete camiões-betoneiras, e estão em via de ser encomendadas novas unidades. Em futuro próximo, a empresa equipará os camiões-betoneiras com radiotelefones, o que permitirá o contacto dos veículos com a central, para uma maior eficiência de serviço.

Necrologia

FUNERAIS

Manuel da Encarnação da Fonte

BRAGANÇA, 29 — Realizou-se, com grande acompamento da igreja da povoação de Frades, onde foi rezada missa de corpo presente, o funeral do sr. Manuel da Encarnação da Fonte, que ficou sepultado no adro do templo por não haver ainda cemitério naquela localidade, de onde era natural. Contava 76 anos, era viuvo, proprietário e agricultor dos mais conhecidos e importantes da região de Vinhais e muito estimado. Era pai da sr.ª D. Amélia da Assunção Fonte Coelho, professora do ensino primário em serviço nas escolas anexas á Escola do Magistério Primário, desta cidade, casada com o sr. Diogo de Castro Antas Coelho, comerciante desta praça, e avô do estudante liceal sr. Manuel João da Fonte Coelho.

Dr. António de Andrade

CELORICO DA BEIRA, 29 — Vindo o ataude de Castelo de Vide, onde ocorreu o triste desenlace, realizou-se, com grande acompanhamento, para jazigo de família no cemitério desta vila, o funeral do sr. dr. António de Andrade, médico distinto, muito conhecido e estimado em Loriga (Gouveia). Natural de Espinheiro, freguesia de Santa Maria, deste concelho contava 62 anos, era casado com a s.ª D. Aida Pires Cabral de Andrade, pai do sr. dr. António Jorge Pires Cabral de Andrade, casado com a sr.ª dr.ª D. Ana da Conceição Rodrigues de Andrade, ambos médicos em Almeirim, e da sr.ª dr.ª D. Maria Manuela Pires Cabral de Andrade, casada com o sr. dr. David José Leandro Duarte Ribeiro, notário em Castelo de Vide, e cunhado dos srs. dr. António Lucas Mendes de Almeida, subdelegado de Saude nesta vila, casado com a sr.ª D. Aurora Pires Cabral; capitão-de-mar-e-guerra Amandio Pires Cabral, casado com a sr.ª D. Mariana Emília Cabral e dr. António Pires Cabral, médico.

SUFRÁGIOS

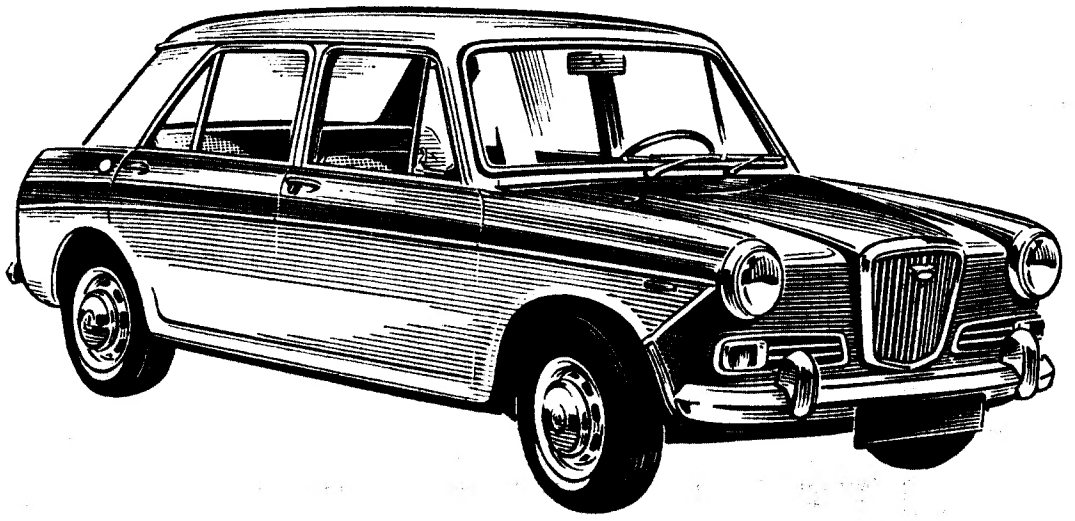
D. Olga Violante

Por alma da sr.ª D. Olga Violante, que foi directora titular do Coro Gulbenkian, directora dos Serviços de Musica da Mocidade Portuguesa e professora do Instituto de Odivelas, celebram-se missas do 7.º dia, amanhã, ás 19 e 30, na igreja do mosteiro de Odivelas, e no sábado, ás 18 horas, na igreja de São Vicente de Fora.

CONSAGRAÇÃO DEFINITIVA

Para a classe do WOLSELEY 1300 o primeiro prémio!

No concurso de elegância e conforto automóvel do Estoril



Elegância, distinção, classe um apanágio de qualidades que, de facto, sempre distinguiram o WOLSELEY 1300

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.

Av da Liberdade 11 Av 5 de Outubro, 168 - R. da Escola Politécnica, 39 — Lisboa

Rua Sá da Bandeira, 501 — Porto / Agentes em todo o País

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si** UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME_____

ENDEREÇO_____

"AO SEU SERVIÇO"

IMPÉRIO
a sua seguradora

Actualidade internacional

A VIAGEM DE ROCKEFELLER

Disposições de segurança na capital do Equador

QUITO, 29. — (R.) — A Polícia estabeleceu hoje um apertado dispositivo de segurança nesta capital, por causa da visita do governador de Nova York, Nelson Rockefeller, a seguir ás violentas desordens anti-norte-americanas que se registaram na vizinha Colômbia, durante a sua permanência naquele país.

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Equador, Rogelio Valdivieso, declarou que severas precauções de segurança tinham sido tomadas para impedir quaisquer manifestações hostis contra Rockefeller durante a sua estada de um dia em Quito, onde é esperado hoje.

As medidas nesta capital seguem-se a sérias desordens durante os ultimos dois dias em várias cidades colombianas.

Rockfeller está a realizar uma viagem pela América Latina, para rever as relações do seu pais com a área, missão de que o incumbiu o presidente Nixon.

Quando Rockfeller concluia, a noite passada, as suas conversações com dirigentes colombianos em Bogotá, a capital, hordas de estudantes furiosos apedrejaram automóveis e estabelecimentos e travaram recontros com a Polícia, em pelo menos, seis cidades do país.

A mais afectada foi o grande centro industrial de Medellin, onde cerca de 2000 estudantes, gritando «Abaixo Nelson Rockefeller» lutaram com a Polícia até ás ultimas horas da noite passada.

Alain Poher escutando (atentamente) os jornalistas, no decorrer da conferência de Imprensa em que deu a conhecer ao país o seu programa, em 12 pontos, de candidatura á presidência da Republica

A NASA DIVULGOU FILMES OBTIDOS PELA «APOLO-10»

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 29 — (A. N. I.) — A N. A. S. A. (Agência Nacional de Aeronáutica e do Espaço) divulgou 32 metros de filme colorido, obtido pelos tripulantes da «Apolo 10», e um geólogo espacial afirmou que nada há nele que possa interferir com uma alunagem no próximo mês de Julho.

Embora algumas fotografias tenham ficado escuras, o geólogo John Dietrich afirma que outras revelam aspectos «novos e muito interessantes».

Os astronautas Thomas Stafford, Eugene Cernan e John Young trouxeram do espaço centenas de fotografias a cores e a preto e branco, bem como diapositivos e filmes. Algumas fotografias são em estereoscopia, o que lhes confere um efeito tridimensional.

As fotografias hoje divulgadas são as primeiras das muitas que os astronautas fizeram durante as 61 horas que passaram na órbita lunar.

Os peritos estão convencidos de que, embora muitas se tenham perdido devido a ume pequena avaria na câmara, quando se aproximaram da Lua, as restantes continuam a ser esenciais para preparar a descida da «Apolo 11».

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO ORIENTADO POR MARIGHELA

RIO DE JANEIRO, 29 — (A. N. I.) — «O movimento político denominado Vanguarda Popular Revolucionária — subordinado directamente ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário — é considerado pelo Segundo Exército, num relatório encaminhado á Polícia paulista, como «a organização responsável pela maioria dos assaltos a bancos, além dos actos de terrorismo, assaltos a casas de armas, roubo de dinamite e subversão em São Paulo» — anuncia o «Jornal do Brasil», em correspondência da sua sucursal em São Paulo, que acrescenta: «O antigo capitão Carlos Lamarca seria o responsável pela arrecadação de dinheiro e de armas para a Vanguarda Popular Revolucionária, mas não seria o chefe do grupo terrorista, agindo de acordo com ordens superiores, dadas, provávelmente, pelo ex-deputado Carlos Marighela. Esse grupo político obedeceria a uma coordenação geral, que actuaria em três sectores: o logístico, o urbano e o rural».

NOVE FUGITIVOS

RIO DE JANEIRO, 29 — (F. P.) — Um excepcional dispositivo de segurança foi montado em toda a cidade do Rio de Janeiro, onde a Polícia e o Exército tentam encontrar os nove detidos militares que se evadiram da prisão central da cidade na passada segunda-feira, com a cumplicidade de dois «comandos» terroristas.

Pensa-se que os nove fugitivos vão tentar juntar-se, no Estado de São Paulo, ao grupo do capitão Carlos Lamarca, que é considerado responsável por numerosos ataques levados a cabo contra estabelecimentos bancários de São Paulo.

Foi absolvido o polícia canadiano que abateu um português

TORONTO (Canadá), 29— (A. N. I.) — Foi ontem absolvido por um tribunal de Toronto o polícia que, no passado dia 4, abateu a tiro o português Angelo Nóbrega, de 20 anos.

O juri estabeleceu que o imigrante português «foi morto acidentalmente pelo tiro de arma empunhada pelo agente Kevin Boyd».

Angelo Nóbrega foi abatido quando, em companhia de dois irmãos — José, de quem era gémeo, e João, de 17 anos — era perseguido por Boyd e por um outro agente, que suspeitavam terem os três portugueses cometido um furto num cinema.

Depois da morte de Angelo, a Polícia esclareceu que os irmãos Nóbrega nada tinham a ver com o roubo.

FÓSSIL DE PEIXE DE ÁGUA DOCE ENCONTRADO NO ANTÁRCTICO

SYDNEY, 29 — (R.) — Foram encontrados no Antárctico os restos fossilizados de um peixe de água doce e respiração aérea, que viveu há mais de 350 milhões de anos.

O curador de paleontologia do museu australiano, dr. Alexander Ritchie, declarou hoje que os restos do peixe, com a maxila quase impecável, tinham sido encontrados em território australiano do Antárctico e tinham sido localizados pela primeira vez em 1957 por dois geólogos da Nova Zelândia.

O dr. Ritchie espera visitar o Antárctico para examinar uma maxila de peixe completamente fossilizada, apoiando a teoria de que há 100 milhões de anos o Mundo estava dividido em três vastos continentes que se separaram mais tarde.

O continente Sul, designado por Gondwenalândia pelos cientistas, foi onde teria vivido o peixe cujo fóssil foi agora encontrado, e incluia a actual Austrália e a Antárctida.

Os partidos em França

PARIS, 29. — (A. N. I.) — A política francesa apresenta, a três dias do primeiro escrutínio para a eleição do sucessor do general de Gaulle na presidência da Republica, a seguinte constituição:

— União para a Defesa da Republica (UDR); Agrupamento de deputados e de senadores que apoiam as linhas políticas traçadas pelo general de Gaulle. Normalmente, a UDR tem o apoio de 25 por cento do eleitorado.

— Republicanos Independentes: facção gaullista que se separou da UDR e que é chefiada pelo antigo ministro Valery Giscard d'Estaing. Habitualmente, é apoiada por dez por cento dos eleitores.

— Partido Comunista: o maior partido político organizado da França, e segundo partido comunista ocidental, com cerca de trezentos mil filiados. O Partido segue habitualmente as directrizes de Moscovo, mas tem, por vezes, manifestado o seu desacordo perante as decisões do Kremlin. Costuma ter o apoio de vinte por cento do eleitorado.

— Partido Socialista: cerca de oitenta mil filiados, segue uma política social-democrática, com tendência para o centro-esquerda. Dezassete por cento dos votos costumam ser-lhe dados pelo eleitorado.

— Partido Socialista Unificado: facção que se separou do Partido Socialista. Apoio ás doutrinas do socialismo puro. Tendências mais esquerdistas do que o próprio Partido Comunista. Menos de um por cento dos votos do eleitorado.

— Progresso e Democracia Moderna (PDM): grupo de independentes do centro, unidos num movimento eleitoral unico. Apoiam, na sua maioria, o chefe de Estado em exercício, Alain Poher. Quinze por cento dos votos.

— Outros partidos: várias pequenas facções extremistas das esquerdas e das direitas que, no conjunto, têm o apoio de dois a três por cento dos eleitores.

FRAGA IRIBARNE NOS E. U. A.

INDIANAPOLIS (INDIANA), 29 — (A. N. I.) — O ministro espanhol da Informação e Turismo, Manuel Fraga Iribarne, afirmou ontem á noite, em Indianapolis, que pensa que o acordo entre a Espanha e os Estados Unidos acerca da utilização de bases militares em território espanhol será prorrogado.

«BATALHA» DO DIVÓRCIO EM ITÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

porém: «Existem ainda bastantes fossos á nossa frente».

A lei, que autorizaria o divórcio apenas em casos limitados, deve provocar, segundo se espera, uma das mais duras e acerbas batalhas travadas no Parlamento na recente História italiana.

Os jornais esperam uma feroz acção na rectaguarda pela Igreja Católica, que se opõe fundamentalmente ao divórcio e tem atacado frequentemente propostas para o introduzir neste país.

Contudo, leigos da maioria dos partidos, com excepção dos democratas-cristãos, afirmam que a questão é um dos problemas domésticos mais importantes de Itália e que deve ser completamente discutida no Parlamento.

Os democratas-cristãos ameaçaram que, se ambas as Câmaras do Parlamento aprovarem a lei — e isso não é esperado antes do começo do próximo ano — pedirão um referendo para que o divórcio seja abolido.

Oitenta mortos devido ao calor na Índia

NOVA DELHI, 29 — (F. P.) — A vaga de calor que há seis dias assola o Norte e o Centro da Índia causou até agora 80 mortos. Cerca de 200 pessoas foram hospitalizadas por insolação. Contam-se 45 mortos no Madhya Pradesh, 33 no Uttar Pradesh e dos em Nova De-

A temperatura varia entre 42 e 45 graus centígrados nas planícies setentrionais, tendo atingido ontem 47 graus no Rajastão, onde se agravou o problema do abastecimento de água potável.

Reina o caos nos Correios italianos

ROMA, 29 — (F. P.) — Reina o caos nos correios italianos. As autoridades italianas inquietam-se com o aspecto internacional da greve que isola o país da Santa Sé e do resto do Mundo. Há três meses que o movimento das cartas está parado.

As obrigações da Santa Sé em matéria postal resultam do tratado de 1929, ou Tratado de Latrão, que estipula ter a Itália a responsabilidade de «ligar directamente com os outros Estados» os serviços «telegráficos, telefónicos, rádio-telegráficos, rádio-telefónicos e postais da Santa Sé».

As consequências económicas da greve são sensiveis para o comércio e para o turismo.

Um publico exasperado considera o Governo como responsável. Na extrema-direita, os neo-fascistas lançaram, não sem sucesso, o «slogan»: «Isto estava melhor no tempo de Mussolini». A extrema-esquerda este género de propaganda não desagrada, pois dá ensejo a agitar o espectro do renascimento do fascismo e a reclamar a subida ao Poder de um Governo de Frente Popular.

Voto de Portugal contra um projecto de organização intergovernamental de turismo

SÓFIA, 29. — (F. P.) — Terminou ontem a conferência intergovernamental para o Turismo, inaugurada em 15 do corrente nesta cidade, com a participação de delegados de 60 países.

Os congressistas aprovaram por uns 40 votos uma resolução apresentada por 25 países da Ásia, África e América Latina, no sentido de as Nações Unidas criarem uma organização intergovernamental do turismo com a missão de dar maior incremento ao turismo nacional e internacional. Catorze países votaram contra a moção, figurando entre eles o Canadá, os Estados Unidos, Portugal, a Grécia, a Holanda, o Reino Unido, a Suiça e a Alemanha Ocidental. Abstiveram-se a França, o Irão, a Áustria e a Bélgica.

A nova organização terá um máximo de autonomia administrativa e financeira e um carácter mais operacional do que consultivo. O seu orçamento, independente do da O. N. U., conta com a contribuição dos países membros e outros recursos.

O CONCORDE SOBREVOOU PARIS

PARIS, 29 — (A.N.I.) — Inaugurou-se hoje no aeroporto de Le Bourget a 28.ª Exposição Internacional de Aeronáutica de Paris, em que são apresentados 150 modelos de aviões e helicópteros e milhares de acessórios.

A abertura oficial do certame foi assinalada com um voo a baixa altitude, sobre o Arco do Triunfo, do protótipo francês «001» do avião super-sónico franco-britanico «Concorde».

O general Dayan pouco optimista

JERUSALÉM, 29. — (R.) — O ministro da Defesa israelita, Moshe Dayan, afirmou a noite passada que a situação nas linhas de cessar-fogo árabe-israelitas não melhoraria em futuro previsível.

Dayan, discursando num comício a que assistiram, nesta cidade, cerca de 3000 pessoas, disse que Israel devia presumir que as suas forças teriam de se manter durante bastante tempo nas actuais linhas. Não era, portanto, do interesse de Israel alargar as áreas de confrontação ou introduzir armas que os árabes não estavam a usar.

O general revelou que, na frente do Canal de Suez, se registaram nos ultimos dois anos 483 baixas entre os israelitas, incluindo 108 mortos.

Em 1968, ocorreram em média apenas nove incidentes por mês. Registaram-se 30 em Janeiro deste ano, 151 em Fevereiro, 180 em Março, 568 em Abril e 370 em Maio.

Dayan acrescentou que ocorreram cinco tentativas sem êxito dos egípcios para atravessarem o Canal de Suez duratne o mês de Abril.

Moshe Dayan: o mês passado, os egípcios tentaram, por cinco vezes, a travessia do Canal de Suez

Al Fatah desmente ser a autora do ataque a Jericó

BEIRUTE, 29 — (R.) — O comando da luta armada palestiniana desmentiu a noite passada alegações israelitas segundo as quais guerrilheiros jordanos tinham disparado foguetões contra o centro de Jericó.

Um comunicado, emitido por Rádio Sawt Al-Assifa, órgão do movimento Nacional de libertação da Palestina (Al Fatah) dizia: «A revolução palestiniana nunca dirigiria o seu fogo contra o nosso povo. O inimigo sionista está a tentar provocar um conflito entre os «comandos» e os civis árabes».

O comunicado acusava as autoridades israelitas de atacarem civis e de atribuirem a culpa aos «comandos».

Um informador militar israelita anunciou que um civil árabe ficara ferido e três lojas foram incendiadas em Jericó, devido a um ataque com foguetões que ocorreu durante a noite.

SEGUNDO ATAQUE CAUSOU UM FERIDO

JERICÓ, 29 — (R.) — Foguetões de fabrico russo, disparados do lado jordano da linha de cessar-fogo, caíram de novo, a noite passada, nesta antiga cidade bíblica.

É o segundo ataque dessa natureza que se regista em 24 horas.

Um informador militar israelita anunciou que um civil ficara ferido, fora destruída uma casa e vários edifícios ficaram danificados em consequência do ataque, que ocorreu por volta das 21 e 40, hora local (19 e 40, T.M.G.).

A primeira barragem de foguetões contra Jericó, ocupada pelos israelitas, foi seguida por um aviso de Israel á Jordânia de que novos recontros armados poderiam conduzir a represálias.

Criação de plantas em tubo de ensaio

NOVA YORK, 29. — (R.) — Enquanto biologistas tentam criar vida animal num tubo de ensaio e estão a conseguir publicidade com as suas experiências, cientistas de oito países trabalham tranquilamente para obter o mesmo com plantas, segundo revelou a noite passada a Fundação Rockefeller.

A criação de plantas em tubos de ensaio pode conduzir ao desenvolvimento eventual de espécies de plantas inteiramente novas e a formas de colheitas que ajudariam a combater a fome.

A Fundação anunciou que esses cientistas, dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Itália, Suécia, Canadá, Alemanha Ocidental e Japão, se avistaram em Itália, no princípio deste mês, para discutir os progressos feitos.

A técnica tentada é fundir células de plantas em condições laboratoriais sem os processos normais de reprodução de plantas. Se isso pode ser feito, novas espécies poderão ser desenvolvidas, fundindo diferentes géneros de células.

Os cientistas britanicos envolvidos nas experiências são o dr. E. C. Cocking, da Universidade de Nottingham, e o dr. R. Riley, do Instituto de Criação de Plantas de Cambridge.

VAGA DE VIOLÊNCIA NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 29—(R.) — Serão criados tribunais marciais em toda a Argentina para julgar crimes graves de desordeiros durante a vaga de violência nas ruas que alastra pelo país, segundo anunciou a noite passada o Governo.

Um comunicado revelava, também, que todas as unidades dos três ramos das Forças Armadas foram colocadas á disposição de governadores provinciais, para auxiliarem a Polícia a dominar distúrbios.

Na «Conferência de Acção Urgente» em Estocolmo

Reflexões sobre o Vietnam e sobre a sociedade americana

Por JACQUES DECORNOY

ESTOCOLMO, Maio — Uma «Conferência de Acção Urgente sobre o Vietnam» efectuou-se em Estocolmo de 16 a 18 de Maio, com a presença de umas duzentas e trinta individualidades vindas de mais de cinquenta países, entre as quais figuravam Nguyen Minh Vy, da delegação do Vietnam do Norte em Paris e a sra Neguyen Thi Binh, chefe-adjunta da delegação da F. N. L. Foi lançado um apelo, em apoio do plano em dez pontos da Frente, mas não foi mencionado o discurso de 14 de Maio do presidente Nixon

Noam Chomsky, autor das «Estruturas Sintáxicas», e também de «A América e os seus novos Mandarins», colocou de novo no contexto *extremamente complexo* da sociedade dos Estados Unidos a ideologia que serve de apoio aos partidários da guerra do Vietnam Atacou os «*liberais*» em breve desmobilizados quando Johnson suspendeu os «raids» aéreos contra a R. D. V., e preconizou a criação dum amplo movimento «*radical*» que vê germinar num país incapaz de resolver as suas contradições e num sistema cada vez mais repressivo. No entanto, prudentemente, Chomsky chamou a atenção para a inquietante convergência de «*grupos de interesses organizados: as companhias industriais, os sindicatos, a «inteligentsia» científica e técnica*» que viu realizarem-se no Massachusettes Institute of Technology, para defender os trabalhos de investigação comandados por militares.

O Poder americano confrontado com três grandes crises

Perspicaz observador da «*política da escalada*» — é o título duma das suas obras — o professor Franz Schurmann, vindo de Berkeley, disse que, por outros meios que os anteriores prestidentes, Nixon quer terminar a guerra mas deixando instalado em Saigão um regime pró-americano Lògicamente, no entanto, Washington deveria retirar as suas tropas, porque o poder defronta três grandes crises: «*A diminuição do potencial estratégico global dos Estados Unidos, a instabilidade económica munrial e local*» (crise monetária, etc.), e os estalidos na sociedade americana. Porém, declara Schurmann, os estrategas do Pentágono necessitam de crises: «*Nixon está perfeitamente ao par do terrificante poder dos militares. Tal como fez nas negociações de Paris; manobra. Precisa de desviar para outras direcções a pressão dos militares.*» E acrescenta: «*Os militaristas aceitarão uma desescalada na Ásia oriental em contrapartida duma nova e potente máquina de guerra*» — *por exemplo o sistema A B. M.!*

«*É neste sentido que os meios dirigentes se batem actualmente em Washington*». Para o professor Schurmann, a América só compreende a linguagem da força, atitude que não cessa de censurar aos outros, e a força dos vietnamianos tem mais peso que a das «pombas» dos Estados Unidos.

Professor de História na Universidade do Estado de Nova York, Kolko estudou a evolução da guerra e da diplomacia americanas desde a ofensiva do Têt de Janeiro de 1968. Em sua opinião, Nixon prossegue os objectivos de Johnson: «*Obter uma desescalada da guerra do lado vietnamiano, uma divisão permanente do Vietnam e nova dose de paciência por parte da opinião pública americana e do seu «establishement»*».

Kolko pensa no entanto que os Estados Unidos acabarão por curvar-se às realidades vietnamianas Torna-se optimista quando, tirando a lição desta guerra, pensa que «*numa situação política essencialmente revolucionária, não existe qualquer relação entre a despesa com o potencial material e os resultados políticos ou militares obtidos*». A prova está feita no Vietnam, e pensa que não vai deixar de pesar na política dos Estados Unidos: os limites do seu potencial estão, com efeito, actualmente bem em evidência.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

COMEMORATIVA DO 50.º ANIVERSÁRIO

ABERTA ATÉ 15 DE JUNHO
Dias úteis das 17 às 23 horas
Sábados, domingos e feriados
das 15 às 23 horas

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

50 CINQUENTA ANOS DE PROGRESSO PARA O PROGRESSO NACIONAL

ECOS

QUAL será o resultado da aliança de Gaston Deferre e de Pierre Mendès France? Dela sairá prestigiado, na medida do possível, o pacato maire **de Marselha,** bon vivant, **em quem já não acreditam verdadeiramente nem socialistas nem capitalistas, ou desacreditado, até certo ponto, o autor de** «La République Moderne», **homem sério e de larga visão, mas que já por mais de uma vez se equivocou, pagando com o desfavor político os seus erros tácticos?**

Interrogado, em termos quase rudes, **pelo Nouvel Observateur** sobre se afinal a candidatura de Deferre não serviria para mascarar uma candidatura de Mendès France, respondeu este, com a mesma franqueza brutal, que efectivamente Deferre lhe pedira para ser candidato com **ele**, isto é, para aceitar, no caso da sua vitória, o cargo de primeiro-ministro.

Mendès France procurou também explicar que a sua posição não era essencialmente anticomunista, como poderia parecer, mas apenas estratégica, para fazer sair o regime da monocracia gaullista. «A renovação para nós — diz Mendès — é o socialismo, é a democracia extensiva a todos os aspectos da vida colectiva, não só política mas económica.» Haverá um futuro para a esquerda não comunista? Esperá-lo não significa, de modo algum, que se seja doentia ou histèricamente anticomunista.

★

VIOLENTO conflito opõe no «Figaro» a tipografia e o pessoal das máquinas à redacção, acusada de pseudoliberalismo aristocrático e interessado. No seu esforço de desmistificação, os operários do «Figaro» distribuíram um comunicado no qual dizem: «Não nos interessa esta greve nem o conflito que está na sua origem. Quer se trate de um patrão ou de outro, em que é que isso altera a nossa situação?» Por seu turno, a comissão de Secção da Imprensa e da Informação fez circular às portas do «Figaro» o seguinte **tract**: «Os jornalistas do **Figaro** não querem para director Prouvost, preferem-lhe Raymond Aron, o mandarim contra-revolucionário que a direita chama quando tem medo.» Não põem em causa a linha política do **Figaro**. Querer escolher entre Prouvost e Aran é como escolher entre Poher e Pompidou.

A HOMENAGEM A JOÃO DE BARROS NA FIGUEIRA DA FOZ

A Figueira da Foz vai homenagear o dr. João de Barros que ali nasceu e que sempre permaneceu estreitamente unido á sua terra e ao mar que na infância sentira. Grande poeta e maior cidadão ainda, João de Barros foi daqueles homens que tiveram fé nos destinos do povo e o procuraram elevar. A sua obra na Direcção-Geral do Ensino nos primeiros anos da República, não tem sido posta devidamente em relevo.

De João de Barros que acompanhou carinhosamente o nosso jornal desde a fundação, publicamos hoje um retrato que supomos inédito. É por ele autografado, com a data de 1900, depois alterada para 1904. Foi tirado em Coimbra, no Centro Fotográfico, á Avenida Navarro, que tinha outra casa na Figueira da Foz, a Fotografia Europa, como se diz no verso da fotografia.

O retrato de João de Barros

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITA BEJA

BEJA, 29 — O Presidente da Republica visitará, no próximo dia 2, a Base Aérea de Beka, acompanhado pelo ministro da Defesa.

Naquela base decorrem os treinos de pilotagem da companhia alemã «Lufthansa» de que participam 32 candidatos a aviadores.

AS MARCHAS DE LISBOA DE

VARINOS E VARINAS: EVOCAÇÃO DA MADRA DE HÁ CEM A

«Madragoa / Chinela Varina / Guitarra que trina / Saudades e Fado»: os versos de Jorge Rosa para a marcha da Madragoa inspiram-se na «aliança do bairro com o mar.» Para esta letra compôs Jeny Telles uma melodia que os alegres marchaantes da Madragoa cantam jovialmente, enquanto dançam, sob a direcção do seu ensaiador, Manuel Luís, antigo responsável da marcha de Alcantara.

Organizada desde o princípio da iniciativa em 1935, pelo Vendedor de Jornais Futebol Clube, a marcha da Madragoa, erguida á base de amadorismo total, é das que têm mais tradições e das que contam maior numero de distinções na sua já comprida história. Três vezes seguidas classificada em primeiro lugar (em 1964, 65 e 66), obteve o ano passado o segundo posto. Em 1963 foi distinguida ainda com o Prémio de Honra do concurso.

No vasto pátio do quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, á Avenida D. Carlos, onde a marcha ensaia, os rapazes e as raparigas da Madragoa entregam-se com verdadeiro dinamismo á tarefa cansativa (mas, para as suas aspirações, compensadora) de afinar a coreografia que exibirão, na noite do desfile, perante o publico, o juri e as entidades oficiais. Manuel Luís, chefe de secção de uma estação de serviço, diz-nos alguma coisa acerca do trabalho que está a realizar:

— *Temos umas marcações inéditas, que creio chamarão a atenção dos que apreciam este género de espectáculo. Procurámos enriquecer alguns numeros de fantasia, também de bom efeito. Para que tudo resulte o melhor possível, conto com a boa vontade e a aplicação dos componentes da marcha, que este ano, aliás, se inscreveram em grande numero. Veja lá, até temos gente a mais! Olhe que isto não sucede com muita frequência...*

A família «Parafuso»: juntos na marcha e com a sua marcha própria

A FAMÍLIA «PARAFUSO» ESTÁ CONFIANTE

A marcha da Madragoa tem ainda outro trunfo: os arcos com que vai apresentar-se. Que constituirão — pelo que nos disseram — um importante motivo de interesse. Fatos: varinos e varinas do século passado. Madrinha: Flora Pereira, uma cantadeira de fados, do bairro da Madragoa, está claro.

— *Não sei se ganharemos, mas temos muitas esperanças* — diz um dos directores da marcha, João Ferreira. — *Ao principio as coisas correram mal, por causa de umas dificuldades internas. Agora, felizmente, vai tudo pelo melhor.*

O subsidio da Camara dá para as despesas?

— *Bom, tem de se fazer chegar, não é? Cremos que sim, que dará para, pelo menos, fazermos uma boa figura.*

Quanto a marchantes há-os de todas as idades, embora a representação juvenil, como de resto em quase todos os conjuntos, seja maior que a da geração já madura.

Veteranos? Pois temo-los, sim, senhor. Augusto Fernandes, o «Parafuso», e sua mulher Maria Fernandes, por exemplo, são dois dos mais antigos servidores da Madragoa. Ambos laureados três vezes com o primeiro prémio, portanto. Vendedor de automóveis, o «Parafuso» não leva a mal que o tratem pela alcunha:

— *Não senhor, não me importo nada. Isto foi nome que me ficou de miu-*

Do teatro às marchas populares

A Madragoa conta, este ano, com um elemento novo, que, sendo estreante nesta faina dos desfiles populares, o não é de todo em relação ao espectáculo: José de Oliveira Santos, um moço de 22 anos, já com alguma experiência teatral.

— *Já trabalhei no Teatro Experimental de Cascais, com a companhia de Carlos Avilez. Fazia figuração no «Comissário de Polícia». Neste momento estou para falar com o Raul Solnado, por causa de uma possível colaboração no programa «Zip-Zip».*

Antigo embarcadiço, explica a razão por que deixou a profissão em troca destas andanças:

— *Desde pequeno que sinto vocação para o teatro. O meu sonho é, de facto, ser actor. Este ano, como sou aqui do bairro, lembrei-me de tomar parte na marcha. Era uma forma de ir fazendo qualquer coisa relacionada com uma actividade de que gosto. E cá estou. Pelo que tenho visto, vamos fazer boa figura...*

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

«DAQUELES DIAS EM QUE TUDO COR

Nas marchas, como .. qualq sucedem ás vezes coisas que não e que contribuem, por isso mesm rizar ainda melhor o ambiente envolve. Algumas dessas coisas, mais tarde com um sorriso nos xam, porém, de causar um certo passa por elas. Costa Nogueira, u da marcha da Madragoa, já pas mento desses:

— Foi da primeira vez que fui Desportos. Íamos vestidos de ca entrei no palco deixei cair o barr çar desbarretado. Mas quando choque, zás, incendeia-se-me o a queles dias em que tudo corre

Manuel Luís, o ensaiador: marcações inéditas

Chaves mazém toma desde recorda sua ex

— *Un mentos cha d dois a Despor boa m muito o prin classifi ra m Também lhores tas pa exibim plo a Melo, pre de*

Ourivesaria da Gu
UM NOME NA OURIVESARIA
FUNDADA EM 1898
RUA D.
(Edifício d

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

DE 1969

S: RAGOA ANOS

do. Foi até um médico cá do bairro o responsável por isso: como eu sou assim baixote, começou a chamar-me «parafuso». A coisa pegou e agora, olhe, é como toda a gente me conhece...

A família «Parafuso» é uma típica família das marchas populares. Augusto Fernandes e sua mulher conheceram-se, de facto, há seis anos, durante os ensaios da primeira marcha em que ambos entraram. Começaram a namorar-se e daí ao casamento foi um passo. Agora são já os respeitáveis pais de dois promissores «parafusos». Que por acaso são duas encantadoras «parafusas».

— *Uma delas, a mais velhita, de 3 anos, a Teresa, é a mascote da marcha.*

Outros veteranos: José

«Bola, marcha e uns copitos...»

as visitas a Vila Franca de Xira, que fazemos todos os anos...

— *Quantas horas trabalha por dia, sr. Chaves?*

— *Oito horas. Mas há sempre um bocado de tempo para os ensaios. Depois, se não estivesse aqui, tinha de estar noutro lado qualquer. Além disto os meus divertimentos são só a bola e uns copitos, não é...*

A par dos veteranos, há também os estreantes, em grande numero. Entre os elementos mais novos da marcha destaca-se, porém, a jovem Elisabeth Maria Tavares, que apesar dos seus 14 anos já toma parte na iniciativa desde 1967 (desde os 12 anos, portanto). Tem uma profissão pouco comum: pautadora. «Sim, pautadora, faço linhas nos cadernos, numa loja que há no Rossio.»

— *Porque é que vim para a marcha? Ora, porque gosto disto.* («Ela quer arranjar um namorado» — lembra alguém).

— *Arranjar, arranjar, não quero. Mas não posso negar que já está em vistas...*

AS CORRE MAL»

... qualquer espectáculo, que não estão previstas, so mesmo, para caracte- nbiente de festa que as coisas, que se recordam riso nos lábios, não dei- m certo susto quando se gueira, um dos veteranos , já passou por um mo-

que fui ao Pavilhão dos s de campinos. Quando r o barrete e tive de dan- uando estava refeito do -me o arco! Era um da- corre mal, senhores!...

Chaves, um moço de armazém de 40 anos, que já toma parte na marcha desde 1965. Não se furta a recordar alguma coisa da sua experência:

— *Um dos melhores momentos que vivi na marcha da Madragoa foi há dois anos, no Pavilhão dos Desportos. Tinhamos uma boa marcação e o juri, muito justamente, deu-nos o primeiro prémio. Foi a classificação que até agora me soube melhor... Também guardo as melhores recordações das festas particulares onde nos exibimos, como por exemplo a da sr.ª D. Amélia de Melo, que nos recebe sempre de braços abertos. E*

ta da
UIA
ESARIA PORTUGUESA
JA D. DUARTE, 4-B
difício do Hotel Mundial)

Torre de Babel

por João Medina

DECADÊNCIA DA EPÍSTOLA

Sempre que recebo uma carta, sobretudo se ela me vem de Portugal, fico espantado: há então ainda quem escreva cartas, que acredite no convivio epistolar? Efectivamente, a carta parece pertencer hoje às prateleiras dos museus, ao lado de objectos tão antiquados como o mosquete, a caixa de rapé, a peruca ou o espartilho de barbatanas. Tanto como género literário ou como modo de convivio social, a boa e velha epistola do Século das Luzes, ou mesmo do cretino século XIX, tem em si mesma um ar antiquado, lembra as bigodaças dos nossos avós, os aeroplanos barrocos do começo da aeronáutica, a lanterna chinesa, os velocípedes da «belle époque», os redingotes românticos ou os postilhões fardados de outrora. Ouro mesmo, afirmar que a epistolografia pertence à civilização agrária e morreu no dia em que o tear mecânico introduziu no Ocidente o cavalo de Tróia da revolução industrial.

Tenho, todavia, esperança numa espécie de ressurreição da carta, já que oiço os sociólogos e os profetas murmurarem que vivemos num mundo cada vez mais centrado em torno do acessório, do inessencial, do fugitivo. Ora nada parece mais apto a preencher os ócios hodiernos como esse costume absurdíssimo e fora de moda de escrever cartas. Se caminhamos para a civilização do inútil — o que o chamado «gadget» parece confirmar —, não será então a epistolografia uma ocupação eminentemente gratuita, acessível a quase todas as camadas alfabetizadas do Globo?

Apesar de no bom século das perucas, das partidas para Citera e das guerras em punhos de renda, o correio ser uma instituição aleatória — estradas inseguras, ligações internacionais deficientes, «cabinet noir» da polícia, etc. —, a verdade é que os cultores das Luzes tinham um verdadeiro vício epistolar, considerando a carta como um dever de espírito, uma espécie de bate-papo privilegiado para seres de qualidade, a meio caminho entre o diário íntimo e o jornalismo de actualidade (perdoem-me o pleonasmo). Instalado na sua mansão de Ferney, a cavalo da fronteira franco-helvética, a velha raposa chamada Voltaire confeccionava todos os dias um punhado de cartas que a mala-posta levava aos quatro cantos da Europa culta de então. Voltaire dedicou, efectivamente, à epistolografia uma verdadeira fábrica, já que a edição das cartas do «Philosophe» abrange 107 volumes de missivas enviadas a uns setecentos correspondentes, num total de cerca de quinze mil epistolas, o que faz delas o «opus magnum» do patriarca da turma enciclopedista.

Mas hoje, depois de Watt e de Einstein, como dedicar ao cultivo do jardim epistolar tantos ócios e esmeros? Como encontrar o lazer para tricotar a esteira infindável das epistolografias de outrora? Quem é que está disponivel para esses amáveis passatempos, que quadravam bem na era setecentista, mas que, depois da Revolução e do triunfo do maquinismo, parecem tão deslocados como o gamão, o xadrez, o esperanto ou o epitalâmio, recreios que o progresso matou de vez? «A minha vida foi uma longa carta», confessava o iluminista Horace Walpole, retirado na sua casa gótica de Strawberry Hill, o que lhe permitia assinar as cartas indistintamente como «lord» ou como «abade de Strawberry Hill» (à letra: colina dos morangos). Facécias daquele tempo. E, como o dizia esse camaleão político chamado Talleyrand, quem não viveu antes da Revolução não pode ter sabido o que significava a «douceur de vivre». Ora aí está: os nossos marqueses e marquesas do século de Fragonard e Swift tinham vagar para se darem ao deleite da epistolografia, enquanto que nós, os que viemos depois da invenção do motor a dois tempos, vivemos como os habitantes da trepidante «Metrópolis» de Fritz Lang ou, ainda, como o Charlot dos «Tempos Modernos», ou seja, metidos numa engrenagem vertiginosa que ameaça mecanizar os gestos livres, automatizando, mesmo, a hora das refeições e os momentos de repouso. Como conceber, então, que um habitante do mundo post-gutenberguiano troque a mensagem útil e rápida do postal ou do telegrama pelos derrames intimistas da carta, tal como a entendiam os ociosos nefelibatas do século XVIII? Como diz o adágio, Deus dá carteiros e aviões a jacto a quem não tem tempo para epistolas, do mesmo modo que outrora punha trôpegas tranquitanas ao serviço de um grémio de literatos votados ao vício de escrever cartas.

Estrasburgo, Maio de 1969.

Os ensaios avançam, num ritmo intenso: os pergaminhos da Madragoa não podem ficar desacreditados

A PRIMEIRA DAS CONFERÊNCIAS DO CICLO LIGADO À FEIRA DO LIVRO

Teremos hoje, num dos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes, a primeira das conferências literárias, do ciclo organizado, como dissemos, por louvável iniciativa da Portugália Editora, no ambito da Feira do Livro.

O consagrado dramaturgo e teatrólogo Luís Francisco Rebelo, autor além de outras obras marcantes, de notáveis estudos sobre temas teatrais, falará do «Teatro Português Contemporaneo».

A conferência começa ás 21 e 30 e a entrada é livre.

SEJA PREVIDENTE

Comprando jóias de categoria terá a certeza de uma boa aplicação de capital. Na **OURIVESARIA PIMENTA** encontrará um sortido inigualável — Rua Augusta, 253 — Telef 32 45 64.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

O CHEFE DO ESTADO FOI ATÉ AO ALTO-MAR A BORDO DO «CACINE»

O novo navio-patrulha «Cacine» que dá o nome á classe a que pertencem outros barcos do mesmo tipo, actualmente em construção no Arsenal do Alfeite e nos Estaleiros Navais do Mondego, num total de oito, foi esta manhã visitado pelo Chefe do Estado.

O sr. almirante Américo Thomaz chegou á doca da Marinha, onde o pequeno navio se encontrava atracado, acompanhado pelo seu oficial ás ordens, comandante Guilherme Thomaz. Aguardavam o Presidente da Republica o titular da pasta da Marinha, o chefe do Estado-Maior da Armada e o comandante naval do Continente.

Depois de receber a continência da guarnição (três oficiais, um sargento e 25 praças), o Chefe do Estado entrou no navio, que largou para uma breve viagem ao alto-mar, saindo pela barra Sul e regressando pela barra Norte, com nova atracação na doca da Marinha.

O «Cacine», bem como todos os restantes navios da sua série, tem 48 metros de comprimento, desloca 293 toneladas e atinge a velocidade máxima de 20 nós. Está armado com duas peças de 40 milímetros, um lançador de foguetes de 37 milímetros e duas calhas para bombas de profundidade.

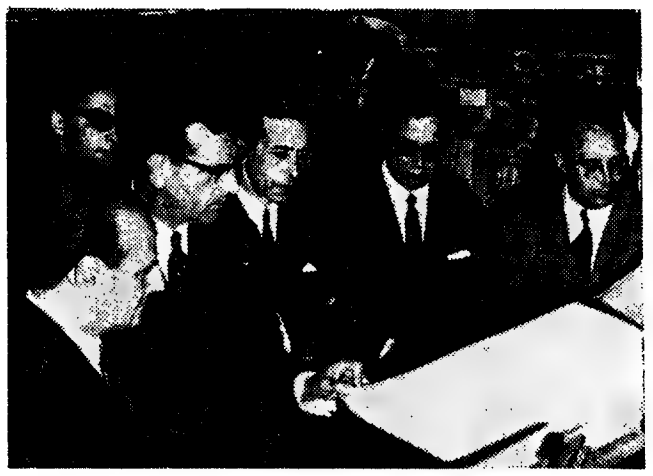
Os aumentos ao efectivo da Armada destes novos navios estão previstos para este ano, ainda, e para o próximo.

O chefe do Estado a bordo do «Cacine»

Nevão em Maio na serra da Estrela

PENHAS DOURADAS, 29. — Está a cair neve, que envolve estas paragens da serra da Estrela em álgida brancura. Verifica-se, porém, a mil e quatrocentos metros de altitude, que o frio não é intenso.

Maio perfumado de rosas, revestido de viridentes folhagens e verduras estuantes de seivas, que poderá significar engrinaldado de lívidas flores de neve numa Primavera desoladora, hesitante, que, parecendo prolongar as desalentadoras e brumosas invernias, nos tortura com a nostalgia da luz e do calor do Sol?... Pois que confirme, ao menos, o velho e esperançoso adágio, segundo o qual Maio de nevão, ano de pão!



O ministro da Educação Nacional visitou hoje, ao princípio da tarde, o Museu Militar. Acompanharam-no o ministro do Exército e o chefe do Estado-Maior do Exército. Foram recebidos pelo coronel Julio Martins Mourão, director do Museu, que saudou o titular da pasta da Educação Nacional, agradecendo a honra da visita. Aquele membro do Governo percorreu demoradamente as instalações do Museu, observando as peças e obras expostas

ALTER DO CHÃO

†

DR. GREGÓRIO DE OLIVEIRA CASQUILHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

D. Maria da Conceição Pestana Rosa de Oliveira Casquilho Caldeira de Castel Branco, D. Maria Luísa Pestana Rosa de Oliveira Casquilho Ribeiro e marido, dr. Joaquim Rovieco Ribeiro; dr. João Manuel da Rosa Pestana de Oliveira Casquilho e esposa, D. Fernanda Carrasco Vivas Casquilho; netos e demais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral, precedido de missa de corpo presente, se realiza amanhã, desta localidade para jazigo de família em Alpalhão.

DOIS MORTOS na recta do Cabo

• *Uma das vítimas é Waldemar Monteiro redactor-colaborador de «O Século Ilustrado»*

VILA FRANCA DE XIRA, 29. — Um jovem colaborador de «O Século Ilustrado» morreu esta manhã no embate do seu automóvel contra as guardas de um pequeno viaduto em plena recta do Cabo, a poucos quilómetros desta vila. No acidente perdeu também a vida um operador cinematográfico que o acompanhava.

Os dois ocupantes do automóvel (aspirante miliciano Waldemar Marques Monteiro, 28 anos, separado judicialmente, natural de Lisboa e residente no Bairro de Caselas, Rua 13, n.º 10, e Carlos Alberto Moreira da Silva, morador na Travessa do Raposo, 5-A, 1.º) estavam colocados nos Serviços Cartográficos do Exército, o segundo como operador civil contratado. Esta manhã tinham saído da capital a caminho de Vendas Novas, onde prosseguiriam na Escola Prática de Artilharia as filmagens de uma curta-metragem sobre a Academia Militar.

Foi a poucas centenas de metros da Estalagem Gado Bravo que se deu o desastre. Por causas ainda não apuradas, o carro tripulador por Waldemar Monteiro foi embater no viaduto de acesso a uma propriedade particular, sendo os dois ocupantes violentamente projectados na altura da colisão. Segundo tudo leva a crer, a morte de ambos foi imediata. A P. V. T. de Porto Alto, que tomou conta da ocorrência minutos depois (o desastre terá sido

WALDEMAR MONTEIRO

ás 8 e 30), ordenou a remoção dos corpos para a casa mortuária do cemitério desta vila.

*

Waldemar Monteiro, antigo colaborador de vários órgãos da Imprensa, entre os quais o «Diário de Lisboa», fora recentemente admitido como colaborador permanente de «O Século Ilustrado», onde assinou várias reportagens. Uma delas, a série «Histórias dramáticas da emigração», sairá brevemente em volume editado pela Prelo.

Em 1958, aos 17 anos, estreou-se no mundo das letras com a colectanea de contos «Olhos terríveis», a que se seguiria em 1964 o volume de ensaios «Letra de Imprensa». Muito viajado, Waldemar Monteiro passou largas temporadas na Polónia, Holanda (onde trabalhou na cadeia de televisão U. P. R. D.) e França (onde prestou colaboração ao Serviço Social do Ministério do Trabalho e ao Serviço de Ajuda á Mão-de-Obra Estrangeira). Em Paris foi também assistente dos cursos do C. I. C. F. Há anos esteve em Itália para participar nos trabalhos do Congresso Internacional de Escritores.

Multiplicando-se como redactor, fotógrafo e realizador, Waldemar Monteiro fez várias curtas-metragens para a Cultura Filmes. Ultimas em data: «Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian» e «Branquinho da Fonseca». Aluno também da Faculdade de Direito de Lisboa, fora agora forçado a interromper o curso.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	530$	—
Consolidado 4%	540$	539$	541$
Consolidado 3 1/2%	—	646$	648$
Centenarios 4%	1.527$	1.525$	1.530$
Obrig Tesouro 5%	1.007$	1.007$	1.608$
Externo 1.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	900$
Externo 3.ª série	—	—	905$
Caixotes 3.ª Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. L. 5% 58	—	—	970$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	970$
C. P. 5 1/2% 67	—	920$	—
C U F 6%	1.006$	—	1.010$
C U F 6% 68	1.013$	1.008$	1.013$
Gás Electr 4% 48	1.018$	1.015$	1.020$
Gás Electr 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Electr 5% 54	—	880$	—
Gás Electr 5% 58	—	910$	—
Gás Electr 5% 59	—	—	940$
Gás Electr 5% 62	—	—	935$
Gás Electr 5% 63	—	935$	—
Gás Electr 5% 65	—	930$	—
Gás Electr 5% 67	1.020$	—	1.020$
H. E. A. Alentejo 5%	—	850$	—
H. E. Cávado 5%	—	855$	—
H. E. Cávado 6%	1.014$	1.013$	—
H. E. Douro 5%	—	855$	—
H. E. Douro 6%	1.015$	1.013$	1.015$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	—	1.013$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	850$	845$	860$
Lisnave 6%	—	1.020$	1.030$
Metropolitano 4%	—	950$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1.040$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	850$	—	855$
Nitratos 5%	—	850$	—
Nitratos 5% 60	—	850$	—
Petroquimica 5%	—	900$	910$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	940$	950$
Sacor 5% 60	—	910$	—
Siderurgia 5% 2.ª	830$	825$	835$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	840$	840$	845$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	850$	860$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	83$	83$	83$5
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.170$	1.165$	1.170$
Alentejo	820$	820$	825$
Angola	2.250$	2.250$	2.270$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	2.500$	2.480$	2.500$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	5.150$	5.110$	5.200$
L. & Açores n.	—	—	—
N. Atlântico p.	—	5.500$	6.500$
Portugal n.	—	2.500$	—
Portugal p.	—	2.950$	3.000$
Totta Aliança	—	5.650$	5.750$
Ultramarino n.	2.060$	2.050$	2.070$
Ultramarino p.	2.380$	2.350$	2.370$
Seguros			
Alentejo	—	70$	74$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	505$	502$	510$
Seguros	—	1.300$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	11.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	750$	750$	760$
Ag Cassequel	650$	650$	660$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	300$	400$
Ag S Tomé e Principe	—	—	—
Boror	—	—	210$
Buzi	—	82$	83$
Cabinda	220$	219$	221$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.485$	1.480$	1 490$
H E Revué	—	610$	615$
Ilha do Principe	—	960$	—
Moçambique	—	122$	124$
Sonefe A.	—	—	—
Sonefe B	395$	395$	400$
Zambézia	80$	80$	80$5
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	—	7 450$	—
Cim Leiria	2.800$	2.800$	2.900$
Cim Tejo	5.400$	5.300$	—
Col Navegação	—	—	—
C U F	—	—	—
Ind Aliança	—	—	600$
Nac Navegação	2 800$	2.800$	2.850$
Petroquimica	—	2.250$	2.300$
Port e Colónias	1.560$	1.555$	1.570$
Port Celulose	—	3.500$	—
Port Pesca	1.200$	1.190$	—
Port Tabacos	528$	527$	528$
Sacor	5 250$	5.200$	5 300$
Siderurgia Nac	1 410$	1.400$	1.420$
Sacor	2.600$	2 580$	2.620$
Tabacos de Portugal	—	820$	900$
Tabaqueira	—	12 000$	—
U F Azoto	770$	770$	780$
Agua Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	420$
Aguas Lisboa 36	—	400$	—
Eléct Beiras	—	1.550$	1.600$
Gás Electr	384$	383$5	384$
H E Alto Alentejo	154$5	154$5	155$
H E Cávado	1.259$	1.255$	1 260$
H E Douro	1.234$	1.232$	1.236$
H E Norte Portugal	—	307$	—
H E Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.315$	1.315$	—
Nac Electricidade	1.360$	1.355$	1.357$
Termoeléctr Port.	—	1.345$	1.350$
U E P	195$	194$5	195$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	168$4	173$5
D E S	—	110$5	113$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	22/5/69	28/5/69	29/5/69
GERAL	121,1	121,3	121,2
METROP.	118,4	118,7	118,6
ULTRAM.	141,1	140,0	140,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul		
— Rands de 1 e 2	36$00	38$00
— Rands de 5 e 20	36$50	39$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 e 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$80	7$80
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$51,5	$55
França — Franco	5$00	5$50
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra Isenta	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	265$00	285$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

BURNAY, L. DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 18 Tel. 321873

O CORAÇÃO AINDA BATIA AO SER TRANSPLANTADO

LONDRES, 29. — (F. P.) — O coração da jovem enfermeira de 19 anos, «miss» Margaret Sinsbury, que foi transplantado em 16 do corrente para o peito de Charles Hendrick, de 59 anos, batia ainda quando a operação foi efectuada, revelou hoje de manhã o informador do hospital londrino onde se fez a transplantação.

«Miss» Sinsbury tinha sido vítima de um acidente e o seu coração foi mantido com vida graças ao emprego de uma pequena máquina eléctrica. O informador revelou ainda que se verificara, cortando a corrente algumas vezes, que o coração da jovem enfermeira deixava de bater. Depois de estabelecida a corrente o coração voltava á vida. O óbito foi verificado por dois médicos antes de ser ensaiada pelos cardiologistas londrinos esta nova téonica.

PORTUGUESES NA X BIENAL DE SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO, 29 — (A. N. I.) — O pintor e crítico Fernando de Azevedo, colaborador da Fundação Gulbenkian, de Lisboa, foi nomeado comissário de Portugal na Bienal de São Paulo, tendo sido o arquitecto Mário de Oliveira encarregado da coordenação geral da representação portuguesa naquele certame de artes plásticas. Entre os membros do juri internacional, Portugal terá este ano um representante, que será, provávelmente, o jornalista José Augusto dos Santos. Os trabalhos dos artistas portugueses que participam na Bienal de S. Paulo serão este ano seleccionados pela Fundação Gulbenkian.

DJALMA NÃO CONTINUA NO F.C. PORTO

PORTO, 29.

O jogador brasileiro Djalma não deverá continuar no F. C do Porto. Já abandonou o «Lar do Jogador» onde estava hospedado. O contrato entre o jogador e o clube terminou. Agora que rumo tomará aquele avançado brasileiro?

Hernâni — regresso como dirigente

Na lista dos corpos gerentes do F. C. do Porto para o biénio de 1969-70, um dos lugares mais importantes que faltava preencher era o de director do futebol senior. De uma lista de vários nomes que havia sido elaborada foi convidado para preencher aquele cargo o antigo «internacional» do clube, Hernani Ferreira da Silva, que aceitou.

O problema da habitação das populações de fracos recursos

Realiza-se amanhã, na sede da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, na Avenida Almirante Reis, 12, uma palestra seguida de debate, na qual será abordado o problema da habitação das populações de fracos recursos, tema de oportunidade flagrante em face do agravamento da situação das condições da habitação na área de Lisboa. No debate participarão algumas pessoas que, dentro e fora da Associação dos Inquilinos, mais têm contribuido para chamar a atenção dos responsáveis e até do publico em geral para a necessidade de um estudo de âmbito nacional do importante problema da habitação em Portugal.

TERCEIRO «CANDIDATO» A VÍTIMA DO CRIME DA RUA DA ATALAIA?

Mantém-se confuso (cada vez mais confuso) o caso do crime (ofensas corporais ou homicídio) da Rua da Atalaia, denunciado pelo sapateiro José da Costa Gonçalves, caso que temos referido. Põe-se até em duvida se, efectivamente, terá existido qualquer crime de gravidade.

Com efeito e quanto á primeira presumível vítima, o servente Amadeu Horácio da Silva Avelãs, residente na Rua Luz Soriano, 114, 2.º, está de perfeita saude e afirma não ter sido alvo de qualquer agressão. Caiu, acidentalmente, á porta dá sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro, donde o «115» o transportou ao Hospital de São José.

A segunda hipotética vítima (o Filomeno) morreu no mês de Março e não no de Abril, como ontem referimos.

Quanto á existência de uma suposta terceira vítima, o caso também se apresenta deveras confuso, pois se é verdade que na noite em que o taberneiro teria empurrado um cliente, a Central da P. S. P. recebeu uma comunicação, anónima, de estar inanimado um homem na Rua da Atalaia, junto do prédio 151, por outro lado, a despeito da ambulância do «115» não demorar a comparecer no local, a sua guarnição não encontrou ali qualquer doente ou ferido. Alguém teria então informado que o sinistrado fora momentos antes metido um taxi que seguiu para o hospital. Porém, consultados os registos do Hospital de São José, verifica-se que áquela hora e noite nenhum homem nas citadas condições fora para ali levado, perdendo-se, portanto, a pista da suposta vítima, no próprio local onde se disse ter estado caída.

Entretanto, o presumível autor do crime, que permanece detido, nada esclarece quanto aos acontecimentos. As investigações a cargo da Polícia Judiciária continuam assim, procurando deslindar o estranho caso.

Ocorrendo amanhã, dia 30, o décimo aniversário do falecimento do editor Manoel Rodrigues, sua família, empregados e amigos realizam, às 9 horas, uma romagem de saudade ao Cemitério da Amadora, onde repousam os restos mortais daquele que foi o fundador da Editorial Minerva.

Apesar dos anos volvidos, Manoel Rodrigues não é nem pode ser esquecido por aqueles que em vida foram seus colaboradores mais directos, continuando bem viva a lembrança e a saudade dos anos de convívio e de labuta diária em prol do Livro e da valorização das Artes Gráficas.

Assim, para assinalar tão importante efeméride na existência da Editorial Minerva, além da romagem de saudade, haverá igualmente amanhã, às 19 horas, na Igreja dos Paulistas, em Lisboa, uma missa por alma de Manoel Rodrigues, desde já se agradecendo a presença de todos os que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

Artes plásticas

A exposição de Maluda na Galeria do «Diário de Notícias»

Maluda, que andou por França e que na Bélgica estanciou também, apresenta-nos agora nesta sua exposição da galeria do nosso prezado colega «Diário de Notícias», ao Chiado, uma série de retratos e ambientes urbanos. Destes destaquemos alguns de Bruges, naquela pintura geométrica bem estruturada e de suave colorido. É uma artista de formação sólida para quem a arte não é improviso. Tanto nos retratos, como nesses ambientes urbanos, Maluda cultiva a técnica com esmero, com mil cuidados.

Os seus retratos são por igual obras que não nascem de um jacto. A figura tem de ser estudada e tratada com esmero. A semelhança física — e haverá retratos que possam não ter semelhança física?—Maluda junta aquela arte de traduzir o íntimo da pessoa. Na sua simplicidade aparente, a arte de Maluda é realmente de rara firmeza e estrutura. Bem longe de ser uma arte fácil. Só se chega áquele acabamento simples com muito trabalho.

Salientemos de todos os retratos o de Rui Cinatti em que á naturalidade se junta aquela elegância que é outra das características de Maluda O seu quê de snobismo? Parece-nos que sim, também.

Cerâmicas de Cargaleiro encomendadas pela França

O Ministério dos Assuntos Culturais da França vem desenvolvendo a louvável política de modernização dos diversos processos artísticos, para o que solicita a indispensável colaboração de artistas dos mais representativos, cujos méritos e talento são a garantia do êxito positivo do objectivo em vista.

MANUEL CARGALEIRO

Assim, por iniciativa do ministro André Malraux operou-se notável renovação na tapeçaria francesa, tarefa entregue a Lurçat; no vitral, com novas obras de Chagal; e, no que diz respeito á cerâmica monumental, foram solicitados, como dissemos há tempo, trabalhos do artista português Manuel Cargaleiro.

Cargaleiro, que foi discípulo de Mestre Jorge Barradas e se afirma artista de vincada personalidade e notáveis méritos, celebrou, agora contrato com aquele Ministério, para a factura de dois grandes painéis de azulejo, os quais feitos em Portugal, se destinam um ao Liceu de Antibes e o outro para a cidade de Sauges.

Alta distinção para Cargaleiro, cujo nome consagrado atinge a mais ampla projecção, reverte em prestígio para a arte portuguesa — e isso importa assinalar no seu elevado significado.

Acidente espectacular na Avenida Duarte Pacheco

A Avenida Duarte Pacheco foi hoje, ao fim da manhã, cenário de mais um aparatoso desastre, do qual, felizmente, apenas resultou um ferido.

O acidente, verificado diante do Liceu Francês Charles Lepierre, ocorreu quando um automóvel desportivo, pertencente ao sr. José António Portela de Herédia, residente no Campo Grande, 137, embateu aparatosamente na traseira de uma carrinha carregada de frigoríficos, pertencente á firma Refrigeração Polar e conduzida pelo sr. José dos Santos, de 53 anos. Na carrinha seguia também o ajudante do motorista, sr. Bernardino Gomes, de 35 anos, residente na Quinta do Ficares (Rinchoa), o qual foi o unico a receber tratamento no Hospital de S. José, por ferimentos no rosto e na cabeça.

AGREDIDA COM 8 FACADAS

Pelo antigo companheiro, Manuel Viegas, foi hoje agredida com oito facadas Natalina dos Santo Patego, de 27 anos, operária, residente no Pocinho da Nascente (Montijo), donde veio para o Hospital de S. José, recolhendo á sala de observações.

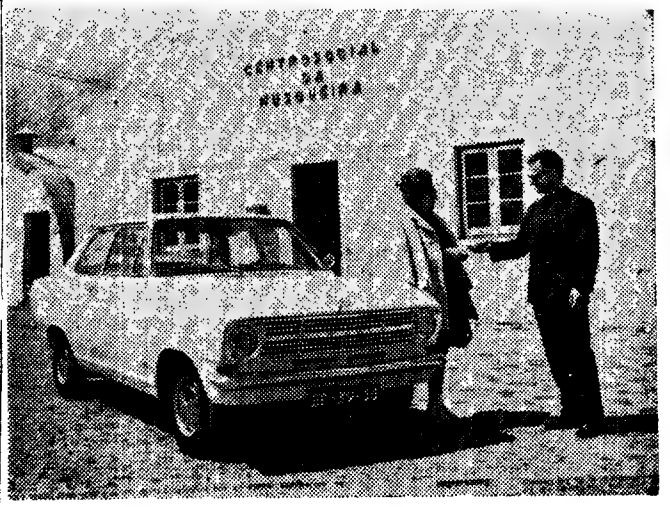
Motoretista morto num acidente

Recolheu á sala de observações do hospital de S. José, gravemente ferido e sem fala, um homem que aparenta 30 anos e ficou naquele estado devido ao facto de ter embatido a motoreta em que seguia num automóvel, em Abuxarda (Cascais).

O motoretista morreu pouco depois de ali ter dado entrada.

Num dos bolsos tinha um recibo em nome de Nuno José Mendes, Bairro das Caixas, Bloco 1, Prédio 13-B, Torre, Cascais.

CENTRO SOCIAL DA MUSGUEIRA



Momento da entrega do automóvel à contemplada

Prosseguindo na obra que está a ser levada a efeito no bairro da Musgueira, dirigida pelo padre Rocha e Mello que, ajudado por uma comissão de senhoras, procura proporcionar a promoção social dos habitantes daquele bairro e simultâneamente substituir algumas das inúmeras casas de madeira por outras de alvenaria, procedeu-se ontem à entrega de 1 automóvel Opel, que foi sorteado e cujo produto reverteu a favor daquela obra. O automóvel que foi entregue à contemplada, sr.ª D. Alice Pina Lopes, pelo padre Rocha e Mello, foi generosamente oferecido pela firma Sorel, que desta forma se quis associar a uma iniciativa que pelas suas características nos merece os maiores aplausos. Seguiu-se uma visita à obra empreendida naquele local, orientada pela sr.ª D. Cecília Carrelhas, representante da comissão executiva, que, dirigindo depois algumas palavras aos presentes, agradeceu e felicitou a premiada.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se publico que no Conselho Administrativo desta Direcção, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÕES PROVISÓRIAS	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
1/69-Aq	Sobressalentes para Radares, Preditores e Geradores.	100.000$00	20 JUL	15.30
2/69-Aq	7.000,00 de Mechas de limpeza.	20.000$00	19 JUN	15.30
3/69-Aq	Instrumentos Bélicos	10.000$00	20 JUN	15.30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias uteis das 15 ás 18 horas e aos Sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das propostas.

O Presidente do C. A.
JOSÉ DOS REIS RODRIGUES
Ten. Cor. do S. A. M.

ATRELADO DE AUTOMOTORA DESCARRILOU NO BARREIRO

BARREIRO, 29 — Cerca do meio-dia de hoje, na passagem de nível da Rua D. Manuel I, desta vila, descarrilou o atrelado de uma automotora, com passageiros, procedente de Praias-Sado e destinada ao Barreiro.

Os passageiros sofreram apenas o susto.

O atrelado foi desengatado da automotora e esta seguiu, pouco depois, para a estação, com todos os passageiros.

A circulação ficou interrompida nas duas vias, passando a fazer-se o transito pelas linhas da gare de triagem de Barreiro-Sado.

A 3.ª Semana Nacional da Educação Física realiza-se de 4 a 10 de Junho

Organizada pela Federação Portuguesa de Ginástica realiza-se de 4 a 10 de Junho a III Semana Nacional de Educação Física.

Para divulgar os pormenores daquela iniciativa a Federação Portuguesa de Ginástica convidou os representantes dos órgãos de Informação para uma reunião que se efectua amanhã na sede daquele organismo.

Festival da Associação Desportiva de Oeiras

A Associação Desportiva de Oeiras realiza no dia 1 de Junho, no Pavilhão Gimnodesportivo da Juventude Salesiana, no Estoril, um festival para encerramento das suas actividades de ginástica, judo, «ballet» do corrente ano.

Exibem-se no referido festival 2 classes mistas, dirigidas pelos professores, Teresa Torgal e Monge Dias; 2 classes de raparigas e 2 de rapazes dos 7 aos 9 anos, dirigidas pelos professores Teresa Torgal, Beatriz Raposo e Monge Dias; classes de raparigas e de rapazes dos 11 aos 15 anos, dirigidas pelos professores Olga André e Monge Dias.

«Ballet» — Classe dirigida pela professora Helga Pearce Leitão.

Judo — Classe mista dos 4 aos 9 anos; classe de raparigas dos 10 anos em diante; classe de rapazes dos 10 aos 14 anos; classe de homens dos 15 anos em diante, dirigidas pelo professor Fernando Almada.

No Clube Atlético de Alvalade

O Clube Atlético de Alvalade promove no dia 31 no Pavilhão dos Desportos, a realização de um sarau de ginástica em que participam as diversas classes daquela agremiação.

Final do Concurso Europeu Philips para Jovens Cientistas e Inventores

O nível dos inventos apresentados no Concurso Europeu Philips para Jovens Cientistas e Inventores levou o respectivo juri, constituído por 10 professores universitários, a aumentar para nove o numero dos prémios, seis dos quais bolsas de estudo no valor de 10 mil florins (80 contos) que constituiam a recompensa para os participantes que mais se distinguissem.

Foram premiados com bolsas de estudo: Werner Lesmann, de 22 anos de Gottingen (Suécia); Bo Ferm, de 15 anos, de Goteborg (Suécia;) Peter Schmid, de 24 anos, da Áustria; Guy Berthoud, da Suíça; Gert Slavenburg, de 16 anos, de Host Country (Holanda); equipa Bert van der Glas (19 anos) e Jelke Bethleen (19 anos), também da Holanda.

Ao representante de Portugal, Luís Henrique Borges de Almeida, de 19 anos, estudante do Instituto Superior Técnico que apresentou o trabalho «Computador para Valores Lógicos» foi atribuído um certificado de distinção.

Revista da Ordem dos Advogados

Acaba de ser publicado o volume relativo ao ano 27 da Revista da Ordem dos Advogados — volume com 455 páginas e que, na sua parte mais substancial, é dedicada á discussão, em devido tempo realizada no Instituto da Conferência, e do projecto do Código Civil.

Sobre o projecto do Código Civil — que o mesmo é dizer sobre o próprio Código — recolhem-se neste volume as comunicações e intervenções dos seguintes advogados: Angelo Almeida Ribeiro, José Hermano Saraiva, José Magalhães Godinho, José Carlos de Vasconcelos, António Maria Pereira, Fernando de Abranches Ferrão, J. Ferreira Gomes Francisco de Sousa Tavares, André Teixeira da Costa Humberto Lopes, Artur da Cunha Leal, Joaquim Pereira da Costa e Fernando Tavares de Carvalho, e do prof. brasileiro Nelson Carneiro.

A esta parte substancial, que ocupa as primeiras 260 páginas do volume, seguem-se as habituais secções de «jurisprudência», «vida interna», «actualidades e informações», «documentos», «antiqua» e «bibliografia» — constituindo este um numero de grande interesse, não só para os advogados como para todos os homens do foro em geral.

Neste volume, na parte primeiramente assinalada, assim como na de «actualidades e informações», transcrevem-se em algumas dezenas de páginas as reportagens publicadas pelo nosso jornal «a propósito do novo Código Civil», cuja discussão, como aí se assinala, o «Diário de Lisboa» acompanhou com o maior interesse, durante largos meses»

Eduardo Gageiro premiado em Luanda num Salão Internacional de Arte Fotográfica

A medalha de prata da Federação Internacional de Arte Fotográfica (F. I. A. F.) destinada a premiar o melhor expositor português no II Salão Internacional de Arte Fotogrfica foi atribuída a Eduardo Gageiro, da redacção do nosso prezado colega «O Século».

O certame foi promovido em Luanda pelo Grupo Desportivo e Cultural da SECIL do Ultramar, com o patrocínio da F. I. A. F. e está patente ao publico na sala de exposições do Centro de Informação e Turismo de Angola.

Eduardo Gageiro conquistou ainda a primeira medalha de ouro e uma medalha de bronze, com o seu trabalho «Amarguras».

altamira

Decorou e forneceu todo o MOBILIÁRIO, ESTOFOS e CORTINADOS para:

— quartos
— todas as zonas públicas
— bares
— restaurante
— sala de banquetes
— salas de estar

R. do Ouro, 175
R. Viriato, 23-D
LISBOA

HOTEL DIPLOMÁTICO

Todo o material e instalação de frio foram fornecidos pela

POLAR
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94 c tel. 56 11 16/7/8 - lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120 - porto

A Metalúrgica Luso-Italiana, SARL

AV. MARECHAL GOMES DA COSTA, 15-A
LISBOA

CONGRATULA-SE COM O FACTO DE TER FORNECIDO AS TORNEIRAS E ACESSÓRIOS METÁLICOS SANITÁRIOS, DAS MARCAS MAMOLI e ZENITE, PARA O EQUIPAMENTO DO HOTEL DIPLOMÁAICO

Fábrica de Tapetes Vitória
LISBOA — PORTUGAL

Forneceu revestimentos de paredes do novo Hotel Diplomático com o seu novo produto FELTIFA

ESTABELECIMENTO
GALERIAS VITÓRIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 227-A

Forneceu fechaduras «VIRO»
Representações
PROTECTAL, LDA.
Rua António Pedro, 73-3.º F.—Tel. 734865—LISBOA

NUCEL
NÚCLEO ELECTROTÉCNICO, Lda.
TODO O FORNECIMENTO DE
Instalação Eléctrica, Som, Sinalização, Telefones e P. T.
ESCRITÓRIOS:
Rua Rodrigues Sampaio, 52-1.º — LISBOA
Telefones: 4 31 23/3/4/5
Telegramas: NUCEL

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.

FOI ONTEM INAUGURADO O HOTEL DIPLOMÁTICO

Mais de 40 mil contos foram gastos numa nova unidade hoteleira ontem inaugurada pelo secretário de Estado da Informação e Turismo: o Hotel Diplomático, sito á Rua Castilho. Noventa quartos climatizados e dezassete *suites* de estilo vêm assim modernizar uma infra-estrutura — a da zona turística de Lisboa — que só por si atrai anualmente 45 % dos turistas que nos demandam.

O Hotel Diplomático, encimado por um belo terraço panorâmico, tem salas de leitura, conferências, banquetes e recepção, além da galeria, bar e parque de estacionamento privativo. «Acto de confiança e fé» lhe chamou o dr. Moreira Baptista, que disse também não ter o País estagnado em matéria de investimento turístico, servido como é por empresários esclarecidos e pioneiros de uma nova época.

Durante o acto inaugural, a que se associaram os direcores-gerais do Turismo e da Informação, respectivamente eng.º Alvaro Roquete e dr. Clemente Rogeiro, falou também o eng. Neves Clara, presidente da Corporação de Transportes e Turismo, para salientar que nos dois ultimos anos tinham sido investidos, no nosso País mais de dois milhões de contos em estruturas turísticas.

As individualidades presentes, e bem assim os restantes convidados, foram depois obsequiados com um jantar.

Olga Pinho Morgado recebendo o estojo com produtos de beleza «Elizabeth Arden» das mãos do sr. J. Chambers

Produtos Elizabeth Arden para a princesa das «Teen-Agers»

Olga Pinho Morgado, Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, está de malas prontas para viajar até Chicago, onde concorrerá ao «International Teen Princess». A partida está marcada para as 14 e 20 do próximo sábado, no voo da TAP que liga Lisboa a Nova York. Ainda no mesmo dia (pelas 20 horas) Olga Pinho Morgado fará o percurso entre Nova York e Chicago, onde deve chegar pelas 21 horas e 28 minutos.

Entretanto, a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas continua a ser distinguida com inumeras provas de carinho. E muitas prendas. Ontem, das mãos do sr. J. W. Chambers, gerente do salão de Elizabeth Arden em Portugal (Rua Comandante Fontoura da Costa, 18, c/v., direito, no Lumiar, em Lisboa), Olga Morgado recebeu um bonito (e valioso) estojo de viagem com produtos de beleza «Ardena Elizabeth Arden». Creme de limpeza, tónico, pó, «rouge», «orange», «baton» e creme vitaminado daquela reputada e prestigiosa marca.

Mais: em Chicago, por especial deferência do sr. J. W. Chambers, a representante sas será assistida pelas esteticistas de Elizabeth Arden, que vão maquilar o rosto da jovem no próprio dia em que vão maquilhar o rosto da jovem no próprio dia em que Olga Morgado competir pelo título internacional.

UMA BACALHAUZADA DO JORGE VIEIRA

A propósito da notícia que o nosso jornal publicou sobre o desmantelamento das célebres portas de bronze da delegação do Banco Fonsecas & Burnay, no Chiado, teve a amabilidade de vir á nossa redacção o escultor Jorge Vieira que nos fez o seguinte agradecimento:

«Desejo agradecer ao «Diário de Lisboa» a notícia substancial referente ao desaparecimento da «porta dos bacalhaus».

Concebia-a num momento de carência do precioso peixe, então ausente á mesa de muitos portugueses, querendo, portanto, perpetuar no bronze o amor e o respeito que tal peixe me merecem.

Como já há bacalhau, é certo que a outro preço, que não ainda o do bronze, entenderam os dignissimos administradores do Banco Fonsecas & Burnay seccionarem as ditas portas, não sei se para vender o dito peixe ás postas já demolhadas, ou inteiro com um desconto para os amadores do fiel amigo. Permitam-me que termine com uma bacalhauzada extensiva aos redactores desse jornal do *Jorge Vieira*.»

NOVOS SELOS

Uma portaria (com o n.º 24091) do Ministério das Comunicações publicada no «Diário do Governo» de ontem manda lançar em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão extraordinária de selos de franquia postal comemorativa do 50.º aniversário da Organização Internacional do Trabalho.

SOCIEDADE DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA

Na sua sede, que funciona no Hospital Miguel Bombarda, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, reune-se esta noite, ás 22 horas, em sessão extraordinária, durante a qual o prof. Jean Laboucarié, da Universidade de Toulouse, versará o tema «Expérience thérapeutique de la leucotomie pré-frontale pendant, 20 ans».

Ericsson

OS SISTEMAS DE:

— Sinalização de serviço e «contrôle»
— Distribuição de som
— Relógios eléctricos
— Intercomunicação

DO HOTEL DIPLOMÁTICO

foram fornecidos pela:

Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

LISBOA: R. Filipe Folque, 7-1.º
PORTO: R. Gonçalo Cristóvão, 314

FONCAR
ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL TÊXTIL JOÃO DA FONSECA CARVALHO, S. A. R. L.
Rua Nova da Piesta — AREOSA
Rua Joaquim António de Aguiar, 43-4.º, Esq. — LISBOA — Telefone: 535105

Tecidos de Decoração
» » Estofos
Veludos — Colchas
Vualine — Cortinas
Tecidos para fardas

FORNECEU AO
HOTEL DIPLOMÁTICO

famarlix
MANUEL ALVES DE MATTOS, LDA.
FORNECERAM OS ATOALHADOS
TELEFS. 32 78 70 - 32 08 31 — RUA DOS FANQUEIROS, 300 — LISBOA - 2
TECIDOS • MODAS • CONFECÇÕES DECORAÇÕES • SAPATARIA

FOC
forneceu mobiliário de escritório e para refeitório do
HOTEL DIPLOMÁTICO
FÁBRICA JERÓNIMO OSÓRIO CASTRO (HERD.) LDA.
LISBOA — Rua D. Estefânia, n.º 177-A/C
PORTO — Rua do Bonjardim, n.º 506

SOCIEDADE DE FORNECIMENTOS TÉCNICOS E INDUSTRIAIS
SOTECNA, LDA.
COM A SUA REPRESENTADA
W. HAGSPIEL
Rua Rodrigues Sampaio, 52, 1.º
LISBOA — PORTUGAL
Telefones: 4 31 22/23/24/26
Telegramas: SOTECNA
Fornecimento da LAVANDARIA

VYMURA
PAPEL VINILICO 100 % LAVÁVEL
ICI
Aplicado nas paredes dos quartos e corredores do Hotel Diplomático
EM LISBOA:
PERGOL — Sociedade Pergamóides e Revestimentos, Lda.
Rua D. Estefânia, 163-C — Telefs.: 46010 - 533696
NO PORTO:
MÁRIO SANTOS, Ld.ª
Rua da Alegria, 330 — Telef. 27953

R. OYARZUN, LDA.
forneceu toda a maquinaria eléctrica de cozinha
HOBART
a marca que equipa os melhores hotéis
R. da Misericórdia, 57-59 — Telef. 325822

AMANHÃ, SEXTA-FEIRA, ÀS 21 HORAS
E SÁBADO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

IMPORTANTE E NOTÁVEL

LEILÃO

DE

PINTURAS PORTUGUESAS CONTEMPORÂNEAS E ANTIGAS DOS SÉC. XVII A XIX, AGUARELAS, DESENHOS E GRAVURAS

DESTA ALMOEDA, CONSIDERADA A MAIS IMPORTANTE DO GÉNERO, DAS EFECTUADAS NO PAÍS NOS ÚLTIMOS ANOS, FAZEM PARTE OBRAS DOS GRANDES ARTISTAS PORTUGUESES,

Columbano, José Malhôa, Sousa Pinto, Silva Porto, Carlos Reis, Artur Loureiro, Gyrão, A. Keil, Veloso Salgado, Esequiel Pereira, João Vaz, Alves Cardoso, Medina, Abel Manta, Falcão Trigoso, Fred. Ayres, Portela Júnior, Tullio Vitorino, F. Sampaio, João Reis, Maria Luísa Reis, Joaquim Lopes, Adriano Costa, Mário Augusto, Eduarda Lapa, Visconde de Meneses, Conceição e Silva, Constantino Fernandes, Vieira da Silva, Estrela Faria, Roque Gameiro, Alves de Sá, Salvador, Eduardo Malta, D. Carlos, D. Luiz, D. Fernando, José Leite, José Campas, José Dias Sanches, Alfredo Morais, Tomaz de Mello, Stuart Carvalhais, M. Tavares, Cristino e muitos outros.

Pinturas dos Sec. XVII, XVIII e XIX, Esc. Portuguesa, Holandesa, Francesa, Inglesa e Italiana, de e atribuídos a Henri Harpignies (Esc. de Barbizon), J. Pillement, Willen, Wissing, Canaletto, M. Campidoglio, H. Huguenin, Giovanni Domenico Tiepolo, J. Buisson, etc., etc.

Gravuras diversas, de Bartolozzi e outros.

O catálogo já foi distribuído aos nossos habituais clientes.

O LEILÃO EFECTUA-SE NOS AMPLOS SALÕES DE PREGÃO, À RUA LUZ SORIANO, 53 (ANDAR NOBRE DO ANTIGO PALÁCIO FÍCALHO) — LISBOA

EXPOSIÇÃO — HOJE E AMANHÃ, DAS 15 ÀS 19 E SÁBADO, DAS 10 ÀS 12,30 HORAS.

A CARGO DA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LDA.

Tel. 321312 e 369880 — LISBOA — Filial no Porto: Rua Formosa, 112 — Tel. 33909

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO DE CONSTRUÇÕES HOSPITALARES

Concurso publico para a arrematação da empreitada de Instalações Eléctricas do Edifício Principal do Hospital Regional de Portalegre.

Faz-se publico que ás 16 horas do dia 24 de Julho de 1969, se procederá, na sede desta Comissão, ao concurso publico acima designado.

Base de licitação	4.003.600$00
Depósito provisório	100.090$00

O processo de concurso publico encontra-se patente na sede da Comissão de Construções Hospitalares, á Avenida António Augusto de Aguiar, 19-r/c., em Lisboa, e na Delegação do Norte — Rua Sá da Bandeira, 706-1.°, Dt.° — Porto.

Lisboa, 29 de Maio de 1969.

O VICE-PRESIDENTE
ENG.° JÚLIO JOSÉ NETTO MARQUES

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO DE CONSTRUÇÕES HOSPITALARES

Concurso publico para a arrematação da empreitada de Conclusão do Edifício Principal do Hospital Regional de Portalegre.

Faz-se publico que ás 16 horas do dia 9 de Julho de 1969, se procederá, na sede desta Comissão, ao concurso publico acima designado.

Base de licitação	22.812.000$00
Depósito provisório	570.000$00

O processo de concurso publico encontra-se patente na sede da Comissão de Construções Hospitalares, á Avenida António Augusto de Aguiar, 19-r/c., em Lisboa, e na Delegação do Norte — Rua Sá da Bandeira, 706-1.°, Dt.° — Porto.

Lisboa, 28 de Maio de 1969.

O VICE-PRESIDENTE
ENG.° JÚLIO JOSÉ NETTO MARQUES

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

A habitação e os seus problemas

«O problema habitacional das populações de fracos recursos económicos» é o assunto de uma palestra a realizar por um arquitecto que se dedicou profundamente ao estudo do problema, na Sede da Associação dos Inquilinos Lisbonenses. Seguir-se-á um debate dos problemas apresentados com respostas às perguntas feitas pela assistência.

É inquilino? Não deixe de estar presente amanhã, dia 30, pelas 21.30 na Av. Almirante Reis, 12.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1960
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Comet 202	1964
Cortina	1964
Cadilac impecável	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Hilman Super	1966
Volvo B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1963
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Consul Cortina	1964
Taunus 15 MTS	1968
MG 1100	1966

Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras.

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27-B

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO

PARA O ANO DE 1969

3.° TRIMESTRE

N.° 17 — BATATAS
» 18 — HORTALIÇAS
» 19 — FRUTAS
» 20 — CARNES DIVERSAS, MIUDEZAS E SEUS DERIVADOS

2.° SEMESTRE

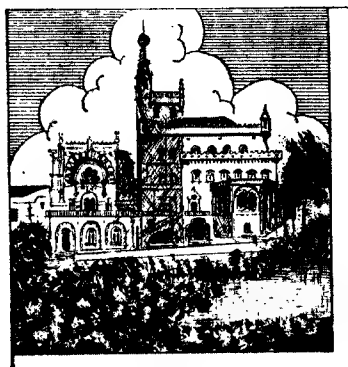
N.° 21 — PEIXE CONGELADO
» 22 — AZEITE E ÓLEO DE AMENDOIM
» 23 — VINHOS E VINAGRES
» 24 — BATATA DESIDRATADAS
» 25 — LEGUMES
» 26 — BACALHAU
» 27 — BOLACHAS, BISCOITOS E CACAU PURO
» 28 — LACTICÍNIOS (Manteiga e queijo).
» 29 — MARGARINA
» 30 — MASSAS ALIMENTÍCIAS
» 31 — ARTIGOS DE CONFEITARIA

As condições para estes concursos encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas e aos sábados das 9 ás 12 horas até ás 9.15 horas do dia 9 do próximo mês de Junho, no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa.

O prazo para a efectivação dos depósitos provisórios, entrega das propostas e sua abertura constam dos respectivos cadernos de encargos.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 27 de Maio de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) ALEXANDRE PINHEIRO



EXCURSÃO DA ΦΦ DOMINGO 1 DE JUNHO

LISBOA a CURIA, ÁGUEDA, S. JOÃO DO MONTE, CARAMULO, CARAMULINHO, CAMPO DE BESTEIROS, TONDELA, SANTA COMBA DÃO, BUÇACO, LUSO e volta

COMPREENDENDO O TRANSPORTE EM COMBOIO FIAT (AR CONDICIONADO), PEQUENO ALMOÇO NO COMBOIO, CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO

PREÇO EM 1.ª CLASSE ..... 285$00

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(COM PEQUENO ALMOÇO NO COMBOIO INCLUSO NO PREÇO)

DE LISBOA a COIMBRA-B e volta..	123$50
DE LISBOA a CURIA e volta.....	136$50

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO DE CONSTRUÇÕES HOSPITALARES

Concurso publico para a arrematação da empreitada de «Instalações mecânicas do Edifício Principal do Hospital Regional de Portalegre».

Faz-se publico que ás 16 horas do dia 30 de Julho de 1969, se procederá na sede desta Comissão, ao concurso publico acima designado.

Base de licitação	5.351.600$00
Depósito provisório	133.790$00

O processo de concurso publico encontra-se patente na sede da Comissão de Construções Hospitalares, á Avenida António Augusto de Aguiar, 19-r/c., em Lisboa, e na Delegação do Norte — Rua Sá da Bandeira, 706-1.°, Dt.° — Porto.

Lisboa, 28 de Maio de 1969.

O VICE-PRESIDENTE
ENG.° JÚLIO JOSÉ NETTO MARQUES

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO DE CONSTRUÇÕES HOSPITALARES

Concurso publico para a arrematação da empreitada de Equipamento Mecânico da Cozinha da Escola de Enfermagem do Hospital Regional de Évora.

Faz-se publico que ás 16 horas do dia 19 de Junho de 1969, se procederá, na sede desta Comissão, ao concurso publico acima designado.

Base de licitação	302.600$00
Depósito provisório	7.565$00

O processo de concurso publico encontra-se patente na sede da Comissão de Construções Hospitalares, á Avenida António Augusto de Aguiar, 19-r/c., em Lisboa, e na Delegação do Norte — Rua Sá da Bandeira, 706-1.°, Dt.° — Porto.

Lisboa, 28 de Maio de 1969.

O VICE-PRESIDENTE
ENG.° JÚLIO JOSÉ NETTO MARQUES

---

5 HORAS NO TEJO

A C. P.

DANDO REALIZAÇAO À INICIATIVA DA **CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA** ORGANIZA TODOS OS DOMINGOS DE 25 DE MAIO A 28 DE SETEMBRO PASSEIOS NO TEJO NUM DOS SEUS MAIS MODERNOS BARCOS

EMBARQUE NA ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO ÀS 14 HORAS E DESEMBARQUE NO MESMO LOCAL ÀS 19 HORAS

PREÇO: 12.00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO), LISBOA (SANTA APOLÓNIA), LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS

LOTAÇÃO LIMITADA

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Mistérios do Rosário; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós, as Mulheres; 20 e 45: Sangue na Eestrada; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Milagre dos Lobos»; 23 e 55: Telejornal e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: «Os Globetrotters»; 22 e 25: Programa Feminino; 22 e 45: Recital pelo violinista Lola Bobesco; 23 e 20: Telejornal e Fecho.

canal da crítica

PESCADORES DA AFURADA

«SEGREDOS DO MAR», a rubrica de Helder Mendes, é mais ela quanto mais é «segredos da gente do mar». Como foi ontem. Segredos da vida difícil dos pescadores da Afurada, ali à Foz do Douro. Gente que na campanha do sável arrisca a vida, dia após dia, para ganhar oito contos durante três meses...

E o João, meu irmão que está no Porto, dizia-me com os olhos na Afurada: «Não entendo aquela gente. Criou ali raízes, para ali está, mete-se em barcos de brinquedo e aí vão á procura de peixe. À procura de peixe? Vão á procura da morte...)

O pescador, sr. Valadas, fala de si e dos outros com uma estranha, uma longínqua serenidade, quase com indiferença. Que sim, o sável. E também a lampreia. Claro que a sardinha. E ainda há o bacalhau, nos bancos da Terra Nova. Para lá andam aí uns 400, na sua opinião.

(João acrescentava: «Vocês, dos jornais, deviam mandar repórteres á Afurada. E os sociólogos deviam estudar as razões profundas que levam estes homens a jurar num dia que não põem os pés num barco — e a fazerem-se ao rio na primeira hora do dia seguinte...»

Quatrocentos homens na pesca do bacalhau, talvez seja exagero. Quem anda no mar não faz contas em terra. Tanto assim que quem trata do peixe, quem faz o comércio, quem cuida dos dinheiros, são as mulheres.

(Sim — continuava João — ás vezes penso quais serão essas razões. E determino que não há razão nenhuma. Que é raiva. Ou desespero. Ou extremo recurso, o que vem dar na mesma. De tal modo que, quando um pescador da Afurada sai de casa, é sempre na incerteza de voltar...»)

Inesquecíveis aqueles rostos endurecidos das mulheres na luta em terra que continua a luta do mar. Há que arrancar do sável o máximo do valor, compensar o perigo que correram os seus homens.

Exactas as imagens de Helder Mendes. Impressionante o barco que as ondas escondem, por momentos, diante dos nossos olhos angustiados.

A verdade é que á dureza das imagens não correspondem a dureza das palavras. Estas foram macias, quase medrosas — e eu penso se não teria sido melhor ter acabado o discurso e deixar que se exprimem, apenas, as imagens.

Era o bastante para fazer doer. Para fazer remorsos...

FUTEBOL, CHEGASTE AO FIM?

Não há muito para dizer a respeito do futebol de ontem como espectáculo de televisão — a não ser que estivemos em presença de uma tarefa de exemplar sobriedade. Tudo, nessa emissão, teve o cunho de funcional — nada se fez para demons-

(Continua na página seguinte)

A CRIANÇA PERANTE A VIDA

Pelas 20 e 30, Ana Maria Varela Cid está no pequeno «écran» apresentando o seu programa «A criança perante a vida», que inclui entrevistas e imagens alusivas ao mundo infantil.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SEBASTIÃO ENTRE OS HOMENS:
O ENCONTRO COM O PAI

PROSSEGUE a apresentação, pelas 21 e 55, do folhetim «Sebastião entre os Homens».

Assistiremos, hoje, ao 2.º episódio, realizado, como todos, aliás, por Cécile Aubry.

«Sebastião chega á quinta do pai acompanhado por César e «Bela». Aí encontra os cavalos de puro-sangue de que não gosta, por «Bela» os ter assustado e o pai ter dado ordem para prender o cão.

Quando o primo de Sílvia vem á quinta fica surpreendido por ouvir da boca do pequeno que era filho de Marechal...

ACTUALIDADE DESPORTIVA

CERCA DAS 20 e 05 surgirá a rubrica «Actualidade Desportiva» que inclui um resumo filmado do jogo de futebol entre as selecções de Portugal e da Inglaterra (Esperanças), disputado ontem na ilha da Madeira.

ATRAVÉS do Emissor Regional, cuja emissão se inicia pelas 21 e 30, são apresentados, esta noite, a rubrica «Expedição», que inclui o documentário «Safari na África Equatorial (já

2. PROGRAMA

exibido no I Programa em 16 de Março do corrente) e mais um episódio da série do Oeste Americano «O Maioral», com Lee J. Cobb, James Drury, Gary Clarck, Doug McClune e Roberta Shore nos principais papéis.

O célebre baixo Italo Tajo, um dos intérpretes de «Elixir de Amor»

NOITE DE ÓPERA
«ELIXIR DE AMOR»

PELAS 22 e 25, o dr. João de Freitas Branco apresenta a ópera «Elixir de Amor», de Donizetti, interpretada por Valéria Mariconda («Adina»); Agostinho Lazzari («Nemorino»); Renato Capucchi («Belcore») e Italo Tajo (no papel de «Dulcamara»).

Participam a Orquestra e Coros da Radiotelevisão Italiana, dirigidos pelo maestro Arlando la Rosa Parodi.

QUEM É CAETANO DONIZETTI — Nasceu em Bergamo em 29 de Novembro de 1797 e ali faleceu em 1848. Estreou-se em Veneza com a ópera «Enrico», conde de Bergonha. Durante 14 anos, num período que se pode considerar dos mais fecundos da sua vida de compositor, Donizetti apresentou, nada mais nada menos, do que três ou quatro óperas por ano. Assim, quando da sua morte, existiam compostas por ele 66 óperas, muitas delas — como por exemplo «Elixir de Amor» —, tão ricas em preciosas melodias, compostas no prazo irrisório de 15 dias. Donizetti trabalhou sempre até à altura em que uma terrível paralisia do cérebro o surpreendeu, causando-lhe, depois, a morte. Para avaliarmos de quanto a desgraça o perseguia, basta recordar que se viu obrigado a vender em Paris a sua ópera «A Favorita» por três mil francos... Seduzido por um dos romances de Walter Scott compôs a partitura de «Luccia». Em virtude da campanha que lhe moveram os seus inimigos, e acusado de mau patriota em face da admiração que gozava na Áustria, Donizetti não voltou à Itália e foi para Paris. Como a terrível doença o minasse cada vez mais, foi internado numa casa de saúde. Perdidas por completo as esperanças de o salvarem, foi transportado mais tarde para Bergamo, onde veio a falecer. A sua última obra foi «D. Sebatiano, Re di Portogallo», dedicada à rainha D. Maria II.

DA ÓPERA

ELIXIR DE AMOR — Ópera em quatro actos, estreada em Milão, em 1832.

1.º Quadro: Adina, rendeira abastada, lê um livro, enquanto o lavrador Nemorino a contempla amorosamente. Lê ela o conto de Tristão e Isolda, que, todavia, lhe desperta o riso, pelo elixir de amor causador da tragédia.

Chega á aldeia uma força militar, cujo sargento, chamado Belcere, se enfeitiça também por Adina. Esta foge a prender-se por um ou outro dos seus admiradores.

2.º Quadro: O doutor Dulcamara, num largo da aldeia, anuncia os seus elixires maravilhosos para remoçar velhas, consolar viúvas, casar solteiras. Nemorino pede o elixir da rainha Isolda, que o charlatão faz pagar por bom

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 50: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 06: 36.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Pepe Jaramillo; 21 e 40: Tom Maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 2.º e 3.º Actos da ópera «Os Puritanos» (Bellini); 18: Musica do Século XX — Parte de um Concerto, realizado no Palais des Beaux Arts, de Bruxelas; 19: Crítico Literário, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica regional da Beira Alta, recolhida por Artur Santos (Gravações cedidas pela B. B. C.); 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental — «Kamarinskaia» (Glinka); 20 e 30: Stabat Mater (Scarlatti) — Conjunto Vocal Jean Turellier, solistas; 21: Concerto n.º 1 em ré menor (Bach) — solista, Orquestra do Estado da U. R. S. S. sob a direcção de Kurt Sanderling; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Collette Brugerolle, preenchido com obras de Scarlatti, Chopin e Liszt; 22 e 09: Havanesa op 82 para violino e orquestra (Saint-Saëns) — solista; Orquestra dos Concertos Lamoureux sob a direcção de Jean Fournet; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Concerto pelos Coros e Orquestra da Radiodifusão Holandesa sob a direcção de Henk Spruit; e 20: Quarteto n.º 1 em fá menor, op. 10 (Hindemith) — Quarteto «Le Stuyvesant»; 1: Fecho.

Às 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21: Noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e Fecho.

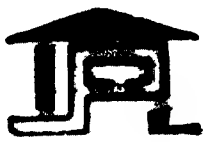
Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 7: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 10: Presença coimbrã; 23 e Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Ecos de Espanha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Guitarras portuguesas; 21 e 45: Trios vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Dinheiro!... Economia!...



J. PIMENTA, S. A. R. L.

Do seu capital, aplicado em propriedades, sem qualquer preocupação pode obter um

Rendimento ou Juro de 7 a 10% garantido de 6 a 18 Anos à escolha do cliente

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

3.000 Clientes podem responder-lhe com verdade

Informe-se nos nossos escritórios

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22 - AMADORA — REBOLEIRA — Tel. 933670

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 20 000 000$00

Sede Social: Calçada do Duque, 20—LISBOA

— ★ —

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DOS SRS. ACCIONISTAS

Nos termos dos artigos 41.º e 43.º dos Estatutos da Companhia, aprovados pelo Decreto de 11 de Agosto de 1966, publicado no «Diário do Governo» n.º 186 — III série, da mesma data, é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos Srs. Accionistas que se encontrem nas condições previstas no artigo 35.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na Estação do Rossio, 1.º andar, no dia 27 de Junho de 1969 pelas 15-45 horas.

ORDEM DO DIA

1.º — Conhecimento das Contas respeitantes ao exercício de 1968, do Relatório do Conselho de Administração e do Parecer do Conselho Fiscal, votação sobre essas contas e o mais a que se tenha de proceder por virtude da lei geral;

2.º — Preenchimento das vagas existentes nos Corpos Gerentes, nos termos estatutários, e eleição da Comissão a que se refere o artigo 29.º dos Estatutos.

Para os Srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia Geral, devem as acções nominativas ter sido averbadas e as acções ao portador ter sido depositadas até ao dia 16 de Junho de 1969, nos seguintes lugares:

Em Lisboa: na Sede da Companhia e no Banco Fonsecas & Burnay;

No Porto: na filial do Banco Lisboa & Açores ou na filial do Banco Fonsecas & Burnay

As cartas de admissão á Assembleia Geral serão passadas pelo Conselho de Administração da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A Assembleia Geral constitui-se e poderá válidamente deliberar nos termos dos artigos 34.º e 46.º dos Estatutos.

Lisboa, 26 de Maio de 1969.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Afonso Rodrigues Queiró

NAS

TERMAS DE LUSO

Especialmente indicadas no tratamento do Artritismo, das Doenças dos Rins e da Hipertensão, dotadas de Balneários Modernos, com Emanatório, encontra o

GRANDE HOTEL DAS TERMAS,

um hotel de 1.ª classe, que lhe oferece todas as comodidades, com banho e telefones em todos os quartos

O HOTEL DOS BANHOS,

o mais próximo dos Balneários, e ainda

A MAGNIFICA PISCINA MONUMENTAL

o Casino, o Ténis, os deslumbrantes panoramas o ar da serra e a frescura do arvoredo

Servidas pelas principais estradas e caminhos de ferro, estão recomendadas para

TRATAMENTO * REPOUSO * RECREIO * TURISMO

1 de Junho a 15 de Outubro

«ELIXIR DE AMOR»

(Continuação da pág. anterior)

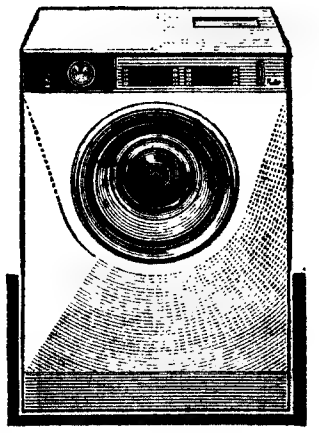
dinheiro. Passa, então, a tomar o precioso líquido, que não passa de um vinho generoso, o que logo se reconhece pela alegria e desenvoltura que mostra, com surpresa de Adina, habituada à melancolia do seu apaixonado. O vinho leva, ainda, Nemorino para se mostrar insensível a Adina, o que causa nesta certo despeito. Entretanto, o sargento recebe ordem de sair da aldeia, e despede-se de Adina, de quem consegue, graças ao despeito da jovem contra Nemorino, uma promessa de casamento. Nemorino amaldiçoa o elixir e o doutor que lho vendeu

3.º Quadro: A casa de Adina em festa. O doutor Dulcamara faz os seus brindes. Adina não deixa de pensar em Nemorino, lastima que este não apareça ali para ela lhe mostrar a sua indiferença. Canta certa canção que Dulcamara lhe pede. Vem, então, Nemorino, que, desesperadamente, pede outro elixir ao charlatão, para o qual não tem dinheiro. Belcore convida-o a alistar-se na tropa, para receber logo o dinheiro de que precisa. Nemorino assim faz.

4.º Quadro: Falam as raparigas da fortuna que Nemorino acaba de herdar de um tio recém-falecido. Quando o feliz herdeiro chega, todas tomam certa compostura. Ele, tendo bebido o novo elixir, sente-se feliz com a recepção das raparigas, que o acham um rapaz encantador. Adina, cujas bodas com Belcore continuam ajustadas, não oculta todo o despeito que a moi. Nemorino mais indiferente se mostra ainda, e é a orgulhosa Adina quem se resolve a confessar ao mancebo que sempre o amou. Belcore não pode acreditar no que vê, quando ali chega. E fica ele só a praguejar contra o doutor Dulcamara, que é assediado por todos os rapazes e raparigas a pedirem-lhe frasquinhos do maravilhoso elixir por todos abençoado.

*

A romanza «UNA FURTIVA LACRIMA», do último quadro desta ópera, é uma das mais belas «trouvailler» melódicas de Donizetti.



AS MAIS MODERNAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

skip DETERGENTE RECOMENDADO

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 e 725$00 no caso de não terem vaga nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhor.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

Resposta a este jornal ao n.º 279.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

tração pura e simples de virtuosismo técnico.

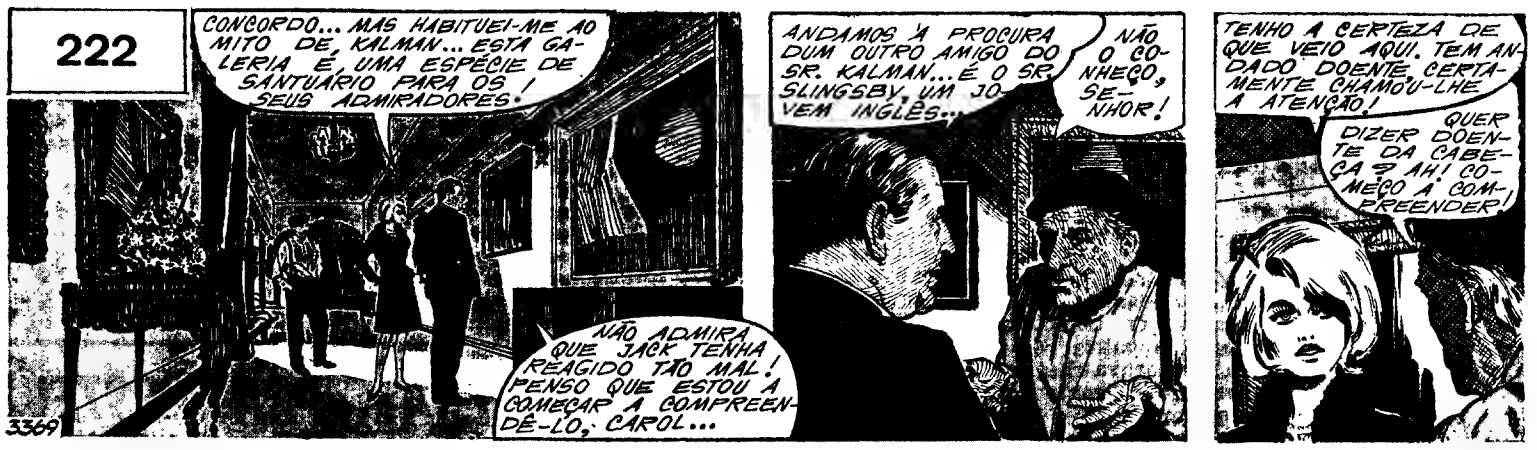
Salientemos a preocupação em repetir os lances de golo, ou os mais emotivos ou os de julgamento mais duvidoso. Noutros aspectos de reportagem não esteve tão completa como algumas emissões chegadas da Itália ou da Inglaterra. Por exemplo: não nos foi escrito, para que não restassem dúvidas, os nomes dos marcadores. Trata-se, reconheço, de um excesso de reportagem — mas quando os jogadores em campo não são suficientemente conhecidos do público, o processo justifica-se.

A posição da câmara foi, quase sempre, certa. Recordemo-nos do lance que deu o segundo golo ao Milão: todos vimos o toque precioso do calcanhar de Rivera. Estará, desde ontem, em perigo o calcanhar de Aquiles? Mitologia vai, mitologia vem...

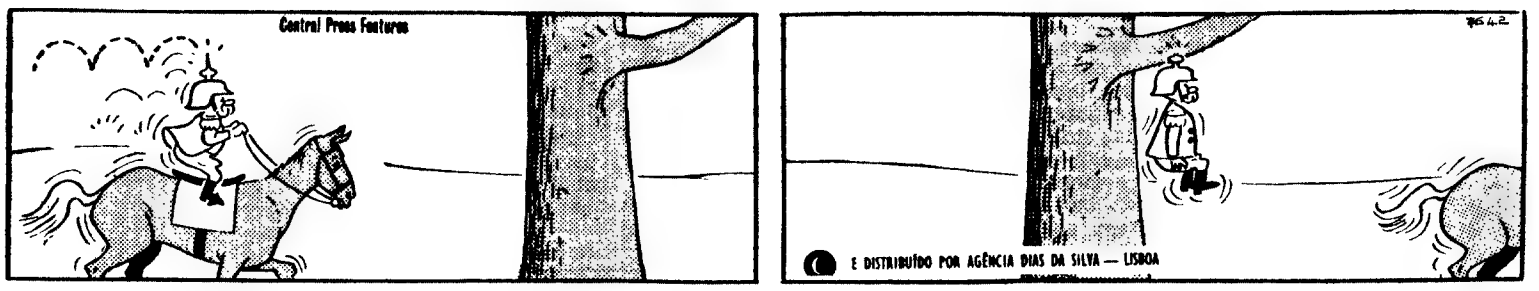
FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Maio de 1939 publicava:

«Heroísmo dos pobres e dos humildes, coragem discreta e calma, paixão exacta e ardente do dever cumprido ou a cumprir — quem os admirará e desejará agora, num mundo todo entregue ao tumulto das fanfarras bélicas, ao orgulho de ambições sem freio, ao deflagrar do ódio, ao império da violência? Ninguém ou quase ninguém, afinal, embora deles continue alvorecendo, nascendo a maior esperança da Humanidade — a esperança de um universo isento de egoísmos grosseiros, liberto de tentações cruéis, apto a delinear e a construir paz, concórdia, amor e justiça. Mas os horizontes fecharam-se ao romper dessa claridade, e só de quando em quando a luz esquiva de um prodígio raro nos deixa adivinhar que ela existe, para além das inquietações e angustias do presente. Não será bom fixar ou, pelo menos, indicar o âmbito da sua irradiação e a límpida, a promissora beleza do fulgor que efemeramente nos deslumbra? Nenhuma outra maneira haverá de guardá-lo da indiferença alheia e de, para sempre, o manter vitorioso e forte no mistério guiador da consciência...» (João de Barros)

Palavras cruzadas

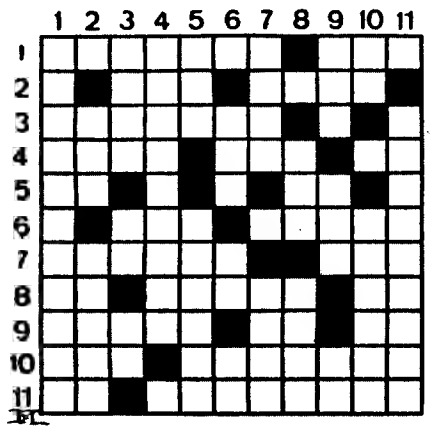
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5191

HORIZONTAIS: 1 — Conservar. Firmemente 2 — Deusa. Gastou. 3 — Exultação. 4 — Rio que banha Ponte do Barco e forma o porto de Viana do Castelo. Argola. Senhor (abrev.). 5 — Entrega. A mim 6 — Oceano. Determinada. 7 — Parado. Preposição e artigo (pl.). 8 — Poeira. Querida. Aqui. 9 — Quinta para cultura agrícola em Angola. Prefixo de negação. Aspecto. 10 — Sufixo que indica diminuição, pequenez. Pequena lampada de um bico, que ainda se usa nas nossas aldeias. 11 — Apelido. Temeram.

VERTICAIS: 1 — Surripiais 2 — Fezes. Inexpressiva. 3 — Ave semelhante ao pato. Pedra de moinho. Partia. 4 — Mimoseavam. 5 — Conceder. Rejuvenesça. 6 — Seguiam. Nota de música Antes de Cristo. 7 — Caminhos. Unidade de força no sistema C. G. S. 8 — Queira bem. Percorre. 9 — Acompanhado. Época. Símbolo químico do érbio. 10 — Pronome pessoal. Emboscada para matar alguém. 11 — Demoliram.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5190

HORIZONTAIS: 1 — Tremelear. 2 — Amo. MAIO. Se. 3 — Tarda. Rui. 4 — Orne. Rara. 5 — Nascida. Fé. 6 — Te. Lodo. Aos. 7 — Calo. Odre. 8 — CHUVOSO. Em. 9 — Ourara. Aros. 10 — Medi. Anise. 11 — Tomará. Orou.

VERTICAIS: 1 — Cato. Toco. 2 — Marne. Humo. 3 — TORNA. Curem. 4 — Deslavada. 5 — Emo. Colorir. 6 — Mió. Ridoso. 7 — Eirado. 8 — Louro. O. ANO. 9 — Ia. Aderir. 10 — As. FORMOSO. 11 — Represe. Seu.

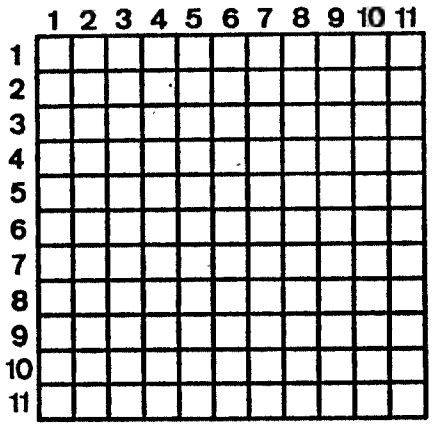
(Provérbio: MAIO CHUVOSO TORNA O ANO FORMOSO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9034

HORIZONTAIS: 1 — Cabo da costa da ilha da Madeira. Serra de Portugal. 2 — Limpar com areia. Deseja ardentemente. 3 — Nota musical. Letra grega. Pronome reflexo O mais. 4 — Transfiro para outro dia. Nome de mulher. 5 — Ruído. Nome de um jogo. O mesmo que ion. 6 — Capturar. 7 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Intimo Prendo. 8 — Ave de rapina. Enrubesce. 9 — Batráquio Em partes iguais. Ouro (s. q.). Artigo definido. 10 — Guarneceis de asas. Profetize. 1 — Espalmai a massa do pão. Encolerizas.

VERTICAIS: 1 — Pompas. Palmeiras da Amazónia. 2 — Encolerizado. Poente 3 — Culpada. Magnetiza um corpo. Antes de Cristo. 4 — Ilha situada no Pequeno Belt. Fronteira 5 — Rezo. Acreditei. Empunhei. 6 — Oscila 7 — Fluído aeriforme. Sufixo que designa abundância. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 8 — Escritor português autor de «O Saltimbanco». Espécie de argila usada em tinturaria. 9 — Nota musical. Espécie de andorinha. Érbio (s. q.). 10 — Prendera com as gavinhas Pela. 11 — Divisão de uma casa Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9033

HORIZONTAIS: 1 — Gelo. Solda. 2 — Airão. Ais. 3 — Cá. Adido. Ás. 4 — Ana. Era. Oso. 5 — Banana. If. 6 — Oira. Soer. 7 — Me. Pingar. 8 — Ria. Gas. Ali. 9 — Ar. Parmo. Om. 10 — Vem. Maomé. 11 — Omito. Silo.

VERTICOIS: 1 — Acab. Cravo. 2 — Anão. Irem. 3 — Ea. Animo. Mi. 4 — Lia. Are. 5 — Ordena. Gamo. 6 — Aina. Paro 7 — Soda. Sismos. 8 — Ion. Ami. 9 — Lá. Ofega. El. 10 — Dias. Rato. 11 — Assoa. Rimo.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NA FINAL DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

MILAN: FUTEBOL DE LUXO EM TRAJE DE PASSEIO

• A equipa italiana venceu (4-1) sem dificuldade um AJAX carecido de técnica

MADRID, 29 — (Serviço especial para o «Diário de Lisboa») — *O Milan é campeão europeu de futebol. Ganhou o direito a ostentar esse título, ao vencer, ontem á noite, no Estádio Santiago Barnabéu, na capital de Espanha, a equipa holandesa do Ajax, de Amesterdão, por um resultado que não oferece margem para especulações: 4-1*

Com efeito a supremacia da equipa transalpina, no decurso dos 90 minutos do confronto, foi claramente evidenciada Melhor apetrechamento individual, amplo dominio posicional em todas as zonas do rectângulo, sobretudo nos lances desenvolvidos nas proximidades das balizas e sobretudo uma invejável condição atlética que permitiu opor e impor aos vigorosos holandeses a força de uma técnica a que estes, por insuficientemente dotados para um duelo nesse campo, não puderam resistir.

Estádio Santiago Barnabéu, em Madrid.
Arbitro — Ortiz de Mendibil, de Espanha.
AJAX — Bals; Syurbier, Hulshoff, Vasovic e Duivenbode; Groot e Pronk; Swart, Danielsson, Cruijf e Keizer.
MILAN — Cudicini; Anguiletti, Rosato, Malatrasi e Schnellinger; Trapattoni, Lodeti e Rivera; Hamrin, Sormani e Prati.
Golos de Prati aos 8, 42 e 82 minutos e de Sormani aos 77, pelos italianos. O tento dos holandeses foi marcado por Pronk aos 60 minutos na conversão de uma grande penalidade.

E no entanto terá sido esse o primeiro grande lapso da equipa de Amesterdão: promover a «discussão» em moldes tecnicistas, com vagares, procurando «fazer bem» em vez de «fazer depressa».

Só depois do primeiro tento italiano é que a equipa do Ajax procurou o domínio territorial (a que os milaneses nunca deram importancia) através de um futebol viril, rápido, rectilíneo, mas que, por excessivamente rotinado e repetido, nunca colheu de surpresa os homens do Milan, que como todos os conjuntos transalpinos assentam os seus movimentos numa sólida organização defensiva.

Será errado no entanto, supor que os italianos não atacaram. Fizeram-no muitas vezes, e de que maneira!... Abrindo clareiras enormes á frente de Bols através de uma dinâmica ofensiva que não consentia estatismos nem posições fixas. Com uma limpidez cristalina, com um conhecimento perfeito do que a cada um competia fazer, os italianos do Milan, terão até desmentido ontem á noite, e de forma categórica serem infundados os temores de um declínio do futebol latino e tecnicista em benefício de um padrão de força que terá feito ocasionalmente sair do anonimato algumas equipas europeias, quando em confronto com agrupamentos de superiores predicados técnicos mas temporáriamente debilitados.

Rino Michels, o treinador do Ajax poderá ter cometido um erro de cálculo: procurou desalojar dos terrenos defensivos o maior numero possível de jogadores italianos «convidando-os» acintosamente a tomarem a iniciativa do ataque, de molde a que os seus «galopantes» futebolistas tivessem clareiras por onde penetrar, em contra-ofensiva, em direcção ás redes italianas. Com o que ele não contava, foi com a experiência do adversário, que respondeu a esse ardil ainda com maior astucia, dominando o jogo desde o inicio e tirando imediato proveito das insuficiências dos holandeses para «travarem» homens já lançados em pleno movimento, de perfeita execução individual e que procuravam os espaços vazios com serenidade, saber e sobretudo com rapidez de pensamento e de acção.

E curiosamente, por sistema, as duas equipas desprezaram o meio-campo, zona onde, segundo certos conceitos, se decidem os desafios.

Os holandeses pela necessidade de neutralizar a vantagem do antagonista, que cedo se desenhou, e como consequência do seu habitual processo de atacar, procuravam jogar, o mais perto possível da grande área contrária, de molde a que os seus cruzamentos pudessem encontrar, em terrenos frontais a Caducini, quem rematasse com possibilidades de êxito; os italianos, aceitando, por conveniência, a pressão contrária ergueram «muralha intransponível» a proteger a sua grande área e num ápice, através de uma invulgar segurança na transposição do jogo, logo surgiam a apoquentar a defensiva holandesa, retendo a bola perto desta e de forma a dar tempo á integração no lance, dos jogadores julgados indispensáveis para a sua concretização.

Não se «cozinharam», nem cerziram ou «mastigaram», jogadas no meio-campo. O objectivo foi sempre a baliza e cada qual procurava chegar á do adversário, o mais depressa que podia.

Força? Só a necessária

Num aspecto porém os holandeses denunciaram ligeira supremacia: nas jogadas de choque, o que lhes deu ocasionais vantagens nalguns lances.

Esse factor porém foi insuficiente. Os italianos senhores de maior capacidade técnica e global, e com a preparação bastante para ripostarem ao antagonista de forma a não sairem diminuidos, tinham lógicamente, que arrecadar proveito dos seus melhores predicados, do seu saber e argucia e sobretudo de um sentido de improvisação de que o futebol não pode prescindir. O poder imaginativo, dos italianos, foi também de importancia decisiva. Ninguém pode fazer planos quando não pode prever, mesmo por aproximação, o que vai acontecer. E Rino Michels não poderia antecipadamente avaliar o talento criador dos milaneses.

Como latinos que são, eles não hesitaram em desprezar, muitas vezes, a ortodoxia do jogo. Foi o seu talento que lhes permitiu «assinar» jogadas consideradas pelos cânones, de mau futebol. Mas que resultaram em pleno.

Excelente a arbitragem de Ortiz de Mendébil. Um jogo sem dificuldades.

A LIÇÃO DE MADRID

O tão discutido assunto futebol-hábil contra futebol-força esteve ontem mais uma vez em causa. Triunfou o primeiro (Milan) dominando com facilidade extrema os trunfos atléticos do opositor (Ajax).

Que conclusão se pode extrair daqui? A de que ontem, pelo menos ontem, ganhou o verdadeiro futebol. Aquilo que o jogo tem de especialização, de argucia, de saber do ofício. Porque quando os melhores atletas levam de vencida os melhores futebolistas, o jogo sai da sua essência. Despersonaliza-se. Os mais fortes e mais rápidos mandam então no futebol, como mandariam no atletismo, ou no raguebi, ou na luta greco-romana, dominando também aí os mais perfeitos praticantes.

É evidente que não quer isto dizer que as equipas-força (tipo Ajax) possam alguma vez triunfar se não possuirem alguns razoáveis ou mesmo bons jogadores. Nem significa que as equipas hábeis (estilo Milan) possam dispensar uma capacidade física adequada a um jogo de que também fazem parte o correr e o saltar. Mas as grandes equipas hão-de impor-se sempre pela «classe» dos seus componentes. As outras poderão alcançar — e alcançam — vitórias, mas jamais conquistarão o apreço total de quem gosta do futebol e não de uma espécie de atletismo-com-bola.

Os «velhos» do Milan (vários a rondar e a ultrapassar os trinta) colocaram as coisas no seu devido lugar.

M. Z.

RIVERA: «PRATI ESTEVE REALMENTE EM GRANDE»

MADRID, 29 — (A. N. I.) — **«Não é uma vergonha ser batido por um adversário como o Milão»** — afirmou Johan Cruyff,

Pelo seu lado, o árbitro da partida, o espanhol Ortiz de Mendibil, declarou:

— **«Foi um belo jogo, com um claro espírito de lealdade. Fiquei profundamente impressionado pela exibição do extremo esquerdo do Milão, Prati, e também pela de Sormani, o «ariete». O Milão foi claramente superior tècnicamente e, uma vez mais, provou-se que a técnica é a verdadeira base do bom futebol.»**

Gianni Rivera, a «vedeta» do Milão, afirmou:

— **«Nunca tive dúvidas acerca do resultado final, depois do primeiro golo de Prati, que esta noite esteve realmente em grande forma. Considero Cruyff o melhor homem da equipa do Ajax.»**

O treinador do Milão, Nereo Rocco, declarou:

— **«Mais uma vez se prova que de nada vale fazer segredo da constituição de uma equipa: eu revelei a linha para o encontro desta noite poucos minutos depois de ter chegado a Madrid, na segunda-feira. Devo reconhecer que o Ajax foi um adversário muito tenaz, embora nós tenhamos sido tècnicamente muito superiores.»**

O guarda-redes italiano, Cudicini, afirmou:

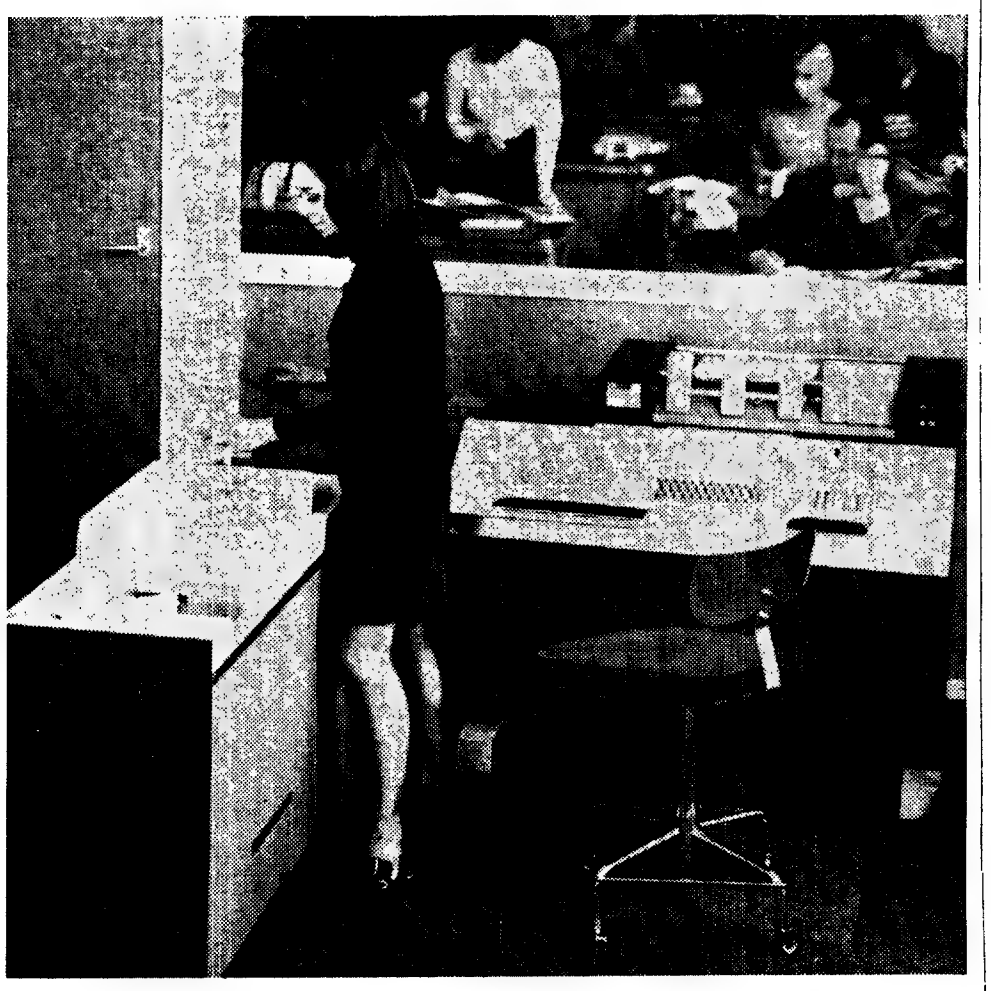
— **«Embora o encontro se tenha desenrolado, durante a maior parte do tempo, no meio campo do Milão, nunca me senti realmente ameaçado e há que salientar que o único golo do Ajax foi conseguido na transformação de uma grande penalidade.**

A mãe e as irmãs de Pierino Prati entraram na festa

Em Cinisello Balsamo, a cerca de 20 quilómetros de Milão, partidários do clube fizeram uma grande festa á mãe e ás irmãs de Pierino Prati, o extremo do clube italano que marcou três golos no desafio da noite passada.

Está planeada pelos partidários do Milão uma grande manifestação para receber a equipa, que se espera chegue de avião ao aeroporto da cidade ao princípio da tarde de hoje.

UMA NOVA FILOSOFIA NA GESTÃO DOS NEGÓCIOS BANCÁRIOS



Procurando corresponder às actuais exigências das modernas técnicas bancárias, que permitem uma maior produtividade do trabalho e uma mais cómoda e atenta satisfação dos interesses do público, o Banco Português do Atlântico não se tem poupado a esforços no intuito de valorizar os seus serviços com os modernos equipamentos de que dispõem as mais avançadas organizações estrangeiras.

Agora de novo o Banco Português do Atlântico acaba de fechar um contrato com a firma Regisconta, no sentido de criar, pela primeira vez em Portugal, uma série de Centros Regionais de Gestão para tratamento de dados, de modo a que outras zonas além de Lisboa e Porto possam beneficiar das vantagens que estes novos processos permitem: uma perfeita descentralização dos trabalhos, uma maior eficiência no serviço a prestar aos clientes e um consequente benefício como resultado da rápida e exacta obtenção dos elementos de trabalho.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

UM GOLO DE PRAIA

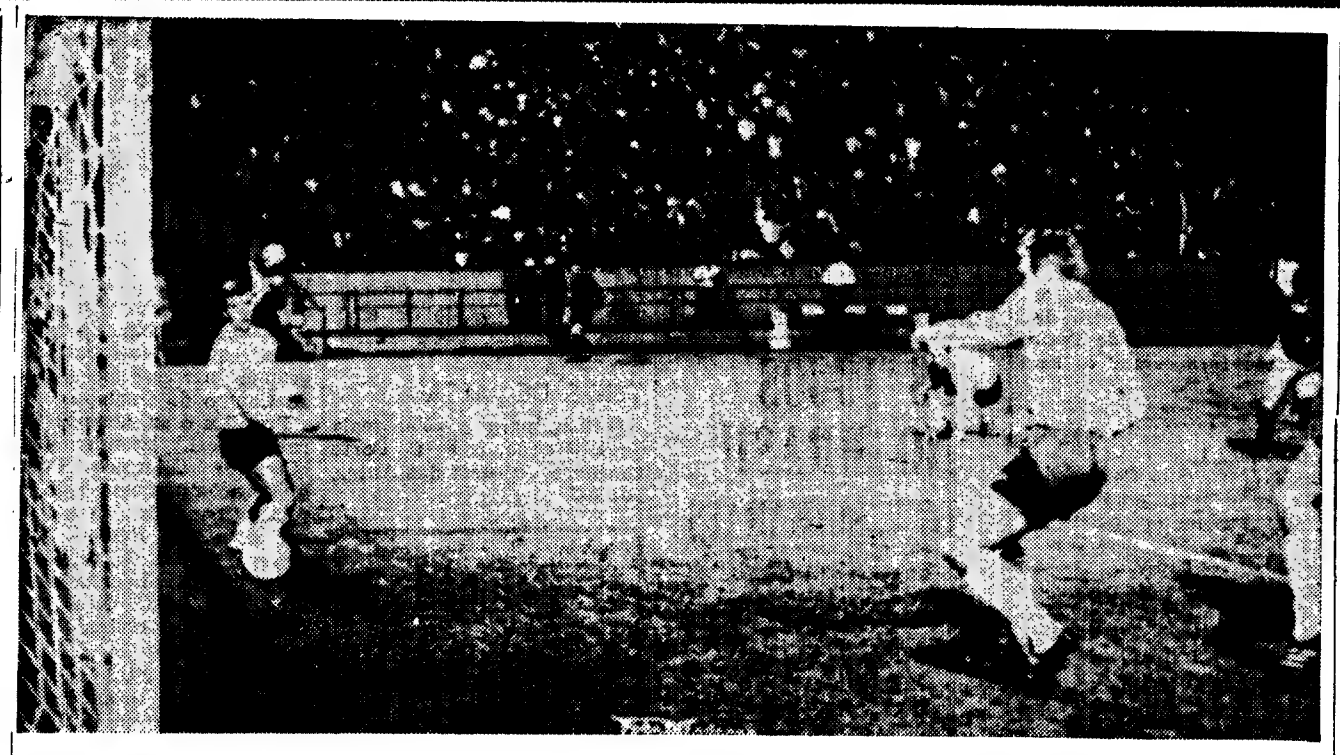
Arbitro — Adolfo Bueno, de Espanha.

PORTUGAL — Damas; Barros, Caló (capitão), Humberto Coelho e Murça; Toni e Nené; Praia, Nelson, Petita e Diamantino.

INGLATERRA — Shilton; Smith, Hurest, Mac Farland e Bardoe; Nish e Doyle; Radford, Evans, Royle e Sissons.

O golo de Portugal foi logo obtido aos 6 minutos de jogo: Nené infiltrou-se, rematou, o guardião defendeu para fora da área e PRAIA atirou sem hipóteses para Shilton.

Empataram os ingleses a quatro minutos do fim: centro de Evans e remate de cabeça de RADFORD.



Lá ao fundo, á direita, está Praia. Acabou de desferir o remate que deu o golo a Portugal para o qual são impotentes o guardião britanico e o defesa direito. Um golo que «viveria» solitário, até quatro minutos do fim...

PORTUGAL-INGLATERRA («ESPERANÇAS») NO FUNCHAL

OS JOVENS PORTUGUESES ESTIVERAM A UM PASSO DA VITÓRIA

- ***...MAS O RESULTADO FINAL (1-1) É EXPRESSÃO CERTA DO JOGO***
- ***DIAMANTINO (EXCELENTE!), HUMBERTO, DAMAS E BARROS EM EVIDÊNCIA***

FUNCHAL, 29 — **(Especial para o «Diário de Lisboa», por Jacinto Vasconcelos)** — Um golo marcado pelo avançado britânico Radford, a três minutos do fim da partida, roubou à selecção portuguesa de «Esperanças» a satisfação de uma vitória sobre os «sub-23» da Inglaterra. O grupo de Portugal adiantou-se no marcador logo aos 6 minutos, graças a um tento obtido por Praia, em recarga a remate de Nené que o «keeper» inglês defendera imperfeitamente.

Naturalmente, os portugueses não ficaram plenamente satisfeitos com o empate final, pois avultava a perspectiva de uma saborosa vitória, que ficaria como mais formal rectificação aos 0-4 do jogo de Coventry. Deve dizer-se, no entanto, que a igualdade se harmoniza com a partida, pois as equipas igualaram-se em períodos de domínio e em virtudes, se bem que os seus estilos fossem sempre muito diversos.

De um modo geral, os ingleses impressionaram pela velocidade e pujança física, enquanto o futebol praticado pelos portugueses se mostrou mais harmonioso e de técnica superior.

Os primeiros vinte minutos foram de clara vantagem do grupo nacional, que praticou um futebol alegre e incisivo, com jogadas hábeis e de bom conjunto. O golo de Praia, obtido muito cedo, terá dado á equipa o estímulo necessário e a convicção de ser possível uma proeza com que não se contava muito.

Esse golo, no entanto, teve também reflexos na actuação dos britanicos, que endureceram o seu jogo, procurando quebrar a vivacidade dos pequenos (quase todos) mas hábeis jogadores portugueses.

Pode dizer-se que foi a partir dos vinte minutos que o ascendente da equipa representativa de Portugal começou a diminuir, não apenas devido ao maior esforço dos ingleses, mas também por uma evidente opção: a de acautelar a defesa, passando a jogar em contra-ataque.

Foi já nesta nova fase do jogo que os portugueses estiveram á beira de marcar o segundo tento: Chico, que aos 21 minutos substituiu Petita, perdeu, três minutos depois, uma bela oportunidade, falhando o golpe de cabeça com que procurou finalizar um «centro» de Nelson.

Ainda na primeira parte, a equipa nacional teve nova alteração: entrou Pavão, saindo Toni.

O segundo tempo caracterizou-se pelo denodo dos britanicos na procura da igualdade, que viriam a alcançar, justamente, quase no final da partida. Até então, mais não fizeram que colocar á prova a boa capacidade da defesa portuguesa, salientando-se, além do guarda-redes Damas, o «central» Humberto e o «lateral-direito» Barros.

Entretanto, o rápido e hábil Diamantino continuou a ser o melhor avançado, causando sobressalto na defesa britanica.

Estes quatro jogadores foram os mais distinguidos pelos aplausos da assistência (doze mil espectadores, para uma receita de trezentos contos) ela própria também com uma «boa actuação», no constante apoio e incitamento ao grupo nacional.

Dos ingleses, há a salientar Evens e Hurst. Toda a equipa, aliás, é poderosa e o empate conseguido pela nossa representação deverá ser considerado como resultado muito agradável. Depois da derrota por 0-4, em Inglaterra, teve um certo sabor a triunfo.

Diamantino, muito elogiado

Dois jornalistas ingleses que ouvimos no final do jogo foram da mesma opinião: **«A equipa inglesa jogou menos do que habitualmente e só com sorte chegou ao empate».** E ambos se mostraram de acordo, também, sobre o melhor jogador português: Diamantino.

«Portugal merecia ter ganho» — disse-nos, por sua vez, o secretário da Federação inglesa. E Diamantino impressionou-o fortemente.

Um jogador — o médio Pardoc — manifestou, também, o seu apreço pelo extremo-esquerdo português —**«ele foi o n.º 1 do jogo»**— e considera que o empate foi um bom resultado para a sua equipa. **«Esta selecção de Portugal é melhor que a que jogou em Coventry».**

Damas, «duro castigo...»

Por parte dos portugueses, a ideia geral era de que o resultado «diz» com o jogo. Mas Damas teve um lamento: **«O golo sofrido foi um duro castigo para a nossa equipa».** Acrescentou, porém, que não deixou de constituir **«justo prémio para o excelente ataque dos ingleses».**

O dr. José Maria Antunes e o treinador Caiado entendem que o resultado está certo. O treinador acrescentou: **«Os nossos jogadores fizeram quanto lhes foi possível frente a uma equipa inglesa superior em vários aspectos».** E realçou o apoio dado á equipa nacional pelo publico madeirense.

PAVÃO e as suas «penas»

Ninguém nega o valor técnico do futebolista Pavão. Ninguém pode desconhecer, porém, que o seu talento como praticante é beliscado, nitidamente afectado, pelo seu comportamento como profissional. Profissional de um jogo que o arrancou do anonimato e o trouxe para uma promoção social que talvez nunca tenha sonhado.

Daí o provável deslumbramento. Pavão, excelente pontapeador da bola, não é desportista que possa servir de modelo aos jovens que o admiram como «crack». Dentro das quatro linhas brancas, o médio Pavão pode (até) atingir o brilhantismo. Mas, os frequentes «casos» que desencadeia (ao serviço do Futebol Clube do Porto, ao serviço da selecção nacional) não o recomendam para a galeria do apreço.

Ontem, no Funchal, Pavão voltou a assumir uma atitude de rebeldia que é (sobretudo) mais reprovável ainda porque o magnífico jogador se encontrava convocado pela Selecção de Portugal: para defender as cores nacionais — portanto. E não o quis fazer.

Fosse lá pelo que fosse, Pavão amuou. Amua com muita facilidade, aliás. E quando entrou no jogo, fê-lo com uma displicência que feriu a retina do mais leigo dos espectadores.

Pavão vai por mau caminho. O futebol nacional, que precisa de todos os valores, pode (porém) abdicar dos que o servem a contra-gosto. E, se subir é difícil, resvalar para o nada é coisa de um minuto.

Um minuto de amuo, por exemplo.

N. de S.

ONTEM EM LOURENÇO MARQUES

A selecção de Moçambique perdeu (2-1) com o Chelsea

A equipa inglesa do Chelsea jogou ontem em Lourenço Marques e venceu por 2-1 a Selecção do Moçambique.

Todavia o comportamento da turma britanica esteve longe de satisfazer. Os futebolistas do Chelsea encararam este desafio com manifesta displicência, jogando apenas o indispensável para não perder. Só na segunda parte é que os ingleses puseram um pouco de ordem no seu futebol obtendo dois golos por Baldwin e Tambling, respectivamente, aos 72 e 77 minutos.

De resto a vitória do Chelsea assenta também na falta de audácia dos moçambicanos, que passivamente aceitaram a superioridade dos londrinos, denunciando evidente falta de convicção nos seus recursos. E nem o golo alcançado na primeira parte por Taiob encarreirou a selecção para um êxito que parecia estar ao seu alcance.

As equipas alinharam:

Selecção de Moçambique — Marcelo; Vicente, Chong, Artur e Sérgio; Romano, Rui e Camacho; Taiob, Baltasar e L. Marques.

Chelsea — Bonetti; House, Mann, Webb e Harris; Osgood e Cooke; Baldwin, Hudson, Hutchinson e Tambling.

«TORNEIO DE ABERTURA» DE HÓQUEI EM PATINS

CAMPO DE OURIQUE E PAREDE NUMA «FINALÍSSIMA»

Disputaram-se, ontem, no Pavilhão da Salesiana, os encontros referentes á ultima jornada do torneio de abertura de hóquei em patins, da Associação de Patinagem de Lisboa, cujos encontros forneceram os seguintes desfechos:

Parede, 5-C. U. F., 4
Oeiras, 6-Belenenses, 4
Sintra, 10-C. Ourique, 4

Verificou-se, portanto, a unica derrota do Campo de Ourique, o que lhe custará ter de disputar uma «finalíssima» com o Parede já que este logrou bater os cufistas.

A classificação ficou assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
C. Ourique	5	4	—	1	23-17	13
Parede	5	4	—	1	21-12	13
Sintra	5	2	1	2	23-19	10
Belenenses	5	2	—	3	17-20	9
C. U. F.	5	1	1	3	19-22	8
Oeiras	5	1	—	4	19-32	7

O Desportivo de Lourenço Marques campeão de Moçambique

O Desportivo de Lourenço Marques conquistou o título de campeão de Moçambique, em hóquei em patins, batendo, na final, o Ferroviário, por 6-2.

O campeão vai disputar alguns jogos em Angola, para a Taça «Fernando Cruzeiro», que hoje se inicia em Luanda.

Além da equipa moçambicana, tomam parte na competição o Benfica de Luanda e o Centro Universitário.

Depois do torneio, que durará três dias, o Desportivo actuará em Moçâmedes, a 2 de Junho; no Lobito, a 4; e em Benguela, a 5.

Corridas de patins no Porto

Encerrou o prazo para as inscrições dos patinadores para as corridas que principiarão a disputar-se no dia 2. Inscreveram-se 76 patinadores, em representação do F. C. do Porto, Boavista, Educação Física, Carvalhos, Fanzeres, Vigorosa e Infante de Sagres. Pertencem ás seguintes categorias: seniores, 28; juniores, 11; juvenis, 27; e infantis, 10.

Três portuenses nos «Jogos Luso-Brasileiros»

Foram seleccionados para fazer parte da selecção de Portugal que se deslocará ao Brasil para os «Jogos Luso - Brasileiros», os hóquistas portuenses Júlio Rendeiro (Infante de Sagres), Brito (F. C. Porto) e Campos (Fanzeres).

Dois Porto-Lisboa disputa-se em Julho

As equipas de seniores e juniores do Porto e de Lisboa defrontar-se-ão no dia 5 de Julho, em jogos marcados para o Pavilhão do Palácio de Cristal, no Porto.

A ACADÉMICA NA FINAL DE JUVENIS

Disputou-se ontem, em Aveiro, o jogo de desempate das meias-finais da Taça Nacional de Juvenis, entre o F. C. Porto e a Académica.

O embate decorreu com movimento e animação, dando ideia de notável equilíbrio de forças.

Mais felizes, os estudantes venceram por 1-0, golo marcado por Candido, a 4 minutos do final do prélio.

Assim, a Académica ficou apurada para disputar a final do torneio contra o Benfica, no próximo domingo, no Estádio Municipal de Leiria, ás 10 e 30.

No jogo de ontem os portistas não tiveram a sorte pelo seu lado, embora, de maneira geral, o desafio houvesse decorrido em toada de sensível equilíbrio.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

No pavilhão da Juventude Salesiana prosseguiu, ontem, o Torneio de Abertura (fase final). Resultados: Parede, 5--C. U. F., 4; Oeiras, 6-Belenenses, 4 e Sintra, 11-Campo de Ourique, 4.

VOLEIBOL

Segunda volta da fase preliminar do «Nacional» da I Divisão (Zona Sul). O Lisboa Ginásio venceu o Sintrense, por 3-0, e está virtualmente apurado para representar a Associação lisbonense na fase final do campeonato.

FUTEBOL

Ontem, á noite, disputaram-se os jogos de desempate (1.ª eliminatória) para a Taça de Lisboa, torneio organizado pela A. F. L. O G. D Lousa perdeu com o G. D. Abóbora, por 1-0; e A. C. Cacém e C. D. Belas empataram por 1-1, tendo de efectuar, portanto, novo encontro.

TÉNIS DE MESA

Ontem, para o «Nacional» da I Divisão, o F. C. Porto venceu o Cultural das Antas, por 5-2.

OS JOGOS NO BRASIL DO V. GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO, 29 — (A. N. I.) — Está a ser organizado o calendário de jogos a realizar pelo Vitória de Guimarães, durante a visita que fará ao Brasil, em Junho. Já foi anunciado que o Vitória defronta no dia 15 o Santa Cruz, no Recife, e o Sport Clube do Recife, também da capital de Pernambuco. Jogará depois na Baía e noutras cidades brasileiras.

Basquetebol em Torres Vedras

A equipa de basquetebol do Sporting Clube de Portugal, campeã nacional da modalidade, defronta no dia 31 em encontro particular, a realizar no campo do Sporting de Torres, uma selecção de Torres Vedras que inclui também alguns jogadores leoninos e da equipa de Educação Física de Torres Vedras.

Do programa consta um desafio de futebol de cinco.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Leça-Varzim	2
Boavista-Penafiel	2
Tirsense-Braga	2
Lamas-A. Viseu	1
Beira-Mar-Gouveia	1
Peniche-Sanjoanense	X
Alhandra-Sintrense	1
Atlético-Torriense	1
Belenenses-Sporting	X
Oriental-Marítimo	1
Almada-Seixal	1
Montijo-Setúbal	2
Luso-Portimonense	X

O Belenenses e o desporto feminino

A propósito da minha ultima crónica sobre desporto feminino — que tinha por título «Manhã no Restelo» — acabo de receber um muito amável ofício da Junta Directiva do Belenenses, no qual para além dos agradecimentos (indevidos...) lê com particular agrado esta frase: «Lutamos em condições deficientes de instalações, mas esperamos em futuro muito próximo colocar o desporto feminino do clube dentro das tradições e dos nossos anseios».

É a certeza, muito animadora, de que vamos ter mais raparigas de camisolas azuis nos recintos desportivos. E oxalá que num futuro muito próximo esteja solucionado o problema das instalações do prestigioso clube. Com o Belenenses em condições de levar a efeito os planos dos seus dirigentes, o nosso desporto feminino ficará bem mais rico.

LIDIA FARIA

Ginástica

Comemorações do 75.º Aniversário do Olimpismo Moderno

Para a apresentação das classes representativas de Portugal á V Gimnaestrada, a Federação Portuguesa de Ginástica organizou um festival, que decorreu com grande interesse no ginásio do Campo de Ourique.

Presidiu o sr. general Correira Leal, presidente do «Comité» Olímpico Português, acompanhado pelo director-geral dos Desportos, dr. Armando Rocha, presidente da F. P. G., maj. Joaquim Canais, além de outros elementos do C. O. P. e da direcção dos clubes representados.

A primeira classe a apresentar-se foi a infantil mista do Lisboa Ginásio Clube, dirigida pelos professores D. Jenny Candeias e Delfim de Matos.

Seguiu-se a de meninas de Campo de Ourique, em danças regionais portuguesas, dirigida pela prof.ª D. Antónia Mariano, que está de parabéns, pelo admirável trabalho que conseguiu das suas pupilas de «palmo e meio».

Notável também o trabalho do prof. Delfim de Matos, na sua classe de rapazes, do Lisboa Ginásio, que se apresentou enérgica, e de um uniformismo impecável, em exercícios de conjunto.

Exibiram-se ainda as classes de senhorinhas do Ateneu Comercial de Lisboa e do Lisboa Ginásio, dirigidas pelo prof. Reis Pinto, que no final, e em conjunto, com fitas e bolas executaram um exercício muito vistoso.

Depois, as meninas do C. A. C. O. e, finalmente a fechar a primeira parte, com chave de ouro, Reis Pinto, apresentou a «especial» de rapazes, que num esquema autocomandado deu provas da sua inegável categoria.

A 2.ª parte abriu com a apresentação das bandeiras dos clubes participantes na V Gimnaestrada (Ateneu, Sporting, Lisboa Ginásio, C. Ourique e Atlético de Alvalade), durante a qual usou da palavra o general Correia Leal, salientando que no próximo dia 23 de Junho, se festejam em todo o Mundo, os 75 anos do Olimpismo Moderno, acrescentando que, entre nós, a 2.ª quinzena de Junho é um período crítico, por coincidir com a época dos exames, sendo por isso antecipada (fins de Maio) essa manifestação desportiva.

Entraram, a seguir, as classes representativas. Primeiro, a de senhoras do L. G. C., que se exibiu em boa forma com massas, sob a orientação do prof. Damaso Rodrigues. Depois, a sempre boa classe especial de homens do Ateneu, comandada pelo prof. Moura e Sá.

A terceira, foi a de senhoras do L. G. C., desta vez com cordas.

A classe de senhoras do Campo de Ourique, exibiu-se com arcos, sob a orientação da prof.ª D. Antónia Mariano.

Reis Pinto, dirigiu, em exercícios livres, a magnífica classe de senhoras do Sporting.

Mais uma classe de senhoras do C. Ourique, com bolas, fez vibrar a assistência, e de novo a do Sporting, com cordas e tamborins colheu grande ovação.

A terminar, e depois da exibição da classe de rapazes do Atlético de Alvalade, em saltos no tapete e mini-trampolim, houve nova concentração das classes, culminando o espectáculo com um vistoso desfile.

As comemorações do 75.º aniversário do Olimpismo Moderno, prosseguem hoje á noite, com jogos de salão, no pavilhão da Ajuda, considerados desportos olímpicos.

Domingo, de manhã, nas docas da Junqueira e Pedrouços, realizam-se regatas de remo e vela; no Jamor, provas de tiro. À tarde, no Estádio Nacional, haverá jogos de futebol e provas de atletismo.

J. DA MESQUITA

Laurindo — um dos homenageados pelo Belenenses por ter sido «internacional» — no decorrer de uma cerimónia altamente significativa e que definiu o actual Belenenses de hoje: clube que quer crescer.

GRANDE CAMPANHA DE FRIGORÍFICOS
NOVOS PREÇOS
NOVOS MODELOS
NOVAS CONDIÇÕES DE VENDA
SEM fiador
SEM entrada inicial
Visite as 2 lojas
Vapedrone
prestações mensais desde 77$50
FIAT ARISTON LINDE PHILCO
SEDE 54 - Rua da Vitória 56 — Telef. 33323
FILIAL 17 - Rua dos Fanqueiros - 19 — Telef. 320376

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — O TECTO — Estúdio 444

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095

Às 21.45

O filme que marcou uma época no cinema mundial!

O TECTO

Um filme de **Vittorio de Sica**

Prémio O. C. I. C. do Festival de Cannes

com **Gabriella Palloni** e **Giorgio Listuzzi**

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

As 15.15 18.15 e 21.30

2.ª Semana — Technicolor

George Peppard e **Jean Seberg** em

PENDULO

O filme com a força de impacto dos dias de hoje

ALVALADE

(Adultos) Tel 763080

As 15.45 e 21.45

2.ª Semana — Technicolor

A história de um detective acusado de ter assassinado a mulher!

PENDULO

com **George Peppard** e **Jean Seberg**

MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

Quente, sensual, perversa...

Senta Berger e **Alain Delon**

DIABÒLICAMENTE TUA

EASTMANCOLOR

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

7.ª Semana e última

Alain Delon, Romy Schneider e **Maurice Ronet** em

A PISCINA

Um filme de **Jacques Deray**

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

INTERLÚDIO DE AMOR

com **Oskar Werner** e **Barbara Terrys**

LIDO

(M 17 anos) Tel. 927593

Às 21.30

Uma jóia preciosa do cinema de sempre!

E TUDO O VENTO LEVOU

Agora em maravilhoso 70 mm e som estereofónico

EDEN

(M 12 anos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Um Western dos autênticos! DEAN MARTIN ROBERT MITCHUM e INGER STEVENS no filme de **Henry Hathaway**

O PREÇO DE 5 JOGADORES

No programa: APOLO 8 — Jornada á volta da Lua.

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

As 21.45

Uma comédia deliciosamente picante!

PEQUENO ALMOÇO EM CAMA DE CASAL

com **Liselotte Pulver, O. W. Fischer** e **Lex Barker**

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

As 21.45

A mais expressiva obra do cinema italiano

FILHOS DE NINGUÉM

com **Amadeo Nazzari** e **Yvonne Sanson**

CONDES

Telefs. 322523 - 326710

(M. 17 anos)

Às 15.15, 18.15 e 21.30

O ídolo dos ídolos MONTGOMERY WOOD

Autêntico rei do «colt» e da vingança

GIGANTES EM DUELO

com **Le Van Cleef**

VOX

(Adultos) Tel. 720808

As 18.30 e 21.45

Henry Fonda e **Richard Widmarck** na dramática e violenta história de um detective

MADIGAN

Technicolor — Techniscope

Av. Frei Miguel Contreiras

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729

As 17 e 21.30

OS LONGOS DIAS DE VINGANÇA

com **Montgomery Wood**

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917

Às 21 horas

OS 3 SUPER-HOMENS

AMÉRICA PAÍS DE DEUS

IMPÉRIO

(M 12 anos) Tel. 555134

OSCAR para o MELHOR FILME ESTRANGEIRO DO ANO!

As 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

O INCENDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA

3. episódio de «GUERRA E PAZ»

70 m/m — Moscolor

Real. **Sergei Bondarchuk**

segundo a obra de LEO TOLSTOY

ESTÚDIO

(M 12 anos) Tel. 555134

As 15.30, 18.30 e 21.45

10.ª SEMANA

Technicolor - Techniscope

CHARLY

Um filme de **Ralph Nelson** com **Cliff Robertson** e **Claire Bloom**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

EM 5.ª SEMANA DE ENCHENTES

UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA

BONANÇA & C.ª

com **Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema** e outros consagrados artistas

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30

Um amor impossível... A odisseia de um homem que ninguém conseguia deter

Cameron Mitchel e **Lissa** em

OS PUNHAIS DO VINGADOR

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305

HOJE, 15.15 (P. r.) e às 21.30

UM FILME ARREBATADOR

PROFISSIONAIS PARA UM MASSACRE

com **George Hilton, George Martin, Edd Byrnes** e **Monica Randall**

A HISTÓRIA DE 3 EXTRAORDINÁRIOS E INDOMÁVEIS PATIFES

Cromacope — Eastmancolor

HOJE, às 18.30 — (M. 12 anos) **SESSÃO CLÁSSICA**

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 h.

ASSALTO AO CARRO BLINDADO

NÃO HÁ CAVIAR PARA OLGA

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 388743

As 15.15, 18.30 e 21.45

Paul Newman e **Sylva Koscina** numa comédia que vai dar que falar

A «GUERRA» SECRETA DE HARRY FRIGG

Fotografia em Techniscope e Technicolor

Metro: Estação Picoas

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54153

As 15.15 18.15 e 21.30

3.ª SEMANA

Uma comédia que tem dado que falar!

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL

com **Gina Lollobrigida** e **Telly Savalas**

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas

O ÚLTIMO TRUNFO

DOMINGO DE VERÃO (A ITALIANA)

ABC Cine-Clube

O ABC Cine-Clube de Lisboa promove amanhã (18 e 40) no cinema Lys mais uma sessão, a 739.ª, destinada aos seus associados. Será exibido o clássico japonês de Kenzi Mizoguchi, «Contos da Lua Vaga».

Depois de amanhã, na sede do clube, à Rua Conde de Redondo, há um colóquio sobre tema a designar.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Mãos á obra» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Equilíbrio instável» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A rainha do ferro velho» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança da Morte» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Jerry em Londres» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Esta noite é minha» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O triunfo de Hércules» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Os pistoleiros da Casa Grande» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Como matei Rasputine» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A maior bolada do mundo» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Al Capone» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Às 21: «Antes que cases» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Duas mulheres» (17 anos).
PROMOTORA—Às 21: «Arquivo K» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Ana» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «O Homem que ri» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «À queima-roupa» (17 anos).
LOURES — Às 2' e 30: «A Festa» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «A visita» e «Com a pedra no sapato» (17 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «48 horas de angustia» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Os longos dias da vingança» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Fonte barreira» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os crimes de Dillinger» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A noite escaldante do Inspector Joss» e ACADEMIA— Às 21 e 15: «O fugitivo do Rio Colorado» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Um coração solitário» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «002 — contra Al Capone» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE - PORTUGAL — Às 21 e 15: «Um perigo em cada curva» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uma rapariga de gritos» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Bandidos em Milão» e «A minha ultima condessa» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «À queima roupa» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Tarzan e o grande rio» (12 anos).

A VERBENA DE AVEIRO

AVEIRO, 29 — Encetada a sua realização há cinco anos pelo então governador civil, dr. Manuel dos Santos Lousada, as «Verbenas» de Aveiro são um atraente cartaz de diversões nos meses de Verão.

Nos dois últimos anos efectuaram-se no parque de cidade. Mas ao que parece e por uma ordem económica os organizadores pensam que elas servirão melhor os fins em vista de se realizarem no Rossio, o que, efectivamente, aconceterá este ano de 12 de Junho a 31 de Agosto.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
Declarado de Utilidade Turística
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

RESTAURANTES «O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 7, 1.º
Telef 34982
Parque Mayer

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

COZINHA ALENTEJANA
Serviços de almoços no jardim
Encerra ás 2.ªs-feiras
Av. do Aeroporto, 162
Telef. 72 70 71

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 790211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I

ALCANTARA — **Vieira Rosa**, Rua Prior do Crato 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — **Cândido Monteiro**, Av Almirante Reis, 121-B (4575'1) * **Góis, Lda., Sucrs.**, Rua dos Anjos, 12-C-D (840101).
ALTO DO PINA — **Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277)
ALVALADE — **Sanex** Av da Igreja, 31-C (776905) * **Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho 101-D (722384) * **Rio de Janeiro**, Av Rio de Janeiro, 4-C (721409).
AREEIRO — **Algarve**, Av de Roma 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — **Campo Pequeno**, Av da Republica, 53-D-E (771661) * **Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * **Cruz Nunes** Pr Duque de Saldanha, 14 (41845) * **Neveis**, Av. Luís Bivar, 11-13 (44344)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R 27, 41 (31'2 6)
BAIXA — **Lima Amaro, Suc.**, Pr da Alegria, 27-28 (321149) * **Veladas, Suc.**, R da Madalena 235 (326260) * **Cortez**, R de S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — **Santa Cruz**, Av Gomes Pereira, 34-A (704828) * **Vitex**, Est. de Benfica, 373-B (780548) * **J. Ribeiro**, Est da Luz, 199-A (780969)
BELÉM — **Gomes, Suc.**, (Gonçalves) R. da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — **Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias 63 - A (611454).
CAIS DO SODRÉ — **Africana**, R Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — **Pinharanda**, R da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — **Cabrita**, C. Grande, 220-22 (772397)
CAMPO DE OURIQUE — **Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 31-133 (686640) * **Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, -9 (662838) * **Elmo**, R D Maria Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — **Judice de Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — **Salus**, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — **São Miguel**, R. Francisco Morais (771469).
ESTEFÂNIA — **São Jorge**, Av Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — **Tagus**, Praceta da P Possidónio da Silva 162-A (669485) * **Rodrigues & Aires**, Rua da Lapa 52-54 (662246).
LUMIAR — **Central do Lumiar** R do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — **Central dos Olivais** R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C Olivais Norte (375539) * **Antunes Rosas**, R C, 1-Lote 199, Olivais Sul (313610)
PALHAVÃ — **Laranjeiras**, R Filipe da Mata, 60-62 (761035)
PICHELEIRA — **Luzmar**, R João Nascimento Costa, 16-A (728395-720703)
MARQUES DE POMBAL — **Ribeiro & Castro**, R Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — **Belém**, R Tristão Vaz, 10-A, o encosto do Restelo (6122418)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Conceição**, Calçada de D. Gastão, 30-32 (38'279) * **Pereira, Suc.**, R do Paraíso, 98-100 (863224) * **Branquinho**, R. dos Sapadores, 87 (842725).
SANTO AMARO — **Dilena**, Rua Aliança Operária, 49 - A - B (636620) * **Costa**, R dos Lusíadas 32 (636704)
SÃO BENTO — **Confiança**, Praça das Flores, 59 (327901)
MOSCAVIDE — **Banha**, Av Moscavide, 22 (2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar**, R Ernesto da Silva, 8' (212048)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — **Central**, Rua João Teixeira Simões, '8 (2430058).
PAREDE — **Macau**, Rua J, Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — **S. João**, S. João do Estoril (261'86)
MONTE ESTORIL — **Ostende**, R. de Espinho, 1 (260391).
CASCAIS — **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova** — Est de Alvide Fontainhas (Tel. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Amadora**, P. 28 de Maio, 3-A (935518) * **Carmelo**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303) * **Helénica**, Rua Elias Garcia, 2 (933613) * **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703).
DAMAIA — **Confiança**, Estrada Militar, Lote D (Tel. 97 10 23),
QUELUZ — **Correia**, L. do Mercado, 3 (950905) * **Zeller**, R da Republica, 83 (950045)
CACÉM — **Central**, R. Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — **Quimia**, Est Mem Martins, 285, (2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim**, (980456)
SINTRA — **Simões**, R. Heliodoro Salgado 26 (980822).
COLARES — **Colares** — Abreja, (299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes** — Coronel Ramos da Costa 0 (Tel. 234'37)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. do Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — **Macedo Henriques**, R Bernardo Francisco da Costa, 1 (27'297)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est Nacional 221-B (224141).
BARREIRO — **Moderno** — R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (2273413)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso**, Praça 5 de Outubro, 8 (270254)
MOITA — **União Moitense**, Av. dr. Teófilo Braga (239025).
MONTIJO — **Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (230 56)
SESIMBRA — **Leão**, Av Salazar (229471).
SETUBAL — **Lisboa**, R Dr Paula Borba (22248) * **Salão**, Av.ª Portela (24109)
SEIXAL — **Soromenho**, R Paiva Coelho, 38 (22 8560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom e feriados) 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítimo, 326456 * Internacional 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural) 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria 775171 * Hospital de S José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril) 361121 * Estação fluvial (T Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663196 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531.

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

PNEUS DE AUTOMÓVEIS «QUEIXAM-SE» DO PISO DA CALÇADA DO COMBRO E RUAS ADJACENTES

Os moradores da Rua Poço dos Negros queixam-se do mau cheiro que vem dos buracos.

Foi no dia 20 de Setembro ultimo que começaram, na confluência das ruas de São Bento e do Poço dos Negros, as obras para colocação de um novo colector. Nessa altura, pensou-se que tais obras poderiam conduzir á melhoria do piso das artérias vizinhas, nomeadamente o da Rua dos Poiais de São Bento, que se encontrava (e se encontra, cada vez mais) em estado lastimoso. Nada disso aconteceu. Rodaram os meses, choveram as chuvas — e tudo foi piorando gradualmente.

— *Isto cada vez está pior...* —queixava-se ao repórter, esta manhã, um dos carris do Largo Doutor António de Sousa de Macedo, onde a Calçado do Combro desemboca, indecisa entre seguir pela Rua dos Poiais de São Bento ou pela do Poço dos Negros.

O pobre carril apresentava-se descarnado dos paralelepipedos soltos, como um osso exposto depois de um grave desastre.

— *Só eu sei o que ouço, quando alguns automobilistas com menos paciência passam por cima de mim e resvalam para o lado... Devia ouvir. Mas o pior é que têm razão. Isto é um perigo.*

O sr. Mário Monteiro, que ganha a vida ao volante de uma camioneta de distribuição de peixe, estava á escuta da conversa entre o repórter e o carril e quis dizer:

— *Quando venho fazer distribuição ás peixarias aqui da área, venho sempre com medo. Já não é a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira, que as senhoras que viajam lá atrás, ao pé das caixas do peixe, se desequilibram e caem, tal é a inclinação da rua, nas bermas! É uma vergonha...*

Mais adiante, nos estabelecimentos comerciais situados junto ás obras, também havia queixas:

— *A clientela foge, porque não está disposta a apanhar a poeira que vem das obras. E, depois, há o cheiro que dali chega...*

Na Calçada do Combro as coisas vão pelo mesmo caminho, ou quase. Não seria possível fazer-lhe umas obras — já — para que os «carris» dos eléctricos não venham também queixar-se ao repórter?...

De vez em quando

Assim também não está certo. Parece impossível que haja quem, em face da candidatura de Pompidou às eleições francesas, venha para os jornais (franceses, claro) insinuar possíveis ligações do ex-primeiro-ministro com o caso Markovic-Delon, aventar um hipotético «flirt» com a Lollobrigida, dizer que sim, mas que também. Exageros. Por lá, quando alguém sabe alguma coisa (e neste caso está a ver-se qual é a coisa) resolve logo dizê-la e ninguém se atreve a impedi-lo. São uns indiscretos. Mas porque é que Pompidou não nasceu uns mil e tal quilómetros mais para Ocidente?

V. D.

FLORES NA CASA DE AQUILINO RIBEIRO

VISEU, 29 — A memória de Aquilino Ribeiro não deixou de ser lembrada na passagem do aniversário da sua morte. Por isso muitos amigos fieis que não esquecem, nem podem esquecer o mestre incomparável que na região viseense nasceu e que realmente universalizou «As Terras do Demo».

No sexto aniversário da sua morte, um grupo de amigos foi ao terreiro da sua casa da Soutosa, entre outros os srs. Mário F. Matos, Elisiário de Figueiredo, Carmindo Nogueira, Gilberto de Carvalho, aos quais se juntou a família do «Mestre Zé Aveleira», aquele poeta popular que foi também o autor do pedestal em que se ergue o medalhão que os rotários portugueses ali fizeram erguer.

No pedestal lá ficaram as flores dos seos amigos, junto da legenda: «De pena na mão procuro ser independente, original, inteirição, como um bárbaro».

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado. O vento era fraco ou moderado no quadrante oeste Caíam aguaceiros em algumas regiões do Norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 21°,5; mínima: Penhas da Saude, 0°

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 4°; Faro, 17°; Funchal, 18°; Lisboa, 15°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 10°; Porto, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 17°; na água do mar, 16°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Aguaceiros mais frequentes a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, alternando com períodos de boas abertas. Vento fraco ou moderado do quadrante oeste. Possibilidades de trovoadas nas regiões montanhosas do norte.

Amanhã
Nascer ás 6 e 14
Ocaso ás 20 e 54

Dia 31 Dia 7 Dia 15 Dia 23

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 28 — 1 e 25 (3,6 m); 13 e 58 (3,7 m). Dia 29 — 2 e 18 (3,8 m); 14 e 46 (3,9 m). Dia 30 — 3 e 06 (3,9 m); 15 e 30 (4,0 m). BAIXA-MAR: Dia 28 — 7 e 24 (1,1 m); 19 e 48 (1,2 m) Dia 29 — 8 e 12 (1,0 m); 20 e 35 (1,0 m). Dia 30 — 8 e 55 (0,9 m); 21 e 20 (0,8 m).

CITROEN — 1967
I D — 19
IMPECÁVEL, COM EXTRAS
Vende particular. Motivo à vista
Telefs. 846062/3/4
das 15 às 18 horas

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A greve dos correios em Itália afectou a programação da RTP

Como estava largamente noticiado e referimos noutro local, o segundo programa da RTP incluia, para hoje, a ópera «Elexir de Amor», de Donizetti, em registo da RAI, que deveria chegar hoje, por via aérea, a Lisboa.

No entanto, devido a dificuldades resultantes da greve dos correios na Itália, o registo não chegou, ao fim da manhã de hoje, como estava previsto.

Na emergência, segundo nos foi comunicado pelo serviço de relações públicas da Radiotelevisão Portuguesa, o segundo programa registará hoje a seguinte alteração: a partir das 22 horas, em vez dos programas «Sebastião entre os homens» e «Noite de ópera», a RTP transmitirá, directamente do Teatro de Gil Vicente, em Cascais, a peça «Maria Stuart», encenação de Carlos de Avilez.

Segurança nas praias

O ministro da Marinha recebe amanhã, ás 10 horas, os representantes da Imprensa a quem fará uma comunicação sobre a campanha de segurança nas praias e da assistência aos banhistas.

Boutique Jo
APRESENTA
AS SUAS
COLECÇÕES DE VERÃO
Conjuntos c/ calças
FATOS DE BANHO
BIJOUTERIA
R. Nova S. Mamede, 38
Telef. 67 30 77
R. Serpa Pinto, 14, 2.º
Telef. 32 08 43

VAI À GRANJA DO MARQUÊS NO SÁBADO OU DOMINGO?

Então compre já o seu exemplar de

motor

que saiu hoje

Uma separata com tudo sobre o Grande Prémio do A. C. P.: um artigo de Filipe Nogueira, «Os feiticeiros das mecânicas de competição» por Bandeira de Lima, todas as indicações necessárias para chegar à Granja, inscritos e carros, resumo de regulamento, horário, etc.

e ainda

MAIS 20 PÁGINAS

«As bielas devem ser equilibradas... mas não de qualquer maneira» — por Bandeira de Lima
«Graham Hill — O «Senhor Embaixador» do Desporto Automóvel — por Philippe Toussaint

Atenção ao próximo número de MOTOR: uma completa reportagem sobre INDIANAPOLIS, realizada pelos nossos enviados especiais J. BAPTISTA DOS SANTOS e PHILIPPE TOUSSAINT inserida num número especial de aniversário da nova fase de MOTOR

A venda em todas as tabacarias e vendedores — Preço 2$50

Calçada do Combro: candidata a Calçada do (Es)Combro...

CURIA
SEMANA DAS ROSAS
nos jardins do PALACE HOTEL e da PISCINA «PARAISO»
de 31 de Maio a 9 de JUNHO

LORD AVON: DIA EM SESIMBRA

Lord Avon, o antigo primeiro-ministro britanico Anthony Eden e sua esposa, que desde há dois dias se encontram no nosso País, como noticiámos, passaram hoje o dia em Sesimbra, em cujo Hotel do Mar se encontram hospedados, e onde ficarão até domingo, fazendo diversas visitas particulares.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 564/29 DE MAIO DE 1969

MALCOLM LOWRY:

resposta a um crítico deselegante

(páginas centrais)

retirando para Forte Knox

Thimothy Leary, Allan Ginsberg e Andy Warhol: os iconoclastas sujeitos às regras do mercado

por José Vaz Pereira

A GRANDE AMEAÇA desenha-se. O *underground* escreve, filma e encena para lhe cuspirem maldições e lhe atirarem pedras. Desafia a sociedade, os conformistas, os estabelecidos. Provoca. Agride. Mas os agredidos enchem os teatros onde as peças *underground* são representadas e esgotam a literatura e a imprensa *underground*. Não há já nenhum burguês que se preze que deixe de assinar a «Evergreen Review», nenhum casal que vote em Nixon e não espere, ao mesmo tempo, por duas cobiçadas poltronas para assistir a «Hair», grande sucesso da Broadway. A irreverência (ou uma dose de irreverência) tem já o seu lugar assegurado na vida da classe média como o aparelho de TV, o fim-de-semana fora e as prestações do automóvel.

Assim, o radicalismo cultural americano encontra-se ameaçado de morte não pela repressão mas pela prosperidade. O produto artístico transforma-se num objecto de consumo. E, para competir, os mais ousados destruidores de ídolos sujeitam-se às regras do mercado.

Porque compra a burguesia as obras que a condenam? Por vontade de afixação de um verniz das coisas do espírito, para estar na onda, por masoquismo, por má consciência? Isso agora não interessa. O certo é que, de um momento para outro, as canções de protesto e os cartazes pacifistas transformam os seus autores em milionários ou em gráficos e decoradores de ricaços e de grandes agências de publicidade. O sucesso (e não a polícia) destroi os rebeldes. Sem violência e por amolecimento. Sem ódio e com entregas em dinheiro.

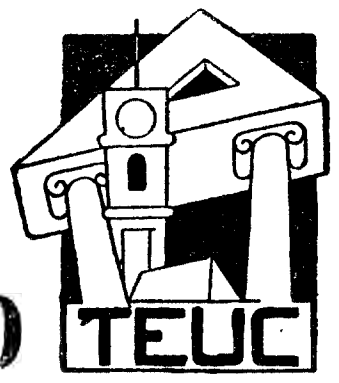
E, assim, regista-se um facto curioso: um ataque que já não faz sentido porque os que desencadeiam, além de uma exterioridade pomposa e provocatória, estão perfeitamente integrados no Estabelecimento parte do seu folclore cultural, do seu tipicismo tal como o bife hamburguês, o «rock and roll», os vaqueiros e as convenções políticas. E até Hollywood não foge à regra: ganha mais o actor ou a actriz que personifica e simboliza rebeldes, objectores de consciência, radicais, «hippies», etc., do que o galã ou a beldade convencional.

Fenómeno idêntico não sucede ainda na Europa. Pelo contrário. Em França assistiu-se ao espectáculo deprimente e insólito do P. C clássico encabeçar um movimento contra o «Living Theater». Mas é natural, com a evolução económico-industrial do nosso continente, esperar uma situação semelhante, pelo menos nos países mais desenvolvidos.

Cumpre dizer que o radicalismo cultural americano não estava preparado para o sucesso. O colapso *hippie* prova, ineludivelmente, que o movimento não resistiu á divinização feita pela burguesia dos seus principais chefes de fila nem á adopção pela classe média dalgumas das suas atitudes e indumentárias-uniforme até aí reservadas a um grupo. A belicosidade convertida em dólares dilue-se e perde a aspereza. E verifica-se que o *underground* utiliza armas até aí consideradas embusteiras: o correio-directo, o desdobrável vistoso, a definição por computadores dos circuitos de venda, a técnica da imagem-mensagem com a força dum murro, a distribuição cientificamente preparada. Tal como no mundo dos grandes negócios e dos tecnocratas poderosos nada é deixado ao acaso — o inconformismo também se planifica.

Seria pessimismo avaliar como totalmente negativa esta retirada para forte Knox, para a fortaleza do dinheiro. A segurança material leva o escritor, o artista, o intelectual a várias servidões mas liberta-o doutras. Desliga-o da obsessão de ganhar o dia a dia, da luta extenuante pela sobrevivência, da espera agonizante pelo cheque. E, sobretudo, bate os burgueses no seu próprio terreno de caça: o da prosperidade económica, a arrogancia de possuir coisas, a definição quase nevrótica dum *standing*.

Mas o grande pântano continua lá: o protesto que se transforma em milhões de discos microgravados, a produção de choque que esgota as lotações mas cujos cobiçados bilhetes são incluídos nas viagens organizadas pelas agências de turismo. E sem oposição dialéctica a combatê-lo, o *underground* atola-se mais e mais nas areias movediças de um êxito falso que venaliza todas as atitudes, todas as tomadas de posições, todos os gostos de revolta. O chicote transforma-se em rebuçado.



TEATRO UNIVERSITÁRIO 69

CONCLUSÃO

EM CRÓNICA ANTERIOR (1) analisámos com algum detalhe o espectáculo apresentado este ano pelo Grupo Cénico da A. A. F. D. L. — «Volpone», de Ben Jonson, na encenação de Adolfo Gutkin — por a sua concepção nos parecer exemplar em relação aos caminhos possíveis do teatro universitário português. Nesta segunda e última crónica faremos o inventário de tudo o mais que nasceu (ou tentou nascer) nos restantes grupos existentes. Salientando desde já, porém, que apenas pudemos assistir à representação do T. E. U. C., pelo que os outros espectáculos serão abordados de um prisma meramente informativo, de onde em onde temperado com algumas considerações marginais de cariz tendencialmente crítico.

por Manuel Alberto Valente

1 — «A Ilha dos Escravos», de Marivaux
Encenação de Luís de Lima
Cenografia de João Vieira
T. E. U. C.

Fundado em 1938 (ainda sob a designação de Grupo Cénico do Fado Académico de Coimbra, tendo o nome actual sido adoptado no ano seguinte) o T. E. U. C. foi durante muito tempo o único teatro universitário português. Á ilharga do entusiasmo e dos conhecimentos de Paulo Quintela — o professor exemplar que, pondo de parte as habituais «torres de marfim», se juntou aos seus discípulos na construção de uma aventura comum — o grupo de Coimbra desenvolveu ao longo de trinta anos uma actividade extraordinàriamente importante, em que sobressai como marco cimeiro a mais séria divulgação do teatro vicentino á escala nacional. Só esse facto seria suficiente para que o nome do T. E. U. C. (e consequentemente o do seu fundador e director artístico) tivesse direito a um lugar de destaque nas páginas amargas com que se vai tecendo a história do teatro em Portugal. Mas, além de Gil Vicente, também os clássicos gregos, também Camões, Raul Brandão, Torga ou Régio, também Molière, Tchekov ou Lorca, entre outros, desfilaram ao longo dos anos pelo reportório do Teatro dos Estudantes. Gerações consecutivas de jovens

(Continua na pág. seguinte)

Marivaux: falta de requisitos para o reportório de um grupo universitário

Teatro universitário

(Continuação da pág. anterior)

aprenderam aí a amar e a conhecer melhor o Teatro, que muitos iriam depois desenvolver pelos mais variados recantos do País, fiéis á herança recebida e senhores de um entusiasmo igual.

Estas as modestas palavras de homenagem que queríamos deixar escritas, no momento em que o T. E. U. C. inicia novos caminhos com a saída do prof. Paulo Quintela. O ciclo das coisas é inevitável e ninguém melhor do que a juventude descobre o exacto momento da mudança. Cumprida uma missão (que ficará na memória dos homens) diferentes terão que ser depois os processos e os fins. Mas, qualquer que seja o caminho das novas opções, de pé ficará tudo aquilo que foi grande e valioso. Assim, o nome de Paulo Quintela sobre os anos futuros do grupo a que integralmente se dedicou.

●

Calculamos que a escolha da peça de Marivaux pelo T. E. U. C. se ficou a dever às dificuldades resultantes da mudança de director artístico e ao pouco tempo que Luís de Lima dispunha para montagem do seu novo espectáculo. Se tais factos exigem a nossa compreensão e afastam qualquer condenação liminar, cumpre dizer, mesmo assim, que «A Ilha dos Escravos» não possui requesitos suficientes para figurar no reportório de um grupo universitário. Pois que, pela ambiguidade do seu conteúdo e pela perspectivação altamente idealista com que analisa (?) o problema da desigualdade entre os homens, o texto de Marivaux (dramaturgo de segunda linha, mais conhecido pelas suas comédias amorosas) não permite uma focagem crítica actualizada e actuante, por maior que seja o talento utilizado na sua transposição cénica.

Luís de Lima tentou o impossível. Depois de ter traduzido «livremente» (talvez demais, por vezes) «A Ilha dos Escravos», acrescentou-lhe um prólogo — escrito por Almeida Faria — e um epílogo, através dos quais visou desmitificar o conteúdo da própria peça, tornando imediatamente visíveis as suas limitações. Para lá do efeito cénico conseguido com tal processo (quanto a nós o melhor momento do espectáculo) não nos parece que ele conseguisse remediar a pobreza crítica do texto. Por um lado, porque o eixo do espectáculo continua a ser a débil peça de Marivaux — e tudo o mais surge como pirueta desesperada que tenta esconder no último minuto a fraqueza de todos os momentos anteriores; por outro, porque a compreensão de tal processo se efectua a um nível que um espectador menos preparado não consegue atingir (vimos o espectáculo em Aveiro, e verificámos em concreto a verdade de tal conclusão).

Resta dizer que o encenador pecou ainda por certas «facilidades» concedidas ao público, que os cenários de João Vieira não foram totalmente felizes e que a interpretação deixou muito a desejar, com a honrosa excepção de José Barata (no «Arlequim»), a demonstrar espantosos recursos na expressão corporal e na capacidade de «agarrar» uma assistência. Nele esteve presente a experiência mimética de Luís de Lima e a sua real categoria como director de actores. Em tudo o mais, o espectáculo colocou-se a um nível mediano, que, se não compromete o grupo nem o encenador, está longe da qualidade já atingida por outros espectáculos do T E. U. C. e, principalmente, de outros agrupamentos universitários.

2 — Ricardo Salvat, já o dissemos, é, actualmente, o mais importante dos encenadores espanhóis. A sua actividade em Barcelona, à frente da Companhia Adriá Gual e da respectiva escola, tem sido decisiva no progresso do teatro catalão e projectou já o seu nome para lá dos acanhados limites ibéricos. Crítico e historiador do fenómeno teatral, dramaturgo e novelista, professor de teatro e de moderna literatura catalã na Universidade de Barcelona, e, acima de tudo, encenador de grandes recursos, em tudo Salvat tem posto a marca inegável do seu talento e a força criadora da sua visão crítica. Por tudo isto, a sua vinda para o C. I. T. A. C. constituiu acontecimento de grande importância para o teatro universitário português e para a própria cultura nacional.

Após ter leccionado, com assinalável êxito, dois cursos em que o fenómeno teatral foi analisado na

Luís de Lima: com Marivaux tentou o impossível

sua evolução teórica e na sua perspectivação prática, Salvat encenou no grupo de Coimbra um espectáculo denominado «Brecht+ +Brecht», constituído por «A Excepção e a Regra» e uma montagem de poemas do grande autor alemão. Posteriormente, preparou um novo espectáculo de carácter documental (2) intitulado «Castelao e a sua época» a partir da vida e da obra do conhecido dramaturgo galego. Pelas características que tal espectáculo revestia, quase inéditas entre nós, justificável era a expectativa criada à volta da sua estreia. E, então, a expectativa gorou-se... A incompreensível proibição que atingiu o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e o posterior afastamento do seu director artístico deitaram por terra vários meses de um trabalho incansável e frutuoso.

Cartaz de «A Ilha dos Escravos», pelo T. E. U. C. Mas o espectáculo não ultrapassou o nível mediano...

Guindado pelos seus espectáculos anteriores a um plano cimeiro na actividade teatral universitária, o C. I. T. A. C. viu, assim, impossibilitada, no presente ano, a sua actividade fundamental. O futuro dirá as consequências de tal facto, na certeza, porém, de que não poderão ser benéficas nem construtivas.

3 — No Porto, o T. U. P. apresentou «Fuenteovejuna», em encenação de Correia Alves, com cenários de Alexandre Vasconcelos, figurinos do escultor José Rodrigues e adereços de Manuel Mouga. O valor da obra de Lope de Vega, a força extraordinária da sua mensagem e a actualidade perene da sua visão crítica garantiam «a priori» um espectáculo de interesse. Como aconteceu. De salientar a integração do T. U. P. num tipo de reportório mais de acordo com a missão específica do teatro universitário e a colaboração musical de José Afonso, à altura, segundo nos dizem, dos seus melhores momentos criadores. Tendo-se deslocado já a Coimbra e à Covilhã, bom seria que o T. U. P. pudesse trazer a Lisboa esta prova da sua capacidade artística, a justificar melhor atenção por parte das entidades responsáveis, Fundação Calouste Gulbenkian incluída.

4 — O Grupo de Teatro da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico apresentou, no pequeno palco das suas instalações, a «Antígona» de Sófocles, na adaptação de Bertold Brecht. Os parcos recursos de que o grupo dispõe impedem, como é lógico, a realização de espectáculos de grande nível artístico. Mas, além disso, o critério adoptado de escolher textos não passíveis de representação pública se, por um lado, possibilita o conhecimento desses mesmos textos, por outro, sujeita o grupo a limitações de vária ordem, que de outro modo talvez fosse possível superar. Gastar horas e horas de ensaios com uma peça, para depois a mostrar a um público restrito, parece-nos tarefa inglória, por melhor que seja a qualidade do texto. Além de que o Teatro implica certas condições técnicas, sem as quais dificilmente atinge a sua específica força de comunicação. Sem as quais, melhor servirá a simples leitura colectiva de um texto, se é a sua divulgação que se pretende conseguir.

5 — Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa registou-se este ano intensa actividade teatral. O respectivo Grupo Cénico pode, assim, montar dois espectáculos: «As Troianas», de Eurípides, em encenação de Carmen Gonzalez, e «O Anfitrião», de António José da Silva (o Judeu), em encenação de Luís Miguel Cintra. As opiniões foram unânimes no elogio deste último espectáculo, que vem, assim, revelar como encenador o mais recente crítico teatral da revista «O Tempo e o Modo». Muito há a esperar da juventude de Luís Miguel Cintra, e o seu caso torna-se, a partir de agora, exemplar no sentido da auto-suficiência de um universitário de teatro.

Ainda na Faculdade de Letras, a Secção Cultural da Pró-Associação apresentou «Liberdade, Liberdade», a polémica peça que Paulo Autran ergueu nos palcos do Brasil.

6 — Supomos ter referido tudo o que se fez (ou tentou) em 1969, no Teatro Universitário Português. Resta, agora, tirar algumas (rápidas e insuficientes) conclusões:

a) Se é verdade que os condicionalismos circundantes impedem a escolha daqueles textos através dos quais mais rigorosamente se cumpriria a missão dos grupos universitários, verdade é, também, por outro lado, que certos textos «representáveis» podem, graças ao modo como são cènicamente transpostos, atingir uma elevada força de impacto e um alto grau de potência crítica. «Volpone» foi disso um incontroverso exemplo. Tal facto procede, lògicamente, de uma concepção totalizante do espectáculo teatral, em que o «ponto de vista» projectado resulta não apenas do valor abstracto de um texto, mas daquilo que ele passa a significar no palco após a interferência mediadora (interpretativo-criadora) do encenador. O que implica uma pesquisa formal que aos grupos universitários deve, também, competir.

b) A situação específica do teatro universitário em Lisboa exige da parte dos interessados a resolução de alguns problemas difíceis. Efectivamente, a inflação de grupos pelas diferentes escolas poderá vir a ter consequências altamente nefastas, dada a escassez de elementos de valor e a dificuldade na obtenção de subsídios. A formação do T. A. U. L. como grupo representativo de toda a Universidade seria a melhor das soluções possíveis. De qualquer modo, urge concentrar esforços e entusiasmos, no sentido de evitar uma atomização prejudicial à qualidade do trabalho conseguido. Um bom grupo de teatro será mais útil aos estudantes de Lisboa do que vários grupos lutando pela sobrevivência sem os recursos necessários para isso.

c) É urgente que o trabalho realizado em cada ano pelos diferentes grupos possa estender a todo o País os efeitos benéficos da sua apresentação. Na descentralização cultural, que é imperioso começar, o Teatro Universitário tem uma palavra importante a dizer. E nesse sentido poderá, uma vez mais, a Fundação Gulbenkian contribuir com as suas enormes possibilidades de actuação. A planificação de digressões pela província ou a efectivação de um festival itinerante (à semelhança do 1.º Festival Gulbenkian de Teatro, realizado em 1963) são meios possíveis de uma obra que se pretende ainda mais larga.

d) O inventário de 1969 demonstra, uma vez mais, a falta de uma linha de actuação unitária para o teatro universitário. A criação de um organismo de cúpula, que coordenasse as diferentes actividades e fomentasse a definição de objectivos comuns, seria um passo importante nesse sentido.

7 — 1969 será, talvez, como dissemos, a ponte lançada entre as duas margens de uma mesma e ardorosa batalha. Os êxitos já conseguidos e o entusiasmo que os fez apontam para o futuro, com a lúcida serenidade de quem conhece as dificuldades da vitória mas acredita nela, apesar de tudo. Como diria um qualquer provérbio oriental, é impossível pôr as águas de um rio correndo da foz para a nascente...

MANUEL ALBERTO VALENTE

---

(1) Ver o Suplemento Literário de 8 de Maio passado.

(2) Ver entrevista com Salvat feita por Carlos Porto, neste mesmo suplemento de 10 de Abril.

Poesia na «111»

Amanhã, sexta-feira, pelas 18.30 horas, realiza-se na *Livraria-Galeria 111* um recital de poesia por Ana Maria Teodósio, Denis Cintra, Helena Domingos e Luís Miguel Cintra.

Serão ditos poemas de António Torrado, Armando da Silva Carvalho, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta e Ruy Belo. A direcção de ensaios é de Gastão Cruz, nosso prezado colaborador.

Rectificação

No último número do nosso «Suplemento Literário», na entrevista «Quatro artistas em fita magnética», saiu alterado o sentido de uma afirmação de Fernando Conduto, por influência de uma gralha, da qual pedimos desde já desculpa aos nossos leitores. Onde se lia, na pág. 6: «Este pequeno grupo estivador é o grupo da crítica», deve ler-se: «Este pequeno grupo activador é o grupo da crítica».

DEPOIS DA PRIMAVERA ...

A SÉTIMA NOITE

de LADISLAV MNACKO

RELATÓRIO
ANÁLISE
COMENTÁRIO E
TESTEMUNHO DO

MARTÍRIO CHECOSLOVACO

UM LANÇAMENTO DA EDITORIAL IBIS

SEIS AUTORES E UM PROPÓSITO

por Rocha de Sousa

UM GRUPO DE SEIS ARTISTAS não se reúne nem se propõe por acaso. Os que se reuniram desta vez nas instalações da Metalúrgica Longra, num esforço de conjunto que dá bem a medida da sua produção, deixaram-se interrogar acerca dos propósitos que os movem e fizeram algumas declarações de princípio que não podem ser ignoradas. Sobretudo numa altura em que as iniciativas se multiplicam, no plano das artes visuais, comprometendo ou relacionando diversos nomes e abrindo ao futuro da arte portuguesa algumas perspectivas de projecção.

Com algumas excepções, os artistas patrocinados pela Galeria Interior representam uma modernidade já consagrada entre nós e não podem, de modo nenhum, integrar-se no grupo possível dos autores mais jovens. Isto quer dizer que eles correspondem a uma geração que definiu um rumo fundamental na pesquisa plástica e que a forma de agrupamento que escolheram, tanto quanto se deduz das suas próprias palavras, respeita o princípio de coexistência dali derivado. Isso não quer dizer que leguem ao juízo público uma obra estabilizada em padrões definitivamente consumíveis; mas significa, pelo menos, que procuram resistir à força das diversificações e dos consumos que têm vindo a desenhar-se entre nós. Esta resistência, em princípio perfeitamente aceitável como defesa de uma acção ideológica já balizada, pode transformar-se numa forma de emparedamento ou conduzir aos termos da reacção negativa. Contra isso, os artistas, depois de empenhados pùblicamente de forma enfática, terão de manter em relação aos mercados e àquilo que produzem uma séria vigilância. Se é legítimo que se agrupem e que consolidem por essa via um modo de sobrevivência, moral e económica, também é fundamental que aceitem as confrontações que suscitam. Apesar de se referirem caracterizadamente individualizados, e não imediatamente agrupados por afinidades estéticas, não podem iludir os compromissos de solidariedade criados, que implicam vantagens e riscos. Em boa verdade, um grupo, para além da força que em si mesmo desenvolve, não pode ignorar os factores de evolução que o rodeiam, não pode fechar-se nem recusar-se a uma participação nas vitalidades daí decorrentes. Sem isso, a própria liberdade de afirmação que possa reivindicar, para as condições do nosso meio, terá existência breve — ou não terá significado cultural.

SÁ NOGUEIRA

Dos autores apresentados, Sá Nogueira é o que mais surpreende nas suas últimas propostas, não por superar a produção dos autores integralmente, mas por ter conseguido redefinir-se. Esta conquista mede-se com certa clareza pelo confronto estabelecido entre as suas peças anteriores e a produção dos últimos meses. Conserva naturalmente os elementos da mesma sensualidade, a memória das mesmas experiências, o sentido da acção e a disciplina expressiva, mas tudo isso se canaliza para um dimensionamento novo da sua obra. As formas de uma realidade experimentada por via sensitiva transferem-se para o plano através de uma espécie de *nivelamento* da sua caracterização naturalista, e daí se proporem num contexto menos discursivo. Caminham por essa razão para um depuramento que se reflecte de forma decisiva na natureza e no destino do objecto plástico, que lhe retira o tom anedótico e lhe restitui um rosto próprio, que o liberta de recolhas forçadas e o conduz, irremediável e poderosamente, ao horizonte das suas estritas atribuições. Daí a sua força imediata, no confronto visual, e, daí também, o seu maior poder de alusão à globalidade de uma experiência de que o espectador é igualmente participante. Por tudo isso, ao fim e ao cabo, é que se pode reconhecer em Sá Nogueira aquilo que é puramente acessório, a anotação gratuita, o efeito complementar, o artifício, em suma.

Pintura de Maria Velez: fragmentos de um tempo em constante revolução

MARIA VELEZ

Para esta autora, na dolorosa evocação do passado ou na torturada consciência do presente, o *tempo* continua a ser um factor de primeiro plano. Um tempo de notícia, que fere o nosso olhar e que nos compromete irremediàvelmente num juízo sobre as coisas do mundo. O exercício de julgar, que se define enquanto vemos e enquanto experimentamos o real, é aqui a própria razão de ser da leitura dos objectos, de uns objectos que não vivem apenas na sua dimensão plástica, mas que realizam o testemunho de um tempo, que são fragmentos desse tempo em constante revolução. De facto, nos termos da realização formal, a colagem presta-se à recolha dos elementos necessários — porque é da sua notícia que a nossa visão se experimenta e é das suas representações que a nossa consciência se ilumina. Maria Velez conserva, no entanto, as regras do jogo de *pintar* — e os seus quadros têm a dimensão abstracta desse jogo. Eles não descrevem, apontam. Eles não ilustram, acusam. E é nisso que reside a sua força, a força das imagens individualizadas pela mito e a força das desfocagens em que pluralmente a nossa consciência se dilacera. Ver é aqui um exercício salutar, porque corresponde, também, a um julgamento moral.

ANTÓNIO CHARRUA

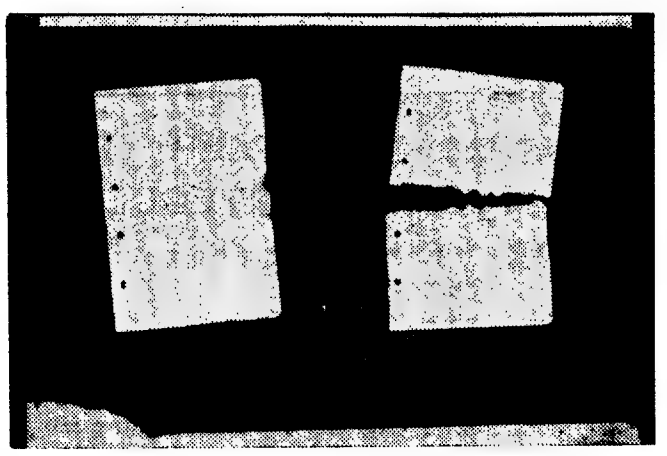
Eis um autor que nos lega, de novo, uma força viva, apesar das repetições, das contradições e da impropriedade formal de algumas das suas peças. Há um dilema na proposta de Charrua: é que, ao pretender destruir a obra de arte como fenómeno determitantemente a existência e o perfil ancestral. E aí se contradiz ao praticar os objectos: de um lado, o quadro existe como entidade palpável e com regras; de outro lado, as formas recuperadas assúmem precàriamente a função irónica de o destruir. Há nisto, ao fim e ao cabo, e como o próprio autor pensa, uma espécie de prospecção do real, se a este real fizermos corresponder uma vasta extensão de relações no tempo e no espaço. A existência das coisas faz-se sombra e objecto, determina-se e indetermina-se no jogo proposto. O quotidiano *desvia-se* em aparência para o quadro, neste se reinventa e deste se desliga de novo, reintegrando-se no seu próprio existir. Mas o quadro permanece, e nisso é que reside a contradição.

FERNANDO CONDUTO

A escultura continua a ser uma profissão ingrata entre nós: não há para ela correspondências culturais que integrem a modernidade em que deve formular-se e respirar. Não há, também, condições de integração física, e o seu exercício parece sempre deslocado do local próprio. Fernando Conduto recente-se destes factos. Daí, em certa medida, o ar desprotegido e desenraizado que têm as suas peças nesta exposição de grupo. No entanto, elas correspondem ao que de melhor este escultor nos legou, apesar do caminho já trilhado em que se filiam e dos confrontos a que, por essa via, se sujeitam. De qualquer dos modos, resumem uma exigência formal e estrutural que Conduto tem vindo a perseguir e que nem sempre nos foi possível aceitar da melhor forma. Desta vez, no entanto, o resultado é eficaz. Peças de ar livre, naturalmente, estas esculturas desenvolvem-se junto ao solo e abrem ao nosso movimento um espaço onde as contraposições são nítidas. Aspirando à simplicidade estrutural, elas articulam-se na dicotomia e na tensão do plano e da linha. Propõem, portanto, uma leitura a partir de elementos essenciais, não discursivos, cuja conjugação despojada se decide na uniformidade do material e na austeridade do tratamento.

ANTÓNIO SENA

De entre todos o mais jovem, António Sena está representado com as suas pinturas a preto e branco, também despojadas no espectáculo e exigentes na procura de sinais que constituam um caminho novo para o seu destino. São ainda os mesmos processos técnicos que lhe assinalámos em comentário há pouco tempo publicado nestas páginas: «o suporte é conservado na sua aparência de origem e sobre ele são inscritas formas duplamente definidas naquilo que sugerem e naquilo em que, do ponto de vista plástico, se constituem». A um processo rigoroso de construir e de ocupar o espaço, António Sena acrescenta o exercício de uma escrita em aparecimento e desaparecimento, simulando ou assumindo acções que são essenciais tanto no acto criador como na afirmação humana. Para além disso, é a visão que aí se reeduca, partindo do sinal para a descoberta de uma linguagem purificada.



António Sena: exercício de uma escrita em aparecimento e desaparecimento

JOÃO ABEL MANTA

Há muito ausente de exposições deste tipo, este autor, arquitecto de profissão, foi, por assim dizer, a novidade do acontecimento. Por muito que lhe pese, ou por muito que fira a sua possível modéstia, tornou-se em pouco tempo na revelação que se discute, que se apoia ou se condena. Tudo isso aconteceu, um pouco por todo o lado, em torno dos seus quadros — o que, se não lhes prova a qualidade, pelo menos confere-lhes na exposição um lugar de privilégio. Que o têm em quantidade, é indiscutível.

Pela nossa parte, confessamo-nos impressionados com a qualidade artesanal, aí onde a colagem adquire uma ressonância insuspeitada e serve os intentos de uma rara ilustração de problemas de ordem plástica e de questões marcadamente temáticas. As fontes de inspiração são diversas e são imprevistas, arrastam, inevitàvelmente, a leitura para um longo e minucioso processo de análise, comprometem o espectador na investigação. Os materiais são assumidos a um nível de tratamento quase alquímico, roçam a descaracterização, como que se reinventam e se propõem (perigosamente) outros. E nessa exigência entram os elementos de uma actualidade que pressentimos (ou reconhecemos) um pouco por toda a parte, que descobrimos na dimensão do fantástico ou no domínio do documento noticioso, que impiedosamente nos assaltam através dos signos e símbolos de uma cultura onde nos retratamos quotidianamente. Tudo isso é perfeito, verdadeiro e completo na forma, oriental na paciência e no rigor da oficina. Tudo isso documenta, ilustra, narra, ironiza, acusa e mitifica. Só uma longa análise, que faremos em melhor oportunidade de tempo e espaço, poderá dar a medida do que há para descobrir no extenso trabalho das séries temáticas de João Abel Manta.

Mas levantamos, desde já, as nossas reservas, que também as temos: cada quadro, cada ilustração, cada momento do longo e paciente jogo acima referido, se contrai no significado, se diminui nas consequências, pelo *excesso de zelo*. A habilidade é aqui inimiga do significado. E a quantidade também. E o bom gosto gráfico do mesmo modo. A estridência do grito que as nossas consciências pressentem, o apelo das evocações, a presença de certos documentos, a atmosfera de certos mundos, tudo isso se esbate no verniz da embalagem e na deliberada harmonia dos conjuntos. Em quase todos os quadros, nas séries propostas, falta a dissonância que exprime, falta a dilaceração que perturba.

VEJA
NO PAVILHÃO N.º 54 DA FEIRA DO LIVRO
O ÚLTIMO LANÇAMENTO
DA
Galeria Panorama

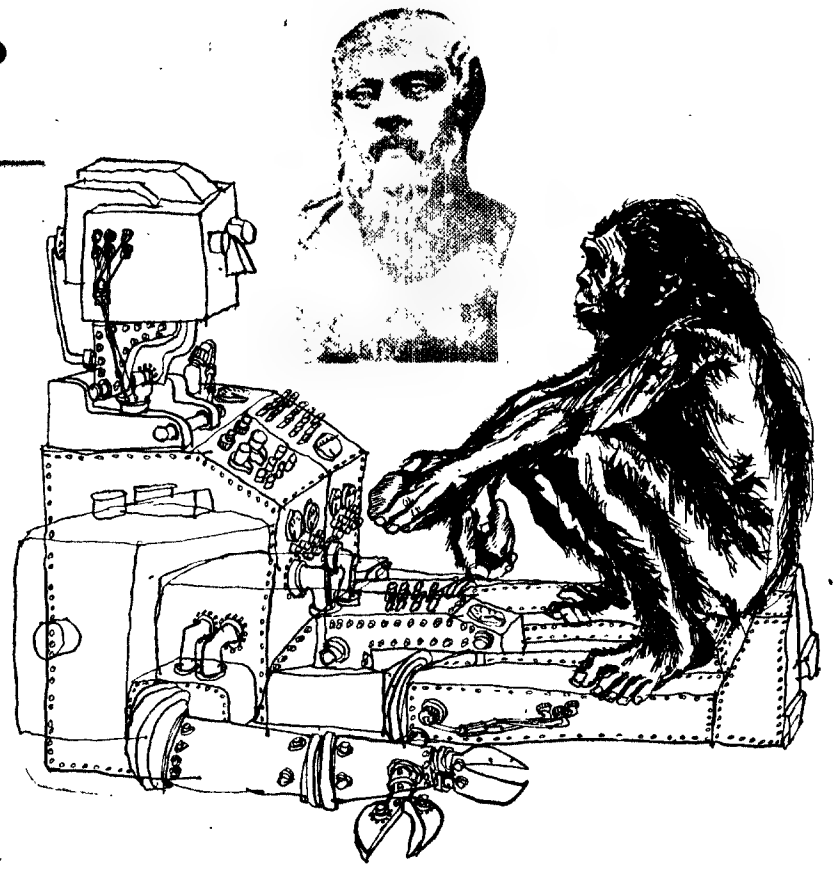
PEQUENOS HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Onde Lore Cowan mostra de que maneira a juventude faz a História. Ao longo de uma Europa feita sonho-de-Hitler jovens e crianças deram a sua lição de fraternidade, audácia e coragem.

Um livro da série DIVERSOS — n.º 7

as opções

E. M. de Melo e Castro



Sob o signo de Sócrates, as opções permanecem. Mas perguntar é a chave...

OS GREGOS ENSINARAM o mundo Ocidental a fazer perguntas e a dar respostas plausíveis e coerentes. A plausabilidade ou a aparente coerência dessas respostas era o que mais lhes interessava. Por isso, quando Sócrates apareceu a fazer perguntas a toda a gente, preocupando-se muito mais com o acto e o efeito desse perguntar, do que com as respostas obtidas, o sistema plausível abriu brechas e a cicuta foi a resposta coerente que obteve da cidade.

Ora o exercício da actividade criadora coloca o indivíduo numa senda interminável de perguntas sem respostas coerentes e de opções por vezes nada plausíveis.

Octávio Paz diz que «escrever talvez não tenha outra justificação que procurar responder a uma pergunta que um dia fizemos a nós próprios e que enquanto não for respondida não deixa de nos espicaçar».

Mas o que interessa não é evidentemente obter uma resposta definitiva, por mais inteligente que nos pareça. Essa respostas ser-nos-ia mortal. Uma vez de sua posse teríamos apenas a satisfação e o sossego dos sistemas fechados. O clima obscurantista assim criado impediria a escrita, ou seja a criação. Por outro lado essa nossa resposta poderia não constituir nem novidade nem ter significado algum fora do sistema que a motivou.

Portanto, quer no plano ontológico, quer numa perspectiva universal de comunicação, é sobre o perguntar que recai a ênfase, se estamos interessados em criar e comunicar alguma coisa válida. Por isso, o artista criador vive espicaçado por dúvidas, formulando perguntas, fazendo opções radicais que se revelarão efémeras, para que o ciclo recomece interminàvelmente. Mas neste processo há uma actividade que se exerce, uma energia que se liberta, um engenho que é continuamente posto à prova.

O que interessa é, pois, essa actividade, esse engenho, essa energia, que se traduzem numa pesquisa aguda e dramática. Pesquisa que sobre os seus próprios meios se interroga e que sobre as condições da sua própria viabilidade se exerce.

Passados os primeiros deslumbramentos das primeiras respostas (obras?) o indivíduo criador entrará, fatalmente, num ciclo vivencial, cujo quadro dramático pode ser assim esquematizado:

Trata-se de averiguar se o indivíduo está, ou não, satisfeito consigo próprio, e se, simultâneamente, está, ou não está, satisfeito com o mundo em que vive. Então quatro casos se podem dar:

1) Ele está satisfeito consigo e com o Mundo.
2) Ele está satisfeito consigo, mas não está satisfeito com o Mundo.
3) Ele não está satisfeito consigo, mas eetá satisfeito com o Mundo.
4) Ele não está satisfeito consigo e não está satisfeito com o Mundo.

Estas quatro hipóteses definem 4 tipos de conduta, quatro opções morais e vivenciais típicas e, de certo modo, irredutíveis. Desde o caso 1) ao caso 4) o grau de insatisfação aumenta, assim como aumenta, também, o grau de consciência e de actividade crítica do indivíduo.

A total satisfação, quer no plano individual, quer no social, corresponde á incapacidade de formular perguntas ou á aceitação da plausabilidade das respostas (dadas por outrem) como verdade absoluta. Está-se no grau zero da inquietação e da vida.

No caso segundo, a auto satisfação lança o indivíduo numa atitude crítica da sociedade. Mas essa crítica é retórica e exterior, egocêntrica e quase sempre intransigente, injusta senão mal informada: são os diluidores, os falsos reformadores; os impostores da criação.

No caso terceiro, o reconhecimento de uma verdade social satisfatória opõe-se a uma insatisfação pessoal íntima, resultando de uma análise imperfeita da sociedade e de uma introspecção atormentada por complexos de culpa ou provenientes de quadros psicológicos muito complexos (que estão fora do âmbito deste artigo).

É, no entanto, na radical insatisfação consigo próprio e com o mundo em que lhe foi dado viver que o homem atinge o grau máximo da inquietação e os seus actos se podem tornar altamente carregados de significação crítica e poder renovador e criador.

Esta total insatisfação a que me refiro não provirá de uma atitude de estereotipado pessimismo, mas sim corresponderá muito de perto a um desespero edificante (vide Kierkegaard). Desespero do Homem na procura de si próprio, pois «não ser ele próprio é o desespero».

Este desespero imediatamente se identifica com a actividade inquiridora, com a pesquisa e a investigação, com a procura e a invenção, numa palavra, com a criação, no seu mais vasto sentido. E o artista de vanguarda encontra nesta posição de múltipla insatisfação o seu mais fiel retrato. Para ele, criar é escrever uma equação instável entre o conhecimento de si próprio e o conhecimento do mundo.

Qualquer aceitação, quer de fixações individuais (uma carreira artística a defender, por exemplo) ou sociais (a aceitação de um «establishment») corresponde à desactivação criadora. É a queda nas categorias de indivíduos para quem a satisfação pessoal ou a aceitação ou aproveitamento das circunstâncias aparentemente plausíveis e coerentes ou favoráveis desse «establishment» se tornam mais importantes que a pesquisa e a criação. Esses colocam-se irremediàvelmente fora de uma perspectiva de vanguarda, mesmo que usem métodos e materiais aparentemente de vanguarda. É que o problema da arte de vanguarda é mais sociológico e moral invertendo, de certo modo, as tradicionais relações entre ética e estética. Não é a arte que deve servir de instrumento a uma dada moral. Para o artista de vanguarda, a prática experimental livre é uma norma ética de conduta basilar para a criação de obras de arte conseguidas e válidas. Obras capazes de agir e modificar a curto ou a longo prazo os indivíduos e as sociedades. Obras capazes de propor a provável linguagem do futuro.

Mas para que isso seja conseguido é necessário a definição e a denúncia (explícita ou implícita) do «establishment» social e moral e a renúncia das «glórias» das «carreiras artísticas» ou, até, muitas vezes, abdicar do mais modesto gosto de sentir a compreensão dos outros.

Se, do ponto de vista moral, a única posição digna do artista de vanguarda me parece assim perfeitamente clara e inequívoca, é, no entanto, também, ne-

(Continua na 6.ª página)

GRANDE DICIONÁRIO DA LITERATURA PORTUGUESA E DE TEORIA LITERÁRIA

De acordo com o seu programa de publicações sobre os grandes temas da cultura portuguesa iniciado com o DICIONÁRIO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL sob a direcção do Dr. Joel Serrão cujo 4.º e último volume se encontra quase concluído as INICIATIVAS EDITORIAIS anunciam o

GRANDE DICIONÁRIO DA LITERATURA PORTUGUESA E DE TEORIA LITERÁRIA

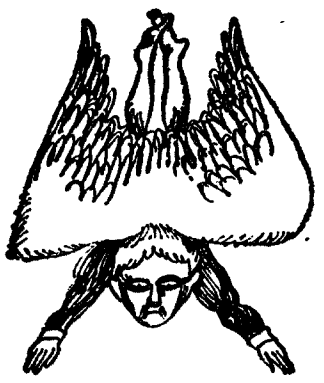
dirigido pelo Dr. João José Cochofel, colaborado pelos 120 maiores especialistas nacionais e estrangeiros, ilustrado a cores e a preto e branco, e cujo plano é o seguinte:

• Autores Portugueses e estrangeiros que de algum modo se relacionem com a Literatura portuguesa • Obras e personagens • Movimentos, correntes e tendências • Revistas, jornais e periódicos de feição literária • Temas de Teoria e Filosofia da literatura, Linguística, Retórica, Poética e Estilística • Instituições e agremiações de carácter literário • Relações entre a Literatura portuguesa e as Literaturas estrangeiras.

Inscrição desde já

INICIATIVAS EDITORIAIS

Avenida Rio de Janeiro, 6, s/c Esquerdo
Telefone 72 40 51 LISBOA



ESSES TEUS DENTES INSUPORTÀVELMENTE BRANCOS!

por Alexandre O'Neill

ESSES teus dentes insuportàvelmente brancos é que hão-de deitar tudo a perder, essa insolente dentuça a relampejar dentífricos sorrisos, cabeça meio rolada sobre o não menos insuportável ombro tisnado nu! *Acaba com isso*, pelo amor de Deus! Ri de frente, ri francamente, ri saudàvelmente, ri *como toda a gente!* Rita, vais ser boa para mim? Prometes?

Então (oh, pobre querida!) quando desprenderes a cabeleira, esse meu pequeno fantástico Niagara, fá-lo só para mim, sim? Eu sei que és um bichinho muito alegre e espontâneo, mas olha que a *gente vive na selva*, filha, e nem todos compreendem que *tu és assim naturalmente*.

Por exemplo, a maneira como tu olhaste outro dia para o Rodrigo. Lembras-te? Ah, não! Pois eu vou dizer-te como foi, minha idiota! Não tiraste os olhos das calças de veludo côtelé que o rapaz trazia. O tipo levantava-se, o tipo passeava, o tipo sentava-se, o tipo *bebia do nosso uisque* — e tu sempre com os olhos nas calças dele. Que tinham as calças de especial, *serás capaz de me dizer?* Sabes onde é que o Rodrigo as comprou? Pois *fica sabendo* que foi no Trapo Americano! Enfim... *há gostos para tudo.*

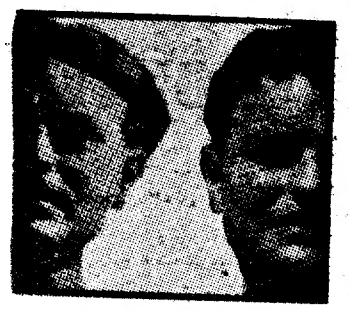
Não leves a mal o que te digo, *mas tens de compreender* que as tuas atitudes provocam muitas vezes situações embaraçosas. *Se realmente não gostas de mim*, então é fácil. És nova, bonita, as pessoas *simpatizam logo à primeira contigo*, que mais queres? *Segue a tua vida*, que eu seguirei a minha! Rita, que tens?

Agora chora, a idiota! Já não se pode dizer nada a esta gaja, *não querem lá ver!*

Rita, vem cá... Vá... senta aqui! Então, meu bichinho querido! Eu sou muito mau, num sou? Mas gosto muito de ti, sabes? Muito, muito de ti!

MALCOLM LOWRY

resposta a um crítico deselegante



MAL TINHA ACABADO a segunda guerra mundial quando Malcolm Lowry publicou, nos Estados Unidos, um romance intitulado «Debaixo do Vulcão». O êxito foi imediato, mas efémero. Hoje, passados dez anos sobre a morte do escritor, Malcolm Lowry é tão ignorado na América como no seu país natal: a Inglaterra.

E', sem dúvida, na França que a sua obra é mais apreciada. «Debaixo do Vulcão» apareceu a lume em 1 50 e foi reeditado em 1960. Foi considerado uma obra-prima. Admiradores apaixonados opunham-se aos detractores, uns, descobrindo provas de génio naquilo que o romance tinha de insólito, de arrepiante, de monstruoso, mesmo; outros, acusando de «maladresse» e até de imitação servil um autor que parecia ter fabricado mel com todas as flores que topara no seu caminho... O destinatário da carta que a seguir publicamos pertence a essa segunda categoria de leitores. Crítico da «Harper», não chegou mesmo Jacques Barzun a pronunciar a palavra plagiato? Compreende-se a vivacidade com que Malcolm Lowry se defende. Por esta carta ficamos a saber que ele não tinha acabado ainda a leitura de «Ulisses», de James Joyce, quando escreveu «Debaixo do Vulcão», mas que não recusava a influência da Kabala nem a de Fausto.

Situada num México cada vez mais americanizado, a acção do romance — «um romance de ébrio», diz o próprio autor, simplificando a questão — não é nada inteligível se não descobrirmos os símbolos sem conto de que ela é pretexto. A história do cônsul inglês Geoffrey Firnein, do irmão deste, Hugh, da sua esposa e do antigo amante desta deve entender-se como uma «paixão», no sentido medieval, mas também como uma fatalidade à Kafka...

Quanto ao etilismo, que vitimou Malcolm Lowry, quando este tinha 48 anos, não deve iludir-nos nem num sentido nem noutro: o escritor explica aqui — com veemência, com humor — que não é pessoa para alinhar no campo dos moralistas (das sociedades de temperança).

Além da fé que Malcolm Lowry manifesta ter no seu génio criador, descobrir-se-á, com interesse, nesta carta para Jacques Barzun a sua concepção das relações entre romancista e crítico.

MAURICE CHAVARDES.

A JACQUES BARZUN (1)
Dollarton, B. C. Canadá
6 de Maio de 1947

Caro Senhor,

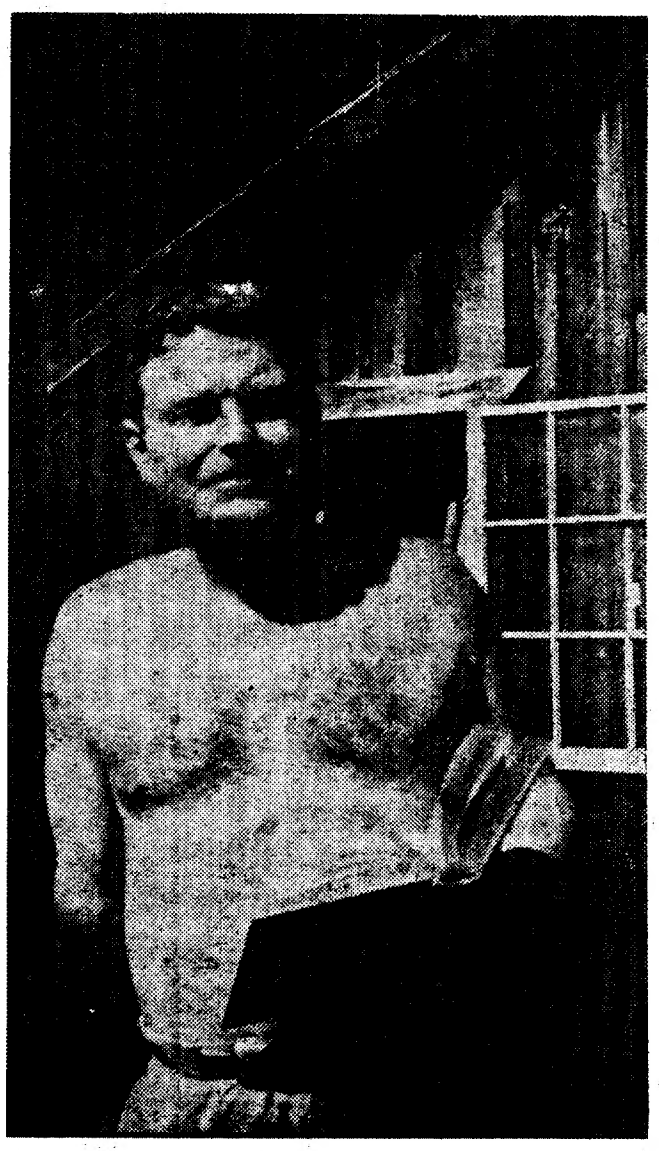
O senhor escreveu uma crítica ao meu livro «*Debaixo do Vulcão*» tão abominàvelmente injusta, a meu ver, que estou certo de ter desculpas para lhe pagar na devida moeda.

De acordo: o meu livro foi tão exageradamente incensado que quase acolheríamos de braços abertos uma tunda de respeito; de acordo: o seu artigo acabará por me prestar um serviço, mas pesa-me no coração como nenhuma outra crítica — mesmo mais dura, desde que justificada — poderia fazê-lo; tenho a impressão de que não só lhe falta «fair play», como ainda enfraquece a sua posição em geral; as pessoas acabarão, muito simplesmente, por se recusarem a ouvir as suas verdades, se o senhor tornar a fazer uma destas ainda outra vez.

Ah! ah! ah! (estou daqui a ouvi-lo), posso fazer-lhe calar o bico em menos de um segundo, estou a vê-lo vir de tamanquinhas. Basta-me abrir o livro dele ao acaso para topar aquilo que me faz falta, precisamente aquilo com que hei-de alimentar o meu artigo. Tenho a impressão de que o senhor não fez o mínimo esforço para se atirar contra a forma e intenções do romance. O que, em compensação, conseguiu plenamente, foi ferir um indivíduo que até sente afinidades consigo.

Não creio que fosse necessário usar de tanto insulto. Tive direito aos epítetos de «fatigante e fictício».

E quando o senhor diz: «... Regurgitando demoradamente materiais roubados ao *Ulisses* ou ao *Também o Sol se levanta*...» não irá o senhor para lá do seu próprio pensamento, levado pelo desejo de se mostrar desprezivo? Porque, enquanto poucos escritores contemporâneos — nos quais me incluo — puderam escapar totalmente à influência directa ou indirecta de Joyce ou de Hemingway, os «materiais» no sentido em que o senhor parece entendê-los, não se encontram em nenhum destes dois livros. «E, plagiando os processos de Joyce, Dos Passos e Sterm, temos um Sir Philip Gibbs sem tirar nem pôr». De que processos pretende o senhor ao certo falar? (...) Não imitei nenhum processo dos escritores que menciona; um deles pelo menos testemunhou da minha originalidade. De facto, e com grande embaraço o confesso, nunca li o *Ulisses* de ponta a ponta; de Sterm, nunca consegui ler mais que uma página de *Tristam Shandy* e de Dos Passos li apenas *Três Soldados* (o que não exclui, claro, uma influência indirecta. E afinal, a minha originalidade própria?). Gostei de *O Sol também se levanta*, quando o li, há 12 anos, mas não voltei a lê-lo e não me parece que tenha tido alguma vez especial influência sobre mim. Se existem influências no *Vulcão*, deverão procurar-se noutras fontes e, na sua maioria, foram, assim o creio, honestamente assimiladas. Quando assim não foi, o senhor deve apenas acusar-me de falta de maturidade; comecei o livro há muito tempo, em 1936, aos 27 anos, e, irrevogàvelmente, apesar das numerosas «demãos» traz ainda as marcas desse tempo. Quanto ao facto de evocar Sir Philip Gibbs, não será muito simplesmente uma maldade gratuita da sua parte? Se o senhor quisesse ler o livro, de verdade, talvez viesse a descobrir que, nas intenções e nos factos, tem muito de cómico, uma sátira de mim próprio, por assim dizer. E não me parece, ouso dizê-lo, que uma segunda leitura, a sério, resultasse fastidiosa para si (...).



Lowry: «Acabo de chegar àquele estádio em que uma pessoa descobre que não sabe nada de nada...»

O «ESTILO DA MODA»

A sua conclusão é, suponho, feita com o propósito de desferir uma clava contra mim. «Em Lowry descobrimos outras páginas tiradas de outros estilos da moda: Henry James, Thomas Wolfe, a corrente da consciência, o surrealismo. O seu romance só poderá ser recomendado como trechos selectos e é apenas graças ao tom sério do autor que se ligam uns aos outros».

Sejam quais forem as suas razões mais gerais — que, diga-se de passagem, suponho muito sãs —, não lhe parece ter já ouvido esta passagem ou alguma coisa no género? Para mim, sim. Creio reconhecer a voz, um tanto deformada, que saudou o próprio Wolfe, sem falarmos de Faulkner, Melville e James (...).

Mas deixemos isto. É o «estilo da moda» que me fere. Vivendo na solidão, há cerca de meia dezena de anos, e na incapacidade até de comprar periódicos americanos inteligentes (no caso de o senhor o não saber desde já lhe digo que até há bem pouco tempo eram aqui proibidos), vivendo, pois, completamente à margem da civilização, não tinha maneira de saber que estilos estavam na moda... ou estavam *démodés* e não me ralava muito com isso. Quanto aos cadernos de Henry James, é certo, tentei tomá-los a sério. No que respeita à corrente de consciência (se acaso lhe interessam as fontes) William sentir-se-ia decerto lisonjeado com tal coisa. Ainda bem que o meu tom sério confere coesão à antologia. Contudo, hei-de rir-me a valer — e comigo o senhor, assim o espero — daqui a dez anos quando a voz se fizer ouvir de novo para descrever algum esforço contemporâneo sério sob pretexto de que o seu autor se limita a regurgitar os materiais de Lowry. Hei-de rir a valer, mas, por princípio, sentirei muita simpatia pelo autor, mesmo se isso for verdade.

Deixemos isso. Sendo incómodo qualquer outra forma de duelo, dada a distância, eu tinha começado esta carta com a intenção de ser tão insuportàvelmente grosseiro com o senhor. Eu tinha mesmo comprado o número de Abril da *Harper's* para me fornecer de materiais; e ganhei: eis que me saltam aos olhos, tal como a minha própria obra lhe forneceu a si munições. Com efeito, não estou eu a surpreender o senhor fustigando Steinbeck em termos quase idênticos, se bem que com mais pormenores, acusando-o de quase todos os pecados desta terra, salvo o de roubar o meu autocarro (2) — claro que o senhor não sabia que eu tinha um, no capítulo VIII (delito de que eu o inocento a ele e vice-versa) — e mencionando essa sentimentalidade egocêntrica, inestética, que acaso não seria antes o próprio sentimento inestético do senhor Barzun, se bem o entendi?

Vejamos mais outra das suas interessantes passagens:

«Nos artesãos da tradição, os Balzac, Dickens, Zola, Hardy, Dostoiewsky, até aos Sinclair Lewis e Dos Passos, encontramos uma afirmação atrás de toda a fatalidade, uma cólera ou um entusiasmo desesperados, que animam a lama e a fazem brilhar como rubis...»

Muito bem. Mas porque é que o senhor se mostra tão pronto a saltar sobre essa afirmação que se encontra por detrás da fatalidade no *Vulcão?* Tão pronto, na verdade, a deitar-se sobre ela, que mal a avista (sem dúvida por ela estar escrita em letras grandes) que esquecem totalmente a cólera e o entusiasmo desesperados que ela suplicava?...

O estilo desta carta não é bom, mas vou deixá-la assim. A semântica também não é boa, sem dúvida, nem a semântica, nem a sintaxe, nem o resto... (...).

O VULCÃO «FALA AOS ESPÍRITOS»

Creio que já disse que o *Vulcão* foi incensado e louvado por qualidades que não possui e creio que com isso eu previa dizer que tal não era razão bastante para o deitar por terra por defeitos que também não possui.

Faço votos sinceros para que o senhor o volte a ler e para que, desta vez, como não tem que fazer nenhum artigo, procure antes as qualidades que poderia ter. Fala magnificamente ao espírito (no conjunto), como creio, se conseguir suportar a bancarrota parcial do estudo dos caracteres e do que nele existe de verdadeiramente ficticio (...).

Que eu esteja no campo dos moralistas, isso não. Eu tinha mesmo feito uma crítica feroz num prefácio para a edição inglesa, que

(Continua na 7.ª página)

NOVIDADES LITERÁRIAS

Charles Dickens
DAVID COPPERFIELD

Jacinto do Prado Coelho
A LETRA E O LEITOR

Branquinho da Fonseca
RIO TURVO
3.ª edição

Vergílio Ferreira
ALEGRIA BREVE
2.ª edição

Arthur Miller
INCIDENTE EM VICHY

Balzac
O TIO GORIOT

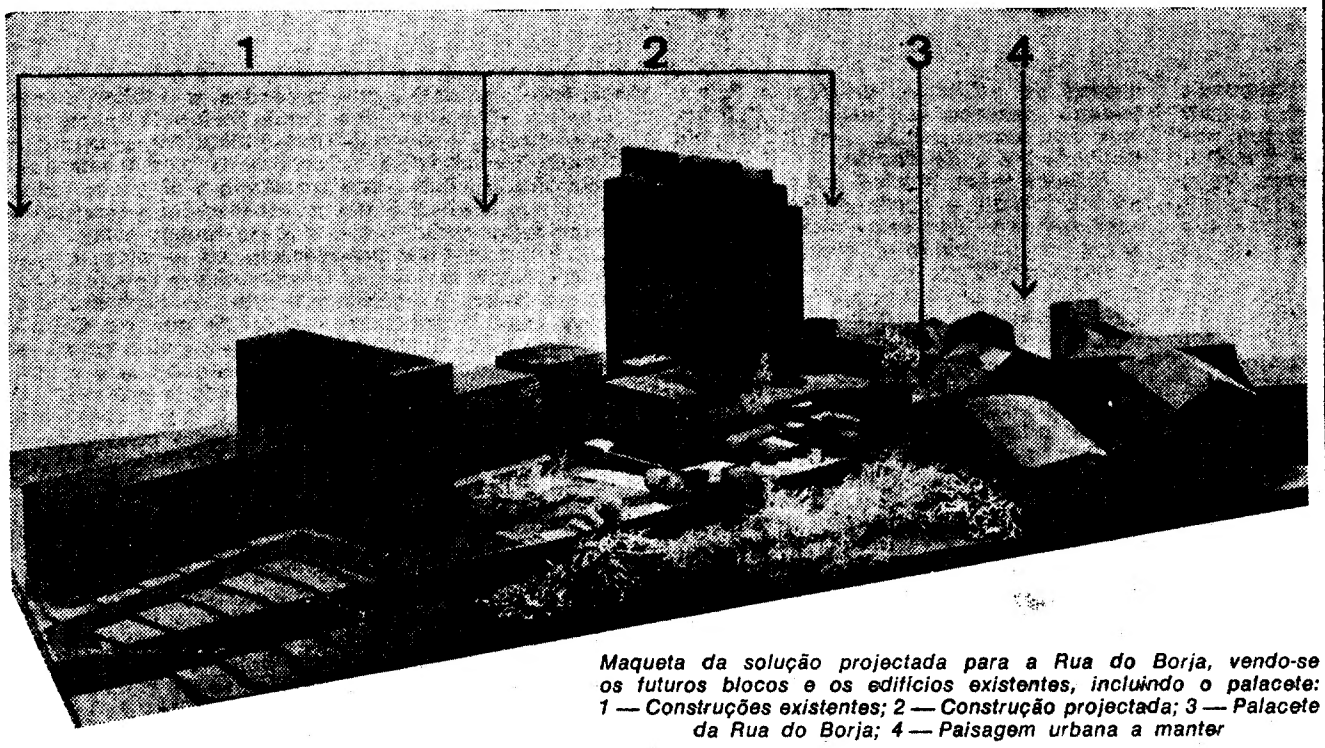
Trindade Coelho
IN ILLO TEMPORE
8.ª edição

À venda nas livrarias
e na
FEIRA DO LIVRO
stands 18 e 19

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

A propósito de oração

(Sigamos J.-A. França)



Maqueta da solução projectada para a Rua do Borja, vendo-se os futuros blocos e os edifícios existentes, incluindo o palacete: 1 — Construções existentes; 2 — Construção projectada; 3 — Palacete da Rua do Borja; 4 — Paisagem urbana a manter

por Maurício de Vasconcellos

NO ÚLTIMO NÚMERO deste suplemento José Augusto França, no folhetim artístico (ORAI POR ELES) referiu-se a todos os edifícios sacrificados na cidade a *interesses inconfessáveis*, e não só aos edifícios tomados em si, mas a todos os órgãos urbanos que gradualmente (diàriamente) cedem ao camartelo num processo acelerado de degenerescência.

É em resposta ao seu apelo «*É preciso FAZER PARAR O MASSACRE. Que a opinião publica se mobilize*» que nos parece oportuno retomar o assunto, com referência particular ao caso do palacete da Rua do Borja.

O crescimento normal orgânico da cidade envolve necessàriamente uma regeneração de tecidos — afirma José Augusto França. O problema em equação será permitir esse crescimento sem comprometer os valores históricos, sociológicos, estéticos, turísticos e até de ambiente — factor de integração das pessoas no espaço que habitam.

A análise deste problema não será tão simples (é a única reserva que temos a fazer) como a que propõe José Augusto França. Tomado em termos de *regulamento* o encargo da conservação dos valores do *espírito* recairá inteiramente sobre o particular. Mas é aos serviços públicos que compete em última análise suportar a conservação do património, e só neste caso se poderá prevenir os atentados praticados na sombra.

Por outro lado, compete aos técnicos, arquitectos, engenheiros, urbanistas, ir ao encontro do problema, integrá-lo nos esquemas de análise das soluções. Em muitos casos será assim possível contornar as dificuldades, reduzir tanto os encargos como os inconvenientes duma solução primária.

No caso particular da rua do Borja existiu um plano para construção dum conjunto de blocos, no qual a conservação do palacete não estava prevista.

Através de um novo estudo, tendo em consideração esses valores, foi possível dar satisfação ao programa de regeneração de tecidos sem exigir a demolição. Os proprietários não serão lesados no seu empreendimento de construção, e os serviços públicos não terão de suportar encargos de salvação de valores culturais.

Soluções deste tipo exigem porém elasticidade. Nem sempre cabem nos esquemas apertados dos regulamentos, que, ainda por cima, há muito aguardam revisão. O que nos parece importante é que preocupações desta natureza estejam sempre presentes no estudo de cada caso, e que se procure eliminar as dificuldades que se opõem à solução mais conveniente, quer provenham dos regulamentos quer da atribuição dos encargos.

Opera Omnia de Bocage

ENCONTRA-SE em avançada fase de preparação a edição dos OPERA OMNIA de Bocage, sob a direcção e com um prefácio geral, notas e preparação do texto do Professor Hernâni Cidade. Pela oportunidade desta realização e amplitude do seu significado, tanto para os meios intelectuais e estudiosos como para o público em geral, os OPERA OMNIA constituem o mais valioso subsídio para a compreensão do grande poeta.

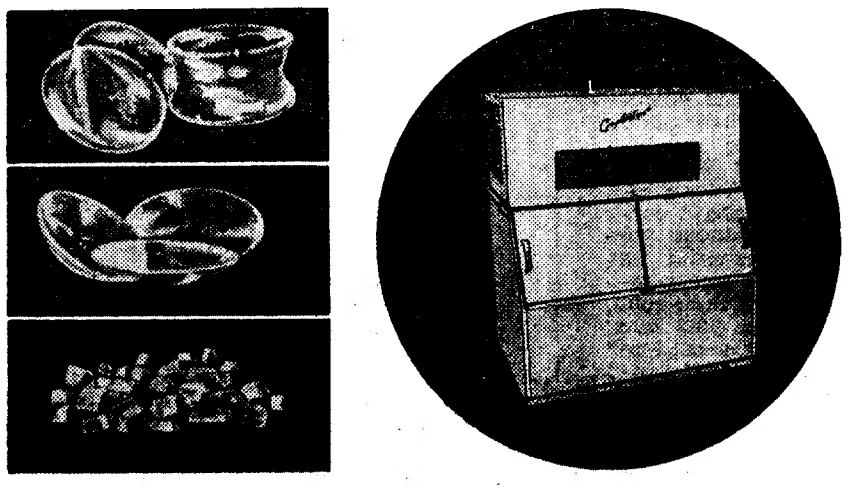
Cidade, que analisou exaustivamente o comportamento quotidiano de Manuel Maria, integra o artista no mundo, fornece-nos o sentido concreto dos seus poemas, explica-nos a relação que a realidade contraditória do tempo do Poeta estabeleceu entre a sua vivência de homem e a sua actividade de escritor. Organizados segundo as mais rigorosas normas críticas, os OPERA OMNIA são uma homenagem, até hoje única, à figura de Bocage.

Esta obra vai ser publicada pela Bertrand.

EDITORA

Pretende colaborador (a) part **ou** full time **para dirigir colecção de actualidade cultural (sociologia, arte, literatura, etc.). Resp. pormenorizando** curriculum, **interesses culturais, remuneração pretendida, etc., ao jornal, n.º 281.**

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 13 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:
MJM MANUEL J. MONTEIRO & Cª Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 366061/4 324254/6

As opções

(Continuação da 4.ª página)

cessário esclarecer o ponto de vista estético. Este é de importância tão grande como aquele.

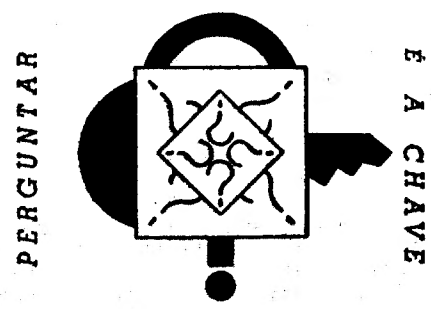
É que o artista de vanguarda só pode colocar-se na primeira linha dos mais problemáticos e questionáveis investigadores dos novos meios estéticos (isto é, meios e processos de criação de obras de arte).

Se o não fizer está limitando a própria pesquisa que empreende e criando barreiras ao desenvolvimento da comunicação.

Uma crítica acérrima dos novos métodos, materiais e recursos criadores, deve dirigir-se mais ao seu uso que deles se faz do que às suas limitações próprias ou á sua natureza aparente. E' que usar novos métodos e materiais em função de idealogias e estruturas caducas e já sabidas negativamente (embora por vezes ainda vigentes) não é o melhor caminho para a pesquisa e definição dessas novas linguagens que desde já se começam a impor.

Esses novos materiais, métodos e recursos técnicos são os prolongamentos superlativos das faculdades materiais do homem, e como tal têm de ser ensaiados, estudados e aproveitados para a maior valorização da capacidade de acção, resistência, relação a sobrevivênvia do Homem como corpo social, à superfície deste nosso cada vez mais difícil e incómodo planeta. Daí que a função experimental do artista transcenda, em muito, as simples posições individuais, e que uma pesquisa de métodos, uma investigação de materiais, um permanente interrogar de situações e dos objectos, seja o que, de facto, conta na actividade criadora. E este é o caminho das opções fundamentais que todo o artista é hoje chamado a fazer (chamado pela natureza da própria arte que pratica ou pretende praticar): O que estamos nós todos, artistas, a fazer neste pedaço circunscrito da Terra?

As respostas e perguntas deste teor levar-nos-ão a entrar para uma das categorias propostas por EZRA POUND no «ABC DA LEITURA»: os inventores; os mestres, os diluidores; os que escrevem bem; os escritores de «best sellers»; os



ditadores da moda. Categorias em que o grau de adaptação às circunstâncias é òbviamente crescente e em que a capacidade de inquietação, insatisfação e pesquisa vão progressivamente decrescendo.

Os bons escritores são os que mantêm a linguagem eficaz» — diz, também, EZRA POUND, e manter a linguagem eficaz é fazê-la «comunicante» e «carregada» em cada momento, isto é, não redundante. Pois dizer fora de tempo o que já foi dito em seu tempo devido, ou falar por razões que não são as nossas, é pior e menos comunicante do que estar calado.

E. M. DE MELO E CASTRO

René Clair

(Continuação da 8.ª página)

riodo sonoro do realizador. O juízo é fundamentalmente negativo, a glória do primeiro académico-cineasta esfarela-se, mas convirá introduzir uns matizes.

Clair é, sem dúvida, um autor e a presistência, ao longo de trinta e tal anos, de umas constantes ideológicas, temáticas e estilísticas seria mesmo surpreendentemente positiva se não revelasse de um processo de cristalização ou de um imobilismo que estão longe de ser saudáveis. É um *pequeno* autor, não o grande autor apregoado pelas clássicas Histórias do Cinema (honestas; Sadoul, Rotha; e menos honestas: Bardèche-Brasillach) e um sem-número de escritos que inventariaram, entusiasmados com tão simples tarefa, essas suas constantes tão persistentes: um anarquismo *bon enfant* e gentil entrecruzando-se com uma veia populista; a apologia da amizade e a do *clochardisme;* a marca de um surrealismo; a estruturação balética e «cançonetística» da narrativa e esse agudo sentido de estilização plástica do real que tão bem a serve.

O que se esquece em tal inventário é justamente o que torna *pequeno* o realizador. Dizer anarquismo *bon enfant* e gentil releva logo de uma contradição de termos significativa do escasso alcance que as preocupações sociais de Clair efectivamente têm. O populismo é uma moda de entre-as-duas-guerras e, como tal, ornamento superficial e caduco, não expressão de uma necessidade moral como o foi o miserabilismo do melhor neo-realismo. A apologia da amizade exerce-se, de algum modo, em detrimento do amor e do erotismo, quase sempre banalmente representados. O «surrealismo» de Clair é a transformação em tiques formais de algo que havia surgido do seu — quão superficial! — convívio com Breton ou com Picabia (veja-se *Entr'Acte*, de 1924), é algo de absolutamente esvaído de qualquer carga contestatária. Quanto à estruturação narrativa aludida, é talvez o que de mais perene possuem as obras de Clair. Mas isso não dependeu apenas dele. Muito dependeu também de excelentes compositores (Van Parys, Auric, Jaubert) e de fabulosos cenógrafos (o maior: Lazare Meerson). Por um pouco, poderia ter surgido como réplica europeia do *musical* americano. *Hélas!*

Todos os filmes ora apresentados resultam, claro, num excelente divertimento. Perante eles, o riso e o sorriso foram frequentes e sem esforço; e a execução impecável, os bons actores, o esplendor constante da fotografia causaram impressão. Mas, como em todos os divertimentos que não se assumem como tal e que falham nas suas ambições de ser «outra coisa», uma frustração constante nos tomou: é tremendamente desagradável sentir a aproximação de certas questões fundamentais, notar certas curiosas intuições de Clair, ver construir alegorias hábeis e pertinentes e ficar com isso tudo abortado em «finais» ou «segundas partes» que, numa pirueta sempre elegante, apresentam soluções de bom tom, educadas, «académicas» (bem próprias da ideologia e da moral oficiais da Academia Francesa, entenda-se — é por isto e por mais nada que Clair foi o seu eleito!)

Isto é particularmente patente nos filmes mais «empenhados» que o ciclo incluiu (em *A Nous la Liberté*, a crítica de um concreto universo concentracionário — uma fábrica que leva a prática do taylorismo a extremos òbviamente revoltantes — conduz à figuração da passagem, por meio da mecanização, do reino da necessidade ao reino da liberdade abstraindo da existência de qualquer choque entre uns meios de produção — novos — e umas relações de produção — velhas: em ritmo de ballet, o dono da fábrica oferece-a aos operários e transforma-se em *clochard* para, com um seu amigo desafortunado, ir em busca da felicidade...)

As obras menos «empenhadas» foram, assim, as que mais perenes se revelaram: não é o caso de uma *bleuette* populista como *Catorze de Julho*, agradàvelmente insignificante no seu conjunto, discutível (mais uma vez!) na sua metafórica conclusão; é, sim, o de *O Milhão* e, principalmente, o de *O Silêncio é de Ouro*, talvez a grande obra da vida de René Clair, momento de sinceridade, de desvendamento de si próprio, dos seus sentimentos, que nunca tinha ocorrido e que não se voltou a repetir. Filme «autobiográfico», sintetiza, puras de «filosofice», certas das menos contestáveis obsessões do realizador. Intenta reencontrar, nimbados de um halo nostálgico que dá origem a uma figuração plástica fascinante, certos ambientes da sua juventude e acaba desembocando numa meditação sobre o envelhecimento de razoável nobreza (ao que se poderá acrescentar que a estadia de Clair em Hollywood — se não foi feliz, como dizem, do ponto de vista criativo — fornece-lhe, no regresso a França que *O Silêncio* constitui, um tom novo, uma entusiasmante maneira de fazer cinema «à americana» sem se renegar que, infelizmente, logo nos filmes seguintes, perderá).

Clair: do anarquismo bon enfant à Academia...

Eis o balanço resumido do que nos ocorreu perante o ciclo do Lycée Français. É, a partir de agora, *possível* reavaliar Clair a partir da experiência concreta da visão dos seus filmes e não a partir do muito que foi escrito sobre ele (e isto vale para quem, como nós, não aceita a validade nem das suas concepções artísticas nem, na maior parte dos casos, dos seus resultados práticos, do mesmo modo que vale para quem o pretende continuar a considerar como o realizador francês «por excelência»: sem dados, não é possível a discussão...). Considerando da oportunidade e do valor desta iniciativa, não podemos, por outro lado, deixar de dizer que ela devia ter sido impulsionada pela Cinemateca Nacional *sem lhe alterar os moldes em que se processou* (entrada sem complicações burocráticas, debate no final de cada projecção).

É da sua obrigação! Mas, enquanto a Cinemateca se recusar a documentar integralmente sobre a evolução do cinema, tanto mais valor terão realizações como esta, em que se empenham organismos que são total (o Lycée Français) ou parcialmente (os cineclubes) estranhos a semelhante função e que se sentem moralmente levados a cumpri-la em termos de acto culturalmente *necessário*.

MANUEL MACHADO DA LUZ

Zip-zip, ou a poesia sem diferença

(Continuação da 8.ª página)

A relação a Dórdio Guimarães — autor muito produtivo, que há dias publicou *A Idade dos Lilases* —, sinto-me um pouco perplexo. Pede-me o autor que o meu juízo se faça com liberdade e independência, e, quanto a isso não há problema. Mas, efectivamente, a poesia de Dórdio Guimarães continua tão igual a si mesma, que tenho dificuldade em não me repetir. E da repetição nasce a dúvida: haverá alguma incompatibilidade fundamental entre a minha leitura e esta poesia?

Seria talvez uma boa ocasião para seguir aquele admirável conselho da crítica «arqueológica» e não vir pedir a um poeta que ele seja aquilo que ele não é nem podia ser. E, nesse caso, restava-me descobrir o verdadeiro sentido e significado da obra, colocando-a no seu tempo e apreciando-a em função dos valores que presidiram ao seu advento. Magnífico preceito, tanto mais de louvar quanto parto de uma crítica que não o pratica, veja-se apenas a incompreensão sistemática, impiedosa, e até irritada, com que ela acolhe quase toda a poesia portuguesa mais recente. É que, para a referida crítica «arqueológica», é muito mais cómodo situar uma obra no seu tempo quando esse tempo é do passado do que quando esse tempo é do presente. Mas a «arqueologia» tem o seu lugar na nossa Imprensa, e até é bom que assim seja.

Voltemos a *A Idade dos Lilases* de Dórdio Guimarães. Há neste livro, creio, uma erta aplicação mais correcta e apurada dos processos habituais do poeta. Toda a secção que se intitula «A missa dos amantes» me parece superior a tudo o que Dórdio Guimarães escreveu até hoje. A minha reserva continua, no entanto, a ser idêntica: este surrealismo surge-me excessivamente mecânico, esta violência afigura-se-me demasiado esteriotipada.

E, por outro lado, não vejo nem o sentido global que integra toda esta alucinação verbal, nem a solidez do *universo linguístico* que a deveria sustentar. Dórdio Guimarães tem um grupo de palavras de que se apropriou, mas não possui ainda um *vocabulário*. Só uma vigilância constante de cada imagem, de cada metáfora, de cada poema, poderia conduzir esta poesia ao seu amadurecimento. Por enquanto, fica-nos a sensação de uma capacidade imaginativa poderosa e de uma linguagem anárquica e descontrolada

Dórdio Guimarães: imaginação poderosa e linguagem descontrolada

Gostaria, no entanto, de citar o que me parece ser um dos melhores poemas de *A Idade dos Lilases*

são os elefantes marchando de ma-
[nhã para o cemitério
e dançam os corpos de vinte anos
[com as plantas
e dançam com as pedras com as ár-
[vores com as flores
e danço eu que vou morrer ao ar
[enfim livre
e certamente é a paz que faz mor-
[rer os paquidermes
e os impele adentro o dia discretos
[como uma carícia
e os jovens vibram sua voz com a
[decisão de um canto
de trunfo de anúncio de triunfo
são os elefantes

que só fale a natureza a palavra
[sem perigo
marcham lentamente bondosos de
[silêncio e morte
quero morrer feliz e claro vivam os
[jovens amanhã
são os elefantes

são os elefantes

são os elefantes.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Leonel Neves, natural do Algarve, Col. Poesia e Verdade, Guimarães Editores, Lisboa, 1968.
Dórdio Guimarães, *A Idade dos Lilases*, Lisboa, 1969.

Malcolm Lowry

(Continuação da 5.ª página)

eles não quiseram. Assim, eu tinha... mas deixemos este assim. Fiz a conclusão: todo o pedido de utilização por sociedades de temperança deverá ser acompanhado de uma caixa de *scotch* a enviar ao autor. Volte, pois, a colocar este livro no seu lugar na prateleira do «tudo a um franco», onde o encontrou (...).

PORQUE NÃO A CABALA?

Lembre-se também de que, pelo menos no tocante ao cônsul, eu julgava sinceramente ser um pioneiro, apesar do *Assomoir* (...).

E se o senhor procura fontes, por que não a cabala? A cabala está apenas no subsolo do livro, mas o senhor descobriria que a própria cabala se identifica com o «jardim» e o abuso do vinho com o abuso dos poderes mágicos, e daí com a destruição do jardim e daí com o mundo. Este mito limitou-me talvez um pouco: pois mesmo que simpatizemos com Mefistófeles. Fausto é outra coisa. Mas talvez eu esteja apenas a citar isto para que o senhor veja como o livro poderia ter-lhe causado ainda mais repugnância se eu tivesse colocado este tema ao nível aparente. Creio firmemente, contudo, nos méritos positivos do livro. (Não sei se Sir Philip Gibbs pensou alguma vez na cabala, mas tenho o atroz pressentimento de que este tema é justamente do género capaz de o atrair).

Em todo o caso, neste momento estou a escrever outro livro (notícia que não lhe interessa a si) que trata *grosso modo* do castigo especialmente reservado às pessoas cuja falta de humor é tanta que as leva a escrever livros como *Debaixo do Vulcão*. Até agora estou mesmo convencido de que nunca se escreveu nada sobre o assunto, mas o senhor pode estar certo de que logo que eu acabe de o escrever...

Sans blague! (3) Temos o desejo de nos instruirmos mais e mais para sermos um escritor ainda melhor, para pensarmos com acerto e gostaríamos de nos instruir ainda mais. A despeito de uma espécie de educação dita superior (em Cambridge, Inglaterra), acabo de chegar àquele estádio em que uma pessoa descobre que não sabe nada de nada. Parafraseando Melville, um cargueiro foi a minha verdadeira Yale, a minha verdadeira Harvard. Assimilei, sem dúvida, uma porção de coisas que não me faziam falta, mas o instinto guia o artista válido (e tenho a impressão de que o sou, embora seja eu próprio quem o diga) para aquilo que lhe convém. E assim, se, em vez de terminar esta carta dizendo «Deus o cumule de dor e doença» eu a terminar dizendo que lhe ficaria imensamente grato se o senhor quisesse um dia deitar a sua toga pela janela fora e fazer algumas observações deste lado de cá da Terra sobre a interpretação da História, mais especialmente sobre a arte de escrever e o mundo em geral. Espero que não iria por mau caminho. Sei que não vai fazer isso, mas tanto pior para si.

Saudações cordiais,

MALCOLM LOWRY

(1) Crítico e professor americano.

(2) Malcolm Lowry faz alusão do romance ao John Steinbeck «Os Náufragos do Autocarro».

(3) Em francês, no texto.

Os subtítulos são da redacção do «Le Monde», aonde todo o artigo foi extraído, e entendeu-se útil mantê-los na tradução.

O Feitiço do Branco
por A. LOPES MARQUES
Romance de África
— Cenas da vida na Zambézia
1 volume de 300 páginas — 50$00
Edição da LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA
Lisboa — Porto — Coimbra — Faro

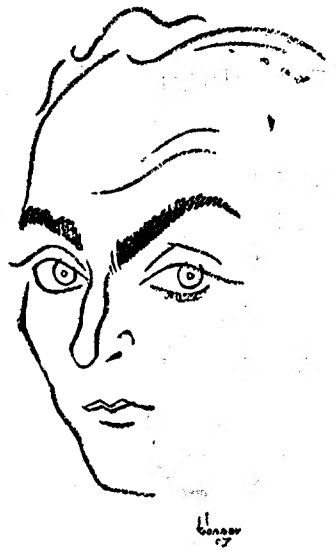
crítica

ZIP-ZIP OU A POESIA SEM DIFERENÇAS

por Eduardo Prado Coelho

NO momento em que escrevo, não apareceu ainda um novo programa de televisão que se irá chamar ZIP. Mas vale a pena lembrar a resposta de Raul Solnado (produtor, entre outros, do programa) ao justificar a escolha de um tal nome: «Chama-se ZIP porque não queremos que se confunda com ZAP, ZEP ou ZUP. Nem mesmo com a «Tv. Rural.»

Ora, se esta resposta nos interessa, é porque nela se entrevê a descoberta intuitiva de que as palavras significam fundamentalmente pelo seu *valor diferencial*, isto é, por aquilo que num dado sistema as distingue de todas as outras: a marca da sua diferença. Este princípio, que toda a linguística conhece já de cor, tem também a sua utilidade na análise literária. Efectivamente, no *sistema linguístico* de um autor, cada palavra vale pela sua relação de diferença com todas as outras palavras do mesmo sistema. Arquitectura de diferenças subtis e infinitas que em cada poema se actualiza: mas só assim uma escrita adquire a sua maturidade, a sua autonomia e a sua força.



Leonel Neves: um Algarve demasiado turístico

POIS bem: nos dois autores de que me irei brevemente ocupar, esse sistema linguístico não chega a tomar verdadeira consistência. Não é isto uma opinião radicalmente negativa. Há nas duas obras de poesia a que me estou a referir vários aspectos de inegável interesse. No entanto, julgo que o essencial não chega a ser atingido. Os dois autores, rondando o lugar da poesia, não chegam a preenchê-lo. E daí a insatisfação que sucede à leitura das suas obras.

O primeiro poeta é Leonel Neves, e publicou um livro que se intitula *Natural do Algarve* (*). Numa primeira parte mais curta, temos uma espécie de autobiografia poética que nos narra sentimentos e episódios pitorescos da infância e da adolescência. Na segunda parte, é a história, a paisagem, a memória, a cor do Algarve que começam a tomar corpo e espaço e se recitam perante nós. Contudo, julgo que tudo isto está ainda demasiado próximo do acidental. E, por outro lado, cada faceta da poesia de Leonel Neves vem evocar-me outros poetas que, a partir de temas análogos, atingiram resultados mais convincentes. Por exemplo, os quadros da infância na província não suportam o confronto com o que Alexandre Pinheiro Torres nos deu em *Ilha do Desespero*. Há aqui um excesso de literatura e convencionalismo a par de uma inabilidade verbal que quebra por vezes o ritmo do poema. E neste domínio das recordações autobiográficas, zona temática muito delicada e vulnerável, qualquer deslize é logo comprometedor. É certo que Leonel Neves nos dá alguns poemas bem construídos (e estou a lembrar-me de «Sabina»). Mas o resultado geral é um pouco frustre.

NUMA segunda parte, as coisas melhoram, e a restituição da atmosfera algarvia proporciona alguns versos de interesse. Também aqui as influências são muitas e nem sempre bem aproveitadas. Veja-se, por exemplo, no jeito descritivo de Cesário:

Mestres e contramestres, companheiros,
maquinistas e moços aprendizes
de cercos e traineiras, mais felizes,
na batalha do mar os cavaleiros;
e os das lanchas à vela, na gaguez
da brisa ou cólera de vento e mares;
e os que remam sòzinhos ou aos pares
nos seus botes, minúsculas galés,

Notemos ainda a ingenuidade dos ritmos e das formas populares, que o poeta utiliza com bastante frequência:

Como a foz do rio Arade,
como o cais de Portimão,
há-de haver tão lindos, há-de
mas mais lindos é que não!

E os aspectos mais interessantes deste livro — que nos fala de um Algarve demasiado lendário ou demasiado turístico, de um Algarve que está muito longe do Algarve essencial de Sophia de Mello Breyner Andresen — são talvez aqueles em que a poesia, combinando elementos dos romances populares com uma certa ousadia verbal própria das estéticas de hoje, nos dá passos como este:

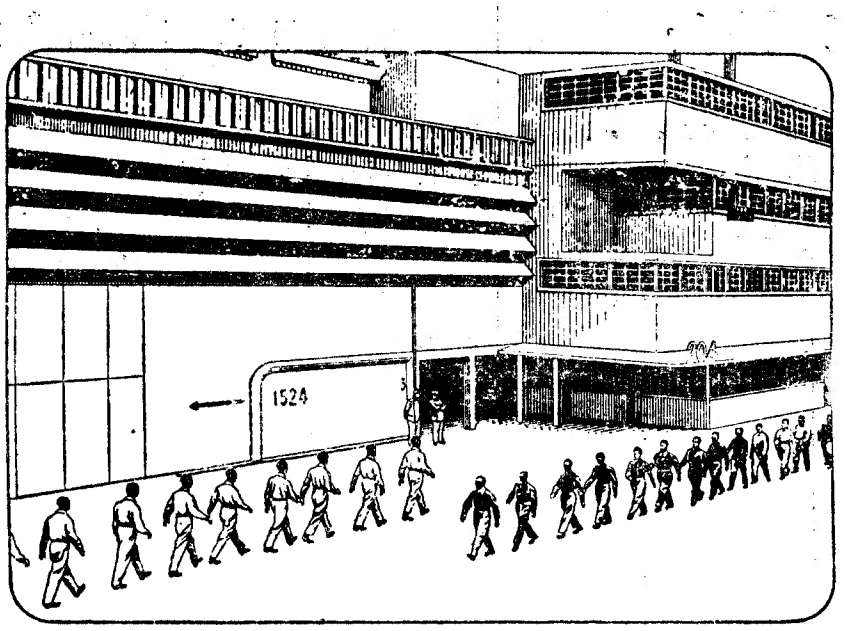
Num quartinho da Ribeira,
a moça nua, deitada
na esteira de secar peixe,
ouviu bater à janela,
afastou a manta de ar
e abriu a janela à lua.
Junto das Portas do Mar,
homens, acamando as redes,
cantam tão antigamente
que ou vão morrer esta noite
ou vão buscar as sereias.

No Mercado dos Escravos,
falso chicote de brisa
afaga escravas de sombra
ou só de sombra vestidas,
que são pesadas, trocadas
por moedas de luar.
Lá na praia da Don'Ana,
num leito de areia fria,
teu corpo gasto há-de ter
a idade dos teus olhos,
e na paz do desencanto
sonhará por nós a lua...
Na cidade enfeitiçada,
ai! — só a lua é concreta.

E vale a pena citar ainda o modo como o poeta organiza no corpo do poema e descrição impregnada de vestígios de lenda:

Não foi o sol que hoje nos trouxe o dia;
foi este desgrenhado mar cinzento,
arauto de um cavalo peconhento
envolto em vespas de neurastenia,
corpo de areia, olhos de espuma, patas de ar
e crinas de memória póstuma a inventar
em cada rua, em cada casa, em cada porto,
o ataque moiro de um passado morto.

(Continua na 7.ª página)



A nous la liberté! (1931)

As elegâncias académicas de RENÉ CLAIR

por Manuel Machado da Luz

REALIZADOR FRANCÊS «por excelência», René Clair encarregou-se (foi encarregado) de representar o cinema na Academia Francesa a partir de 1962. Monstro sagrado que finalmente se instalava sob uma cúpula que abriga as mais contestáveis glórias da literatura gaulesa, era toda uma concepção artística que ganhava cartas de nobreza em detrimento de umas outras, bem mais vitais, que a ela se tinham que opor. Era no entanto, impossível atacá-la, via René Clair, num Portugal em que os «clássicos» do cineasta só existiam na memória nostálgica dos nossos mais velhos e em que apenas conhecíamos dois ou três dos seu mais recentes filmes: nem *O Vagabundo dos Sonhos* nem *A Porta dos Lilases* nos entusiasmavam, do mesmo modo que não nos viriam a entusiasmar, posteriormente, nem o inenarável / *Todo o Ouro do Mundo*, nem o medíocre *sketch* das *3 Verdades* (4, no original) nem o, aliás amável, *Festas Galantes*. De que se tratava? De um cinema das meias medidas, impertinente mas não muito, sonhador e fantasioso mas «cartesiano», brilhante mas quase lambido, filosofante mas a cair no lugar comum, de um cinema bem educado, agradável como uma conversa de salão, tão evasivo e cheio de mesuras quanto se quiser e apimentado, aqui e ali, com umas «inconveniências» fàcilmente digeríveis no contexto. Só o viemos a descobrir agora (embora os filmes citados e a entrada de Clair para a Academia pela mão de M. Jacques de Lacretelle não fizessem esperar senão isso).

Michel Simon em O preço da juventude *(1949)*

René Clair: sem dúvida um autor, mas... um pequeno autor

É que o Lycée Français Charles Lepierre de Lisboa, em colaboração com os três cineclubes da cidade — ABC, Imagem e Universitário —, promoveu, entre 2 e 21 deste mês, um ciclo restrospectivo dedicado a René Clair que englobava precisamente os «clássicos» do realizador: excelentes cópias de seis filmes produzidos entre 1931 e 1952 foram projectadas, acompanhadas de uma brochura criteriosamente elaborada e de uma série de colóquios. Um publico misto de cineclubistas e de elementos da colónia francesa viu, assim, *Le Million* (*O Milhão*, 1931), *A Nous la Liberté* (1831), *Le Quatorze Juillet* (*Catorze de Julho*, 1932), *Le Silence est d'Or* (*O Silêncio é de Ouro*, 1947), *La Beauté du Diable* (*O Preço da Juventude*, 1949) e, finalmente, o já citado *Vagabundo dos Sonhos* (*Les Belles de Nuit*, 1934) (lamentando-se por não ter visto *Le Dernier Milliardaire* — *O Ultimo Milionário*, 1934 —, um sétimo filme que o ciclo anunciava e que não se exibiu por razões que permanecem obscuras).

Daqui resulta ser possível afirmar que o que conhecíamos de Clair está longe de constituir uma fase descendente na sua obra e que, pelo contrário, resulta numa lógica continuação do que o ciclo propôs; o pouco entusiasmo a que aludimos acima é, pois generalizável a todo o pe-

(Continua na 7.ª página)